



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras - Campus de Araraquara

LETÍCIA GASPAR PINTO

“O QUE QUE NÓI VAI FAZÊ CUISSO?”: Um estudo sobre alternância pronominal e significados sociais em Muzambinho-MG e em Cabo Verde-MG



ARARAQUARA – SP

2022

LETÍCIA GASPAR PINTO

“O QUE QUE NÓI VAI FAZÊ CUISSO?”: Um estudo sobre alternância pronominal e significados sociais em Muzambinho-MG e em Cabo Verde-MG

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Análise Fonológica, Morfossintática, Semântica e Pragmática

Orientadora: Profa. Dra. Rosane de Andrade Berlinck

Bolsa: CAPES

ARARAQUARA – SP

2022

P659"

Pinto, Letícia Gaspar

"O que que nói vai fazê cuiisso?" : Um estudo sobre alternância pronominal e significados sociais em Muzambinho-MG e em Cabo Verde-MG / Letícia Gaspar Pinto. -- Araraquara, 2022

159 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara

Orientadora: Rosane de Andrade Berlinck

1. Pronomes de primeira pessoa do plural. 2. Significados sociais. 3. Variação e mudança linguísticas. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

LETÍCIA GASPAR PINTO

“O QUE QUE NÓI VAI FAZÊ CUISSO?”: Um estudo sobre alternância pronominal e significados sociais em Muzambinho-MG e em Cabo Verde-MG

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Conselho, Programa de Pós em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Análise Fonológica, Morfossintática, Semântica e Pragmática

Orientadora: Profa. Dra. Rosane de Andrade Berlinck

Bolsa: CAPES

Data da defesa: 04/02/2022

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidenta e Orientadora: Profa. Dra. Rosane de Andrade Berlinck
Universidade Estadual Paulista - UNESP / FCLAR

Membra Titular: Profa. Dra. Livia Oushiro
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Membro Titular: Prof. Dr. Cássio Florêncio Rubio
Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR

*Com muito amor e gratidão, dedico esta dissertação aos meus pais, Maria Eloisa e Eduardo,
as pessoas que mais me apoiam a seguir esta jornada.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus por me permitir viver a realização de mais um sonho. Diversas vezes, pedi a Ele que me concedesse sabedoria e luz necessárias para conduzir este trabalho da melhor forma possível. Sem dúvidas, sei que Ele me atendeu e esteve comigo durante todos os momentos, tanto nos momentos bons quanto nos momentos mais desafiadores.

Aos meus pais, Maria Eloisa e Eduardo, e ao meu irmão, Lucas, que sempre me incentivaram a seguir esse caminho e me deram todo o suporte necessário para que eu chegasse até aqui. Agradeço por todas as nossas conversas, que me acalmaram e recarregaram as minhas energias. Vocês são a minha força e o meu maior amor!

Aos meus avós, tios e primos por estarem sempre do meu lado, por toda preocupação e oração. O apoio de vocês foi fundamental!

Ao meu namorado, Rodrigo, que esteve comigo em todas as etapas deste sonho e que sempre acreditou em mim, me incentivando diariamente. Agradeço por cada momento compartilhado, por estar sempre disposto a me ajudar e por tornar essa caminhada bem mais leve e colorida. Você é o meu ponto de paz!

À minha segunda família, meus sogros, meus cunhados e minha afilhadinha, Maria Júlia, por terem me acolhido sempre com muito amor e carinho.

À minha orientadora, Rosane de Andrade Berlinck, exemplo não só de profissional, como também de ser humano, por todo o conhecimento compartilhado, por toda delicadeza e compreensão. Serei eternamente grata por tudo que aprendi com você durante esses seis anos, por cada conversa que tivemos, pela amizade que construímos e por todos os encontros que foram essenciais para a minha formação.

À professora Sabrina Balsalobre por ter me inserido no universo da pesquisa e da Sociolinguística, por suas palavras sempre doces e sábias.

À professora Livia Oushiro, pelas valiosas contribuições a este estudo, pela participação na banca tanto do exame de qualificação quanto da defesa e pelas aulas incríveis de estatística.

Ao professor Cássio Florêncio Rubio, por ter debatido o meu trabalho atenciosamente no SELIN, pela participação nas bancas de qualificação e de defesa, e pelas ricas discussões.

Aos meus amigos de Araraquara, Ingrid, Nayara, Fernanda, Beatriz, Heldinho e Renan, por todos os momentos alegres que passamos juntos e por toda força que me deram desde o início da graduação. Vocês são um dos maiores presentes que a UNESP me deu!

Aos meus amigos de Muzambinho, em especial Isa, Lu, Dé, Bella, Cíntia, Iana, Otávio, Alex e Lanna, por serem uma constante fonte de apoio, de incentivo, de amor e de muita parceria. Sou grata por ter vocês comigo durante esses quase vinte anos de amizade. Vocês são essenciais na minha vida!

Aos meus amigos do Solar -Núcleo de Pesquisas em Sociolinguística de Araraquara-, pelas reuniões tão agradáveis e produtivas, pelas discussões realizadas e pelas contribuições que fizeram no meu trabalho. Em especial, gostaria de agradecer à Milena, minha parceira de vida acadêmica, por, mesmo de longe, sempre se fazer presente, me ajudando e me acalmando em várias situações. Agradeço também ao Marcus, por todo conhecimento compartilhado e por ser sempre tão generoso comigo e com todos que estão ao seu redor.

Aos meus amigos de Cabo Verde, especialmente à Cláudia e à Letícia, que foram a minha inspiração para este trabalho. Agradeço imensamente não só pela amizade, como também por tudo o que fizeram por mim durante esse período.

Aos meus informantes, que, mesmo em tempos pandêmicos, me receberam tão bem, agradeço por terem compartilhado comigo um pouco de suas vivências.

A todos os funcionários da UNESP, em especial ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa, por toda a atenção e auxílio.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

RESUMO

Com base na Teoria de Variação e Mudança Linguísticas, este trabalho estuda as falas de Muzambinho-MG e Cabo Verde-MG, ambas conhecidas por suas características rurais. O fenômeno linguístico analisado é a alternância entre as formas pronominais que representam a 1ª pessoa do plural na posição de sujeito. Seleccionamos esse objeto de estudo pelo fato de que, além da variação entre *nós* e *a gente*, percebemos também que há uma variação fonológica, visto que os habitantes dessa região fazem o uso das variantes “*nóis*” e “*nói*”. Os objetivos gerais desta pesquisa são estabelecer localmente os significados sociais das formas em variação, e verificar se há um possível processo de mudança linguística em tais usos. Para isso, analisamos, comparativamente, a fala de informantes com faixas etárias distintas e não contínuas, e identificamos quais são os fatores que explicam os usos das formas variantes: linguísticos e extralinguísticos. Foi construída uma amostra de entrevistas sociolinguísticas com 24 informantes, sendo 12 de cada município, de diferentes faixas etárias, divididos entre homens e mulheres, com níveis de escolaridade distintos. Para acessar os significados sociais, houve a aplicação de um questionário de reações subjetivas. A partir disso, verificou-se uma oposição entre *nói* e *a gente*, uma vez que um mesmo falante, quando utiliza a variante *nói*, é avaliado como pouco escolarizado, caipira e morador de bairros rurais, e quando utiliza *a gente*, é considerado escolarizado, de classe social alta e morador de condomínios fechados. Em relação às análises de produção linguística, percebeu-se que as duas comunidades se diferenciam na distribuição de uso dos pronomes: em Cabo Verde, há um equilíbrio entre as variantes, havendo 51% de *nós* e 49% de *a gente*; já em Muzambinho, há um maior uso de *a gente* (58%). Além disso, ao incluir as variantes fonológicas de *nós* na análise, observamos que, em ambas as cidades, a variante *nós* é pouco utilizada, estando restrita ao falar de pessoas com ensino superior das faixas etárias 2 (35-50 anos) e 3 (mais de 60 anos). Quanto à variante *a gente*, em Cabo Verde, ela é mais usada: por mulheres e pelas pessoas das faixas etárias 2 (35-50 anos) e 3 (mais de 60 anos) e, em Muzambinho: por pessoas graduadas; e, também, por indivíduos das faixas 2 (35-50 anos) e 3 (mais de 60 anos). Por outro lado, a variante *nói* é mais utilizada, em Cabo Verde, por homens e por jovens (18-25 anos) e, em Muzambinho, por pessoas sem ensino superior e por jovens (18-25 anos).

Palavras-chave: Pronomes de primeira pessoa do plural. Significados sociais. Variação e mudança linguística.

ABSTRACT

Based on the Theory of Language Variation and Change, this work studies the speech of Muzambinho-MG and Cabo Verde-MG, both known for their rural characteristics. The linguistic phenomenon analyzed is the alternation between the pronominal forms that represent the 1st person plural in the subject position. We selected this object of study because, in addition to the variation between *nós* and *a gente*, we also noticed that there is a phonological variation, since the inhabitants of this region make use of the variants “*nóis*” and “*nói*”. The general objectives of this research are to establish locally the social meanings of the forms in variation, and to verify if there is a possible process of linguistic change in such uses. For this, we comparatively analyzed the speech of informants with different and non-continuous age groups, and we identified which are the linguistic and social factors that explain the uses of variant forms. A sample of sociolinguistic interviews was built with 24 informants, 12 from each city, of different age groups, divided between men and women, with different levels of schooling. To access the social meanings, a questionnaire of subjective reactions was applied. From this, there was an opposition between *nói* and *a gente*, since the same man, when using the *nói* variant, is perceived as poorly educated, country dweller and resident of rural neighborhoods, and when using *a gente*, is considered educated, of high social class and resident of closed condominiums. Regarding the analysis of linguistic production, it was noticed that the two communities differ in the distribution of use of pronouns: in Cabo Verde, there is a balance between the variants, with 51% of *nós* and 49% of *a gente*; on the other hand, in Muzambinho, there is a greater use of *a gente* (58%). Furthermore, when including the phonological variants of *nós* in the analysis, we observed that, in both cities, the variant *nós* is little used, being restricted to people with higher education in age groups 2 (35-50 years) and 3 (over 60 years). As for *a gente*, in Cabo Verde, it is most used: by women and people aged 2 (35-50) and 3 (over 60) and, in Muzambinho: by graduates; and also by individuals in groups 2 (35-50 years old) and 3 (over 60 years old). On the other hand, *noi* is more used, in Cabo Verde, by men and young people (18-25 years old) and, in Muzambinho, by people without higher education and by young people (18-25 years old).

Keywords: First person plural pronouns. Social meanings. Variation and linguistic change.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - O contínuo de urbanização	24
Figura 2 - A conjugação verbal na fala popular	42
Figura 3 - A localização de Cabo Verde-MG e Muzambinho-MG.....	51
Figura 4 - A igreja Matriz Nossa Senhora da Assunção.....	53
Figura 5 - Cabo Verde, Terra do Café	55
Figura 6 - A cidade de Muzambinho-MG	57
Figura 7 - Brasão de Muzambinho-MG	60
Figura 8 - <i>Continuum</i> de urbanização.....	65
Figura 9 - A simplicidade e a humildade.....	67
Figura 10 - A constituição da amostra.....	73
Figura 11 - Adjetivos que caracterizam o modo de falar das cidades	92
Figura 12 - Adjetivos utilizados para descrever o falante do primeiro áudio (nói).....	99
Figura 13 - Adjetivos utilizados para descrever o falante do segundo áudio (a gente).....	101
Figura 14 - Adjetivos utilizados para descrever o falante do terceiro áudio (nóis).....	102
Figura 15 - <i>Continuum</i> de ruralidade.....	110
Figura 16 - <i>Continuum</i> de prestígio social	111

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Análise dos áudios segundo a cidade	95
Gráfico 2 - Proporção do uso dos pronomes	112
Gráfico 3 - Proporção do uso dos pronomes (variável quaternária).....	113
Gráfico 4 - Proporção do uso dos pronomes segundo o local de nascimento	115
Gráfico 5 - Proporção do uso dos pronomes segundo o local de nascimento (variável quaternária).....	117
Gráfico 6 - Proporção do uso dos pronomes segundo o sexo/gênero.....	119
Gráfico 7 - Proporção do uso dos pronomes segundo o sexo/ gênero (variável quaternária)	120
Gráfico 8 - Proporção do uso dos pronomes segundo a escolaridade	121
Gráfico 9 - Proporção do uso dos pronomes segundo a escolaridade (variável quaternária).	122
Gráfico 10 - Proporção do uso dos pronomes segundo a faixa etária	124
Gráfico 11- Proporção do uso dos pronomes segundo a faixa etária (variável quaternária)..	125
Gráfico 12 - Proporção do uso dos pronomes segundo a relação do informante com o campo	127
Gráfico 13 - Proporção do uso dos pronomes segundo a relação do informante com o campo (variável quaternária).....	128
Gráfico 14 - Cruzamento entre o sexo/ gênero e a relação do informante com o campo.....	129
Gráfico 15 - Proporção do uso dos pronomes segundo o grau de determinação do sujeito ...	130
Gráfico 16 - Proporção do uso dos pronomes segundo a concordância verbal.....	132
Gráfico 17- Proporção do uso dos pronomes segundo a concordância verbal (variável quaternária).....	133
Gráfico 18 - Proporção do uso dos pronomes segundo a saliência fônica	134
Gráfico 19 - Proporção do uso de nós segundo a saliência fônica e a concordância verbal ..	135
Gráfico 20 - Proporção do uso dos pronomes segundo o tempo verbal	138
Gráfico 21 - Proporção do uso do nós segundo o tempo verbal e a concordância verbal	139
Gráfico 22 - Proporção de uso dos pronomes segundo o tempo verbal	139
Gráfico 23 - Proporção do uso do nós segundo o tempo verbal e a concordância verbal	140

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Índice de urbanização.....	62
Quadro 2 - Áudios do questionário de reações subjetivas.....	75
Quadro 3 - Relação do informante com o campo.....	84
Quadro 4 - Grau de Determinação do Sujeito.....	86
Quadro 5 - Concordância verbal.....	87
Quadro 6 - Saliência fônica.....	88
Quadro 7 - Tempo verbal.....	90

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	18
2.1 A Sociolinguística Variacionista: conceitos fundamentais	18
2.1.1 A Teoria da Variação e Mudança Linguísticas	18
2.1.2 “Ecologia do Português Brasileiro”: O <i>contínuo de urbanização</i> de Bortoni-Ricardo...23	
2.2 A alternância entre <i>nós</i> e <i>a gente</i>	25
2.3 A ditongação diante de /S/	35
2.4 O apagamento da sibilante /S/ em posição de coda	38
2.5 Os significados sociais da variação linguística.....	42
2.6 Os aspectos históricos e sociais da cultura caipira	48
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	51
3.1 Universo da pesquisa	51
3.1.1 Cabo Verde-MG	52
3.1.2 Muzambinho-MG	56
3.1.3 Índice de urbanização	60
3.1.4 A visão dos moradores	68
3.2 O <i>Corpus</i>	72
3.3 Envelope de variação	78
3.4 Variáveis independentes	81
3.4.1 Variáveis extralinguísticas.....	81
3.4.2 Variáveis linguísticas.....	85
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	91
4.1 Questionário de reações subjetivas.....	91
4.1.1 Momento 1.....	91
4.1.2 Momento 2.....	94
4.1.3 Momento 3.....	103
4.1.4 Síntese dos resultados	109
4.2 Produção linguística	112
4.2.1 Visão geral dos resultados	112
4.2.2 Análises univariadas	114
4.2.2.1 Variáveis extralinguísticas.....	115
a) Local de nascimento	115
b) Sexo/ gênero	118

c) Escolaridade.....	121
d) Faixa etária	123
e) Relação do informante com o campo	126
4.2.2.2 Variáveis linguísticas.....	129
a) Grau de determinação do sujeito	129
b) Concordância verbal.....	131
c) Saliência fônica	134
d) Tempo verbal.....	137
4.2.3 Síntese dos resultados	141
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	143
6. REFERÊNCIAS	146
7. APÊNDICES	155
APÊNDICE I.....	155
APÊNDICE II.....	157

1. INTRODUÇÃO

Nos últimos trinta anos, a variação na expressão da primeira pessoa do plural, alvo de análise deste trabalho, tem sido amplamente investigada no português brasileiro em diferentes regiões do país (VIANNA, LOPES, 2015). De um modo geral, esse fenômeno pode ser caracterizado como uma mudança linguística em progresso, haja vista que o processo de substituição de *nós* por *a gente* está em um estágio bastante avançado em algumas localidades do Brasil, sendo liderado, principalmente, por jovens, mulheres e pessoas com um maior nível de escolaridade (VIANNA, LOPES, 2015; FREITAG, 2016).

De acordo com Vianna e Lopes (2015), os diversos estudos sobre o fenômeno em questão analisaram, predominantemente, o comportamento linguístico das capitais brasileiras, deixando, em segundo plano, a análise de municípios interioranos, com exceção da região Sul, em que tal variação já foi descrita no interior dos três estados. Nesse sentido, torna-se necessário investigar mais a fundo como está acontecendo esse processo de mudança fora dos grandes centros urbanos, nas demais regiões do Brasil, em comunidades com características distintas, como áreas rurais ou *rurbanas*¹ (BORTONI-RICARDO, 2004).

Com base nessas ideias e na Teoria da Variação e Mudança Linguísticas (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 1968; LABOV, 1972, 1994, 2001), esta pesquisa estuda a alternância entre as formas pronominais que representam a primeira pessoa do plural na posição de sujeito nas falas de Cabo Verde-MG e de Muzambinho-MG, cidades vizinhas, situadas no sudoeste do estado de Minas Gerais. Esses municípios, além de apresentarem uma baixa concentração populacional, 13.823 habitantes e 20.430 habitantes (IBGE, 2010), respectivamente, possuem alguns traços rurais, os quais, provavelmente, se refletem na variedade linguística falada por seus moradores.

Tais traços estão presentes nessa região porque, desde o século XIX, a principal atividade econômica desenvolvida é o cultivo do café (CARVALHO, 1998). Em consequência disso, essas comunidades estão ainda muito voltadas para o campo, sendo formadas, majoritariamente, por pessoas que possuem ou já possuíram certo tipo de vínculo com a zona rural e que preservam algumas de suas tradições culturais. Sendo assim, observa-se que Cabo Verde-MG e Muzambinho-MG podem ser consideradas áreas *rurbanas* (BORTONI-RICARDO, 2004).

¹ Consoante às ideias de Bortoni-Ricardo (2004), áreas *rurbanas* são pequenas cidades ou distritos formados por pessoas que vieram da zona rural e que mantêm alguns traços de sua cultura de origem, sofrendo também influência de elementos urbanos, como a mídia e a tecnologia.

A escolha por esses municípios como lugares a serem pesquisados justifica-se, portanto, pela necessidade de compreender como está ocorrendo a implementação da mudança em comunidades menos urbanizadas, de modo a investigar se o comportamento linguístico dessas localidades se assemelha ou não ao dos grandes centros, em que a variante *a gente* é mais utilizada pelos jovens, enquanto *nós* é mais utilizada pelos mais velhos (OMENA, 1986; MENON, 1995; LOPES, 2002, 2003, 2007; VIANNA, LOPES, 2015).

Além disso, este estudo busca contribuir para o mapeamento do português falado no Brasil, um dos objetivos da Sociolinguística brasileira, dado que essas cidades nunca foram estudadas do ponto de vista linguístico anteriormente, exceto na pesquisa de Iniciação Científica desenvolvida por esta pesquisadora (PINTO, 2019). Ademais, intenta-se, com a realização deste trabalho, dar voz ao falar de pessoas, que, muitas vezes, são silenciadas em virtude do preconceito linguístico enraizado em nossa sociedade.

Na pesquisa de Iniciação Científica (PINTO, 2019), analisou-se, por meio de áudios do aplicativo WhatsApp, a alternância entre as formas pronominais de primeira pessoa do plural na fala de jovens (18 a 25 anos) que nasceram e viveram em Cabo Verde-MG e em Muzambinho-MG. A partir dessa investigação, observou-se que o fenômeno em questão apresenta contornos específicos nessas comunidades, pois, além da variação entre *nós* e *a gente*, variação muito comum no português brasileiro, há também uma variação fonológica, uma vez que os habitantes dessa região fazem o uso das variantes *nóis* e *nói*.

Ao analisar essas variantes, percebe-se que *nós*, forma prescrita pelas gramáticas normativas (ALMEIDA, 1999; CUNHA E CINTRA, 2008), sofreu um processo de ditongação, resultando em *nóis*, que tem o seu uso já bem consolidado no português brasileiro (AMARAL, 2014; ROCHA, SILVA, NEVES, 2015). Essa variante ditongada, por sua vez, pode sofrer um apagamento da sibilante em coda, gerando a forma *nói*. Na presente pesquisa, tais variantes serão incluídas em nossas análises, não só porque esse olhar para a morfofonologia ainda é pouco explorado pelos estudos sociolinguísticos², mas também porque a presença delas, possivelmente, faz com que outros valores sejam atribuídos às formas em variação.

Como membra dessa comunidade, esta pesquisadora considera estar em uma posição diferenciada positivamente para interpretar o processo de variação em articulação com os valores e significados sociais próprios dos grupos que ali vivem. Assim, um dos objetivos deste estudo é identificar quais são os significados das variantes analisadas nessas comunidades. Uma

² Um exemplo de estudo sociolinguístico que também teve esse tipo de abordagem foi o de Chaves (2017), que analisou a concordância verbal de terceira pessoa do plural e a redução/desnasalização de ditongos nasais átonos finais (eles pedem ~ eles pedi) no falar da comunidade não urbana da Costa da Lagoa (Florianópolis).

de nossas hipóteses é de que *nói* indicia, entre outros traços, ruralidade, uma vez que, segundo Amaral (1976 [1920]), o apagamento da sibilante final em lexemas é um dos traços típicos do falar caipira. Esse fato é evidenciado nos resultados obtidos por Pinto (2019), em que a forma *nói* foi mais utilizada por jovens que possuíam um maior contato com a zona rural.

Levando em consideração esses aspectos, o nosso envelope de variação é composto, inicialmente, pelas variantes *nós* e *a gente*. Em uma primeira análise, investigamos quais são os fatores linguísticos e sociais que motivam a variação, classificando todas as variantes fonológicas como *nós*. No entanto, para compreender melhor os significados sociais das variantes, é necessário verificar quais são aquelas que estão por trás desses dados de *nós*. Desse modo, em uma segunda análise, investigamos também as quatro formas pronominais: *nós*, *nóis*, *nói* e *a gente*. Essas podem ser observadas nos exemplos 1.1, 1.2 e 1.3³:

- (1.1) Inf: Acolhedor/ respeitador/ como eu disse/ e o que eu acho difícil/ não que eu não goste/ mas que eu acho que precisa melhorá/ **nós estamos trabalhando** muito pra isso/ é a questão de trabalho/ aqui falta bastante trabalho (CV, F, F3, ES)⁴
- (1.2) Inf: É/ o ota mora\ os dois otos mora lá em cima/ então mora tudo pertinho da gente/ tá todo dia junto/ então/ se fô **pra gente mudá** e ficá mai longe/ é ruim, né?! / **A gente tem** casa própria/ eles tamém/ então é difícil dexá, né?! (CV, F, F3, SES)
- (1.3) Inf.: Não/ **nói num pensamo** nisso mai não/ já pensamos antes voltá pa N. R./ hoje/ num tem esse pensamento não/ **nóis pretendemo terminá** nossos úrtimos quarenta ano de vida aqui em Muzambinho (MZ, M, F3, ES)

A partir desses exemplos, é possível perceber que, mesmo que tal fenômeno já tenha sido analisado extensivamente pela literatura nos últimos anos (VIANNA, LOPES, 2015), “o estudo de uma comunidade de fala pode revelar características que lhe são peculiares, o que a faz única e o que impulsiona a investigação de um tema recorrente em outras variedades do português brasileiro” (RUBIO, 2012, p.20). Logo, a observação desses usos linguísticos, para além da única forma presente na maioria dos quadros pronominais trazidos pelas gramáticas normativas

³ A transcrição das entrevistas seguiu alguns critérios definidos pelo SoLAR (Núcleo de Pesquisas em Sociolinguística de Araraquara) que se baseou nas propostas de alguns projetos, como NURC, VERTENTES e C-ORAL: barra com inclinação para a direita (/) marca quebra prosódica; barra com inclinação para a esquerda (\) marca truncamento ou correção; colchetes ([]) indicam que não se tem certeza do que foi ouvido; [inint] indica trechos inteligíveis; e chaves ({}) indicam comentários descritivos do transcritor.

⁴ Após cada exemplo apresentado, colocamos uma breve legenda, informando as características do falante: o local de nascimento, Cabo Verde-MG (CV) ou Muzambinho-MG (MZ); o sexo, feminino (F) ou masculino (M); a faixa etária, faixa etária 1- 18 a 25 anos (F1), faixa etária 2-35 a 50 anos (F2) ou faixa etária 3- mais de 60 anos (F3); e o nível de escolaridade, sem ensino superior (SES) ou com ensino superior (ES).

(ALMEIDA, 1999; CUNHA E CINTRA, 2008), faz com que este trabalho contribua para a revisão e adequação desse quadro de modo a expressar efetivamente a nossa realidade linguística. Consequentemente, tal revisão poderá se refletir na forma como esses pronomes são abordados na maioria dos materiais didáticos, contribuindo para um ensino de língua portuguesa pautado em uma norma que é, de fato, utilizada pelos indivíduos.

Para tanto, foram realizadas entrevistas sociolinguísticas que seguiram um roteiro de perguntas que induziram as pessoas a produzirem as variantes do fenômeno linguístico analisado espontaneamente. No total, foram selecionados vinte e quatro informantes para participarem dessas entrevistas, sendo doze de Cabo Verde-MG e doze de Muzambinho-MG. Esses informantes, além de estarem divididos entre homens e mulheres e terem diferentes níveis de escolaridade, possuem faixas etárias distintas e não contínuas, para que seja possível investigar as diferentes fases da vida dos habitantes dessas comunidades.

Outrossim, no final do roteiro de entrevistas, foi aplicado um questionário de reações subjetivas, a fim de acessarmos os diferentes significados sociais das formas em variação. Em um primeiro momento do questionário, tentamos captar as percepções dos informantes sem que eles tivessem consciência da variável que está sendo estudada. Já em um segundo momento, quando eles passam a ter conhecimento do objeto de análise, verificamos quais são as suas crenças em relação a cada uma das variantes. Após a realização dessas entrevistas, elas foram transcritas, os dados coletados e analisados com o auxílio do programa R (CORE TEAM, 2021), e interpretados segundo as hipóteses de trabalho.

Assim sendo, esta dissertação está dividida em cinco seções. Nesta introdução, apresentamos a temática, justificando o estudo, sintetizando as hipóteses principais, os objetivos e as metodologias utilizadas. Na seção seguinte, apresentaremos os pressupostos teóricos que norteiam esta pesquisa, falando sobre os seguintes tópicos: (a) a Sociolinguística Variacionista: conceitos fundamentais; (b) a alternância entre *nós* e *a gente*; (c) a ditongação diante de /S/; (d) o apagamento da sibilante /S/ em posição de coda; (e) os significados sociais da variação linguística; e (f) os aspectos históricos e sociais da cultura caipira.

Na terceira seção, abordaremos os procedimentos metodológicos envolvidos neste estudo, apresentando o universo da pesquisa, a composição do *corpus* de análise, o nosso envelope de variação e as variáveis independentes analisadas. Na quarta seção, discutiremos os resultados, expondo, primeiramente, os resultados do questionário de reações subjetivas e, em seguida, os resultados de produção linguística. Por fim, na quinta seção, serão apresentadas as nossas considerações finais, seguidas das referências bibliográficas e dos apêndices.

2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

2.1 A Sociolinguística Variacionista: conceitos fundamentais

Nesta subseção, discutiremos alguns conceitos importantes para a compreensão da Sociolinguística Variacionista. Inicialmente, abordaremos os aspectos principais da Teoria da Variação e Mudança Linguísticas (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 1968) e, depois, considerando alguns traços rurais presentes nas comunidades analisadas, abordaremos a noção de *contínuo de urbanização* proposta por Bortoni-Ricardo (2004).

2.1.1 A Teoria da Variação e Mudança Linguísticas

Ao longo do tempo, a língua despertou o interesse de diversos estudiosos, sendo alvo de análise de diferentes correntes teóricas (CYRANKA, 2014). No século XIX, os estudos histórico-comparativos constituíram, de acordo com Faraco (2004, p. 29), “[...] o marco simbólico do início da Linguística como ciência”, contribuindo para grandes descobertas nos estudos da linguagem e influenciando trabalhos subsequentes, como o movimento dos neogramáticos. Esse movimento, que teve início no final do século XIX, deu continuidade ao estudo histórico da língua e propôs uma teoria da mudança centrada na fala do indivíduo, que era considerada um sistema homogêneo e dissociada de fatores sociais.

Rompendo com esses estudos históricos, o suíço Ferdinand Saussure, considerado o pai da Linguística moderna, propôs, no início do século XX, uma nova corrente teórica, o estruturalismo. Nesse contexto, Saussure (1916) delimitou que o objeto de estudo da Linguística é a *langue* (língua), sistema homogêneo e autônomo, que deve ser estudado em uma perspectiva sincrônica, independentemente de qualquer fator externo. Nos Estados Unidos, surgiu, por sua vez, outra teoria, o gerativismo, proposta por Noam Chomsky no final da década de 1950. Para esse autor, a língua é um componente inato ao ser humano, sendo um sistema homogêneo e abstrato de regras. Logo, nota-se que, apesar das diferenças entre essas abordagens, todas elas têm como objeto de estudo a língua como uma entidade homogênea.

Como forma de reação a essas ideias, nasceu, em 1964, uma nova corrente teórica que concebe a língua como um fenômeno social e um sistema heterogêneo: a Sociolinguística Variacionista⁵ (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 1968; LABOV, 1972, 1994, 2001). É

⁵ Nesta dissertação, falaremos somente sobre a Sociolinguística Variacionista, porém, é relevante mencionar que o termo “Sociolinguística” é bastante amplo, havendo outras subáreas que veem a língua como um “fato social”, como a Sociolinguística Interacional, proposta por Joseph Gumperz, e a Sociolinguística Educacional, proposta por Stella Maris Bortoni-Ricardo. Além disso, é necessário ressaltar que, segundo Coelho e colaboradores (2015),

importante mencionar que, antes mesmo do nascimento dessa abordagem, havia outros estudiosos que já refletiam sobre a relação entre língua e sociedade, como Antoine Meillet e Mikhail Bakhtin (COELHO et al., 2015), no entanto, uma teoria que se pautasse na concepção social da língua só se consolidou por meio dos estudos de William Labov.

Considerando, portanto, que a Sociolinguística Variacionista estuda a língua em seu contexto social, admite-se que a inúmera diversidade presente nesse meio, conseqüentemente, reflete-se no modo de falar dos indivíduos, fazendo com que a língua varie. Essa variação, ao contrário do que se postulava até então, não é caótica e nem aleatória, mas ocorre de forma ordenada, sendo motivada tanto por fatores linguísticos quanto extralinguísticos. Tal variação é tão organizada que falantes de diferentes regiões do país, com faixas etárias e níveis de escolaridade distintos, conseguem, geralmente, se comunicar perfeitamente. Segundo Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 97), em seu livro *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*, isso acontece porque as formas em variação possuem alguns traços em comum:

(1) Oferecem meios alternativos de se dizer “a mesma coisa”: ou seja, para cada enunciado A existe um enunciado correspondente em B que oferece a mesma informação referencial (é sinônimo) e não pode ser diferenciado exceto em termos da significação global que marca o uso de B em contraste com A.

(2) Estão conjuntamente disponíveis a todos os membros (adultos) da comunidade de fala. Alguns falantes podem ser incapazes de produzir enunciados em A e B com igual competência por causa de algumas restrições em seu conhecimento pessoal, práticas ou privilégios apropriados ao seu status social, mas todos os falantes geralmente têm a capacidade de interpretar enunciados em A e B e entender a significação da escolha de A ou B por algum outro falante.

Desse modo, nota-se que a língua está longe de ser um sistema homogêneo; ao contrário, se caracteriza pela heterogeneidade estruturada, que é “parte da competência linguística monolíngue” (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006 [1968], p.36). Esse sistema, então, inclui não apenas regras categóricas, como também regras variáveis. Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p.36) ressaltam que “numa língua que serve a uma comunidade complexa (i.e., real) a ausência de heterogeneidade estruturada é que seria disfuncional”.

Como conseqüência da variação, a língua, assim como a sociedade, é dinâmica e pode mudar ao longo do tempo; tal como apontam os autores: “nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança; mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade” (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006 [1968], p.126). A

a Sociolinguística Variacionista pode atender por outros nomes: (i) Sociolinguística Laboviana, (ii) Sociolinguística Quantitativa e (iii) Teoria da Variação e Mudança Linguística.

fim de analisar esse aspecto, Labov, na maioria de seus trabalhos, descreveu e observou a língua falada em situações reais de uso. O ponto de partida para essas análises é o que ele denomina de *comunidade de fala* (LABOV, 2008 [1972]), que, de acordo com as suas ideias:

[...] não é definida por nenhuma concordância marcada de uso de elementos linguísticos, mas sim pela participação num conjunto de normas compartilhadas; essas normas podem ser observadas em tipos de comportamento avaliativo explícito e pela uniformidade de padrões abstratos de variação que são invariantes no tocante a níveis particulares de uso. (LABOV, 2008 [1972], p.150).

Nessa perspectiva, em 1963, Labov desenvolve o seu trabalho pioneiro, em que analisa a comunidade de fala de Martha's Vineyard, ilha localizada no estado de Massachusetts, para entender a relação existente entre a variação e a interação social. Para isso, ele escolheu como objeto de estudo uma característica linguística muito frequente, mas pouco aparente para os falantes, no que diz respeito à consciência de variação durante a conversação espontânea entre eles: a centralização dos ditongos (ay) e (aw), como em *fight* (“luta”) e em *house* (“casa”). Como resultado, o sociolinguista observou que a tendência a centralizar os referidos ditongos era, de forma inconsciente, a maneira que determinados moradores tinham de se reafirmar como nativos, renegando a pressão social feita pela cultura dos visitantes e veranistas. Em contrapartida, o menor uso de centralização revelava que outros moradores estavam insatisfeitos com a vida na ilha, seja pela vontade de deixá-la, ou pela vontade de torná-la mais evoluída economicamente.

Assim, percebe-se que o foco dos resultados obtidos por Labov (1963) não são os fatores linguísticos analisados, mas, sim, a identidade e a atitude dos moradores em relação ao local em que vivem. Tal estudo nos faz refletir sobre a importância de compreender a vida social da comunidade em que a variação ocorre e, a partir disso, entender os significados sociais que estão atribuídos às variantes. Essa compreensão se faz relevante porque, em alguns casos, as formas em variação podem ter um *prestígio encoberto* (TRUDGILL, 1972), isto é, apesar de não serem prestigiadas na comunidade linguística em geral, elas podem apresentar um determinado “status” em algumas comunidades, sendo utilizadas pelos falantes como uma maneira de se diferenciar de certos grupos e, por conseguinte, marcar as suas identidades.

Além dessas valiosas contribuições teóricas, Labov desenvolveu também, ao longo de seus trabalhos, metodologias importantes para a área. O seu intuito era observar a língua falada em situações reais de uso, em que o vernáculo dos informantes emergisse no momento das entrevistas; ou seja, ele precisava que os participantes da pesquisa prestassem “o mínimo de atenção ao monitoramento da fala” (LABOV, 2008 [1972], p. 244). Entretanto, só é possível

obter esses dados por meio de observações sistemáticas da língua, chegando, assim, a uma contradição, a qual o autor denomina de *paradoxo do observador*.

Para Labov (2008 [1972]), uma das formas de minimizar os efeitos desse paradoxo é utilizar procedimentos variados que façam com que o falante preste mais atenção no que diz do que como é dito. O autor aponta que um desses procedimentos é induzir os informantes a falarem sobre as suas experiências pessoais, como no trecho a seguir:

[...] podemos envolver a pessoa com perguntas e assuntos que recriem emoções fortes que ela experimentou no passado, ou envolvê-la em outros contextos. Uma das perguntas desse tipo que tem dado mais resultado é a que lida com o “risco de vida”: “Você já viveu uma situação em que correu sério risco de morrer?”. As narrativas produzidas em resposta a essa pergunta quase sempre exibem uma mudança de estilo que se distancia da fala monitorada e se aproxima do vernáculo. (LABOV, 2008 [1972], p. 245)

Com a finalidade de analisar os dados provenientes dessas entrevistas, Labov utilizou, em seus estudos, o método quantitativo, que se configura em mais uma de suas importantes contribuições metodológicas para a Sociolinguística Variacionista. O uso desse método se faz relevante, pois, como a variação linguística ocorre de forma sistemática, sendo condicionada por fatores linguísticos e sociais, faz-se necessário compreender o quanto cada variável contribui para o uso de uma variante em detrimento de outra. Para tanto, utilizam-se métodos estatísticos e programas computacionais, assim como afirmam Guy e Zilles (2007, p.73):

Antes do advento da metodologia de quantificação, a variação linguística era considerada secundária, aleatória ou mesmo impossível de ser cientificamente apreendida. O uso de métodos estatísticos, contudo, tem permitido mostrar o quão central a variação pode ser para o entendimento de questões como identidade, solidariedade ao grupo local, comunidade de fala, prestígio e estigma, entre tantas outras.

Por meio desse método, é possível, portanto, entender mais sistematicamente os padrões de uso de uma determinada comunidade de fala, apreendendo quais são as variáveis internas e externas à língua que condicionam a variação. Esses *fatores condicionantes* também são importantes para analisar o processo de mudança em progresso, sendo apontados por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) como um dos cinco problemas empíricos para a teoria da mudança linguística. No presente trabalho, faz-se necessário falar mais sobre esses problemas, uma vez que um dos nossos objetivos é verificar se o fenômeno linguístico analisado caracteriza-se em uma variação estável ou em uma mudança em progresso.

Segundo Labov (1994), para verificar se o fenômeno está em processo de mudança, pode-se realizar pesquisas em *tempo real* ou em *tempo aparente*. Em trabalhos em *tempo real*, o pesquisador analisa períodos distintos, podendo optar por fazer um *estudo de painel* ou um *estudo de tendências*. No primeiro caso, ele analisa dados dos mesmos informantes de uma comunidade de fala em diferentes períodos de suas vidas, enquanto, no segundo, ele analisa dados provenientes de duas amostras de fala compostas por indivíduos que se diferenciam de uma para a outra, mas que apresentam os mesmos perfis sociais.

Por outro lado, em trabalhos em *tempo aparente*, que será o método utilizado nesta dissertação, o pesquisador analisa o comportamento linguístico dos falantes de diferentes faixas etárias em único período de tempo. Caso o fenômeno seja caracterizado como uma mudança linguística em progresso, espera-se, geralmente, que a variante inovadora seja menos frequente na fala dos mais velhos, ao passo que, na fala dos jovens, a frequência de uso dessa forma aumente. No entanto, se o fenômeno estiver em variação estável, os jovens e os mais velhos podem apresentar o mesmo comportamento linguístico, diferenciando-se apenas da população de meia idade; ou pode não haver diferença significativa entre as três faixas etárias.

Independentemente do método escolhido na análise do fenômeno, é preciso estar ciente de que “a interpretação dos dados em termos de mudança linguística depende da inteira estrutura sociolinguística, e não simplesmente da distribuição no tempo aparente ou real” (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006 [1968], p.116). Por isso, é importante também que o pesquisador se atente aos cinco problemas empíricos para a teoria da mudança linguística postulados por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]).

Sob essa ótica, além dos *fatores condicionantes*, os autores dissertam sobre a necessidade de investigar o problema da *transição*, que consiste na definição e na análise do percurso pelo qual uma mudança se efetiva na língua. Analisando esse percurso, eles notam que, geralmente, há uma distribuição contínua e gradual dos usos através de diferentes faixas etárias. Outrossim, é necessário visualizar as mudanças estudadas como encaixadas tanto na estrutura linguística quanto na estrutura social, cabendo ao pesquisador descobrir como e em que medida essas estruturas se relacionam, o que corresponde ao problema do *encaixamento*.

Outro problema postulado pelos sociolinguistas é o da *avaliação*, em que se deve estabelecer empiricamente o nível de consciência social dos falantes em relação às formas em variação e em mudança. Isso se faz necessário, porque a maneira como os indivíduos avaliam essas variantes pode interferir no processo de mudança linguística. Nesse sentido, os autores pontuam que:

Correlatos subjetivos da mudança são por natureza mais categóricos do que os padrões cambiantes do comportamento: a investigação destes correlatos aprofunda nosso entendimento dos modos como a categorização discreta é imposta ao processo contínuo de mudança. (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006 [1968], p.124)

Por último, Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) falam sobre a relevância do pesquisador investigar não só a que fatores sociais e estruturais se pode atribuir a atuação da mudança linguística, como também o porquê ela ocorre em determinados contextos e lugares e, não, em outros, sendo necessário, então, estudar as causas e os efeitos desse processo, o que caracteriza o problema da *implementação*.

Tendo em vista esses cinco problemas empíricos, investigaremos, por meio de um estudo em *tempo aparente*, quais são os fatores que condicionam a variação na expressão da primeira pessoa do plural em Cabo Verde-MG e em Muzambinho-MG. Além disso, analisaremos de que modo tal variação está encaixada nas estruturas linguística e social, e como os moradores dessas comunidades avaliam as formas envolvidas nesse processo. Sendo assim, neste trabalho, exploraremos três dos cinco problemas apresentados por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]): *fatores condicionantes, encaixamento e avaliação*.

2.1.2 “Ecologia⁶ do Português Brasileiro”: O *contínuo de urbanização* de Bortoni-Ricardo

Bortoni-Ricardo (2004), em sua obra *Educação em língua materna: A sociolinguística em sala de aula*, apresenta uma ecologia do português brasileiro, isto é, uma proposta para compreendermos a variação presente em nossa variedade linguística. Para tanto, é necessário, segundo a autora, imaginarmos três contínuos: o *contínuo de urbanização*, o *contínuo de oralidade-letramento* e o *contínuo de monitoração estilística*. Como as comunidades de fala analisadas nesta pesquisa possuem algumas características rurais, as quais, possivelmente, se refletem na variedade linguística falada por seus habitantes, consideramos produtivo discutir apenas o *contínuo de urbanização*.

Esse contínuo é marcado por dois polos extremos: em um desses polos, estão os falares rurais mais isolados geograficamente; e no outro polo, estão os falares urbanos, que sofrem forte influência de agentes padronizadores, como a mídia, a tecnologia e, principalmente, a escola. No meio desse contínuo, entre os dois polos, há o que a sociolinguista denomina de *área rurbana*. De acordo com as suas ideias, os grupos que estão situados nesse ponto do contínuo podem ser definidos como:

⁶ É relevante destacar que o termo “ecologia” utilizado por Bortoni-Ricardo (2004) se difere da corrente teórica “Ecolinguística”, que tem como objeto de estudo a relação entre língua e meio ambiente (COUTO, 1996, 2002).

[...] formados pelos migrantes de origem rural que preservam muito de seus antecedentes culturais, principalmente no seu repertório linguístico, e as comunidades interioranas residentes em distritos ou núcleos semirurais, que estão submetidos à influência urbana, seja pela mídia, seja pela absorção de tecnologia agropecuária. (BORTONI-RICARDO, 2004, p.52)

É importante ressaltar que as fronteiras no *contínuo de urbanização* são fluídas, não havendo uma separação nítida, categórica entre falares rurais, *rurbanos* e urbanos. Por isso, Bortoni-Ricardo (2004) denominou essa linha imaginária de “contínuo”, haja vista que, muitas vezes, há uma sobreposição entre esses modos de falar. Tal proposta pode ser visualizada na Figura 1:

Figura 1- O contínuo de urbanização

Variedades rurais isoladas	Área <i>rurbana</i>	Variedades urbanas padronizadas
-----------------------------------	----------------------------	--

Fonte: Bortoni-Ricardo (2004, p.52)

A autora, ao refletir sobre as formas linguísticas presentes nos falares de cada um dos polos desse contínuo, pontua que alguns traços são característicos dos modos de falar situados no polo rural. Conforme vamos nos aproximando do polo oposto, esses traços vão desaparecendo, tendo um uso descontinuado nas áreas urbanas. Em virtude desse fato, eles são classificados como *traços descontínuos* e são os que mais sofrem estigmatização pela sociedade em geral. Para exemplificá-los, Bortoni-Ricardo (2004) cita alguns fenômenos, como o rotacismo, que consiste na troca do /l/ pós-vocálico por /r/ (altura > artura) ou na troca do /l/ em ataque complexo por /r/ (bicicleta > bicireta); e a metátese, que se refere à transposição de um fonema ou sílaba dentro da mesma palavra (precisar > percisá).

Em contrapartida, há traços linguísticos que, embora não estejam de acordo com a norma padrão, estão presentes no falar de todos os brasileiros, independente se esses têm origens rurais ou urbanas (BORTONI-RICARDO, 2011). Dessa maneira, tais traços se distribuem por todo o *contínuo de urbanização* de forma gradual, sendo chamados de *traços graduais*. Como exemplo disso, a sociolinguista menciona diversos processos, que acontecem, principalmente, nos estilos

não monitorados. Um deles é a aférese, que consiste na supressão de um fonema ou sílaba no início de uma palavra, tal como ocorre com o verbo *estar*, que, geralmente, perde a sua sílaba inicial *-es* (*estiver* > *tivé*). Na forma verbal “*tivé*”, é possível observar também a presença de outro *traço gradual*: a perda do /r/ final nos infinitivos verbais e nas formas do futuro do subjuntivo.

Portanto, para Bortoni-Ricardo (2011), se compararmos os dois polos do *contínuo de urbanização*, perceberemos a preservação de profundas diferenças dialetais no português brasileiro. Tais diferenças acontecem, essencialmente, devido ao acesso limitado à norma padrão e ao isolamento geográfico presente no Brasil. À medida que um falante de variedades não padrão ascende socialmente, ele passa a ter um maior contato com a norma padrão, o que, conseqüentemente, faz com que ele se mova ao longo do contínuo. Essa mobilidade, então, só acontecerá caso ele tenha essa oportunidade de ascensão, dado que “a língua padrão no Brasil é claramente um fenômeno relacionado à classe social” (BORTONI-RICARDO, 2011, p. 26).

A partir dos aspectos teóricos e metodológicos da Sociolinguística Variacionista discutidos nesta subseção, analisaremos a alternância entre as formas pronominais de primeira pessoa do plural nas falas de Cabo Verde-MG e de Muzambinho-MG. Entretanto, para que possamos compreender essa variação, é importante também discutir como se deu o processo de inserção da forma *a gente* no quadro pronominal brasileiro e o que os estudos sobre o fenômeno em questão têm mostrado. Assim, na subseção seguinte, abordaremos essas questões.

2.2 A alternância entre *nós* e *a gente*

Câmara Jr. (1976), em um dos capítulos de *História e Estrutura da Língua Portuguesa*, disserta sobre os pronomes pessoais. Consoante às ideias apresentadas por esse autor, as formas pronominais de primeira e de segunda pessoa referem-se direta ou indiretamente aos indivíduos que participam ativamente da comunicação linguística, remetendo, dessa maneira, ao contexto extralinguístico. Do ponto de vista formal, elas possuem formas independentes e distintas para o singular e para o plural, e ausência de categoria de gênero, o que as diferencia dos pronomes de terceira pessoa.

Ademais, Câmara Jr. (1976) afirma que, em português, o uso do pronome pessoal explícito na posição de sujeito é esporádico, uma vez que a desinência verbal por si só já expressa essa noção. Todavia, com as mudanças que ocorreram no sistema pronominal do português brasileiro, como a inserção dos pronomes *você* e *a gente*, isso tem se modificado, havendo uma tendência ao preenchimento do sujeito (DUARTE, 1995; LOPES, 2007), como

poderá ser observado no breve panorama histórico que faremos a seguir sobre a incorporação de *a gente* no quadro dos pronomes pessoais.

Considerando o trabalho de Lopes (2003), que analisou o processo de mudança da forma *a gente* em *tempo real de longa e de curta duração* e em *tempo aparente*, é possível perceber que, de um modo geral, a pronominalização do substantivo *gente*⁷ foi lenta e gradual. Segundo a sociolinguista, esse processo pode ter sido motivado por uma lacuna no sistema deixada por “homem” pronominal. No português arcaico, “homem”, que era utilizado, até então, como substantivo, teria iniciado um processo de gramaticalização⁸, perdendo as suas características lexicais, para se tornar um pronome indefinido. No entanto, no século XVI, esse processo é interrompido e “homem” passa a não ser mais utilizado como pronome, abrindo um espaço no sistema pronominal, que, supostamente, é preenchido pelo pronome *a gente*.

Por meio de uma análise cronológica dos dados, Lopes (2003) observou que, a partir dos séculos XVII e XVIII, começam a aparecer alguns casos de *a gente* com ambiguidade interpretativa, havendo um crescimento progressivo desses casos ao longo dos anos. Já no século XIX, o processo de gramaticalização começa a se delinear mais claramente, tendo em vista que há uma intensificação do uso de *a gente* pronominal em relação aos séculos anteriores e, como consequência disso, os casos ambíguos diminuem. No século XX, a pronominalização de *a gente* se efetiva, de fato, na língua, pois a frequência de uso da forma pronominal passa a ser maior do que a frequência de uso da forma substantiva.

Nesse contexto, analisando os diferentes estágios desse processo, Lopes (2003) apontou uma perda gradativa dos traços formais de substantivo. Primeiramente, a autora pontuou que *gente*, que podia ser utilizado tanto no singular quanto no plural, acaba perdendo, através dos séculos, a subespecificação do traço de número. No século XVI, período em que “homem” deixa de ser usado como pronome, começam a aparecer casos de *gente* com ausência desse traço. Gradativamente, esses casos foram aumentando, até que, no século XX, eles se tornam categóricos, havendo apenas o uso de *a gente* no singular.

Além dessa perda, o substantivo *gente* sofre também uma mudança na especificação formal e semântica do gênero. Até o século XVI, ele concordava, mais frequentemente, com formas que estivessem no feminino, mas, a partir desse período, ele vai perdendo, paulatinamente, esse traço, tornando-se neutro, assim como os outros pronomes pessoais. Sob

⁷ Esse substantivo, segundo Lopes (2003, p.9), “origina-se do substantivo latino *gēns, gēntis*: “raça”, “família”, “tribo”, “o povo de um país, comarca ou cidade””.

⁸ Para Heine e Kuteva (2002, p. 377), “gramaticalização consiste na evolução do léxico para formas gramaticais e do gramatical para formas mais gramaticais”.

a perspectiva semântica, a forma substantiva não remetia ao sexo do referente, já que ela se referia a um agrupamento de pessoas. Após o processo de gramaticalização, esse traço passa a ser subespecificado: o pronome *a gente* pode ser utilizado com adjetivos no feminino e/ou no masculino dependendo do sexo do referente.

Outro traço assinalado por Lopes (2003) foi a noção de pessoa formal e semântica. Formalmente, o pronome *a gente* manteve o traço neutro, haja vista que, assim como a forma substantiva, ele concorda, geralmente, com verbos que estão na terceira pessoa do singular. Entretanto, semanticamente, ocorre uma mudança, pois, como *a gente* passa a fazer referência ao falante, ele deixa de ser neutro e adquire o traço [+EU], admitindo várias possibilidades de interpretação, como eu, eu + tu/ você, eu + ele, eu + vós/ vocês, eu + eles, eu + todos, eu + qualquer um. Tais possibilidades evidenciam que a forma pronominal herdou do substantivo *gente* o seu valor genérico e indeterminado, dado que essa pode englobar diversas pessoas, sendo utilizada pelo falante como uma forma de se descomprometer com o discurso.

Destarte, é possível perceber que o processo de mudança de *gente* para *a gente* envolveu uma “covariação de mudanças associadas em um largo período de tempo” (LOPES, 2003, p.73), não ocorrendo de modo imediato e isolado. Como consequência desse processo, houve uma reestruturação do paradigma verbal, posto que esse perde a sua riqueza flexional, passando de seis formas básicas para três (exemplo: eu canto, tu/você/ele/a gente canta, vocês/eles cantam). Por isso, como uma maneira de evitar ambiguidade, o português brasileiro está deixando de ser uma língua com sujeito nulo e passando a ser uma língua com sujeito explícito (DUARTE, 1995), o que “dá aos novos pronomes o status de únicos indicadores da categoria de pessoa, daí sua presença ter se tornado cada vez mais obrigatória” (LOPES, 2007, p.103).

Após a consolidação desse processo de gramaticalização, *a gente* passa, então, a conviver no sistema pronominal do português brasileiro juntamente com a variante *nós*, sendo utilizada como uma das estratégias para se referir à primeira pessoa do plural. Essa alternância entre *nós* e *a gente* tem sido objeto de estudo de muitos trabalhos sociolinguísticos em diferentes regiões do país (VIANNA, LOPES, 2015); em virtude desse fato, consideramos relevante apresentar brevemente o que a literatura sobre esse fenômeno tem descoberto, para que isso fundamente e enriqueça as nossas discussões sobre os resultados de Cabo Verde-MG e de Muzambinho-MG.

O trabalho de Omena (1986), intitulado *A referência variável de primeira pessoa do discurso no plural*, foi o primeiro a abordar a alternância entre *nós* e *a gente*. Por meio de uma amostra do banco de dados do Projeto Censo, a autora analisou a fala de informantes não cultos do Rio de Janeiro. Como resultado, ela observou, na fala carioca, uma preferência pelo uso de *a gente* (73%) na posição de sujeito. Ao investigar os fatores que condicionam tal resultado, a

sociolinguista notou que os paralelismos formal e semântico são as variáveis que mais influenciam, havendo um maior uso de *a gente* quando, em uma sequência discursiva, esse pronome é antecedido por ele mesmo e mantém a mesma referência semântica.

Outrossim, a autora analisou outros fatores linguísticos como a saliência fônica, o tempo verbal e a determinação do referente. Com base nessas análises, ela percebeu que há uma preferência pelo uso de *a gente* quando: (i) os verbos apresentam menor saliência fônica; (ii) os verbos estão em sua forma nominal (gerúndio ou infinitivo) ou no presente; e (iii) o pronome é utilizado para se referir a um grupo indeterminado e genérico de pessoas. Por outro lado, a variante *nós* é mais utilizada com verbos que apresentam uma maior saliência fônica e que estão no pretérito perfeito ou no futuro, e, também, para fazer referências mais específicas e determinadas.

No que concerne aos fatores sociais investigados, Omena (1986) apontou que a faixa etária é de extrema importância para o uso das formas em variação, havendo um favorecimento de *a gente* pelas faixas etárias mais jovens e um desfavorecimento pelos mais velhos, o que indica que pode estar ocorrendo uma mudança em progresso nas formas pronominais que representam a primeira pessoa do plural na fala carioca. Em relação ao sexo dos falantes, a pesquisadora mostrou que esse grupo de fatores não influencia tanto a escolha das formas pronominais, já que a única diferença percentual entre homens e mulheres é na faixa etária adulta, em que as mulheres utilizam mais a forma *nós*. Por fim, ela analisou a escolaridade e a classe social dos informantes, pontuando que indivíduos que apresentam um maior nível de escolaridade e que são de classes sociais mais altas preferem usar a forma conservadora.

Baseando-se nesse trabalho, Lopes (1993) estudou a variação entre *nós* e *a gente* na fala de pessoas cultas que moram em três capitais brasileiras: Salvador-BA, Porto Alegre-RS e Rio de Janeiro-RJ. Para tanto, ela utilizou o *corpus* do Projeto NURC, constituído de entrevistas coletadas na década de 1970. Assim como Omena (1986), a autora analisou o paralelismo formal e semântico, a saliência fônica, o tempo verbal e o traço semântico de (in)determinação, confirmando, na fala culta, os resultados já obtidos no estudo pioneiro. Em relação aos fatores extralinguísticos, a faixa etária, o sexo e a cidade foram os mais fortemente correlacionados com a variação. Os resultados apontaram que a forma inovadora é favorecida não só pelos jovens, mas também pelas mulheres, o que se diferencia dos resultados obtidos por Omena (1986) quanto ao papel da variável sexo. No que se refere às cidades, verificou-se que, no Rio de Janeiro, há um maior uso de *a gente* do que nas outras capitais analisadas.

No estado de Minas Gerais, o fenômeno em questão também já foi investigado, tendo a sua primeira descrição em Maia (2003). Nesse estudo, a pesquisadora analisou dois *corpora*

constituídos de entrevistas realizadas em Pombal, área rural do município de Mariana-MG, e em Belo Horizonte-MG. Discutindo os resultados obtidos, ela pontuou que há diferenças bem evidentes ligadas à distribuição geográfica das formas pronominais, pois, na capital mineira, *a gente* foi mais utilizada (70%), enquanto, na zona rural, houve um favorecimento de *nós* (64%) e, por conseguinte, um retardamento da substituição de *nós* por *a gente*. Nesse sentido, sobre o processo de implementação da mudança linguística em áreas rurais, Maia (2003, p.53) afirmou que “as comunidades rurais apresentam um ritmo de tempo mais lento”.

A descrição da variação na expressão da primeira pessoa do plural no falar mineiro também já foi feita por Pinto (2019). Através de áudios do aplicativo WhatsApp, a sociolinguista investigou o falar de jovens (15-25 anos) de Cabo Verde-MG e de Muzambinho-MG, cidades pequenas e vizinhas, que possuem algumas características rurais. Para isso, foram selecionados 16 informantes, 8 de cada município, sendo esses divididos não só entre homens e mulheres, como também entre aqueles que ficaram nessa região e aqueles que saíram dela para ir estudar e/ou trabalhar em outras regiões do país.

Com base nessa investigação, observou-se que, além da variação entre *nós* e *a gente*, há uma variação fonológica, dado que os moradores utilizam as variantes *nóis* e *nói*. Ao analisar essas quatro formas, percebeu-se que, no total, houve apenas 3 ocorrências de *nós*, o que indica que esse pronome quase não é utilizado pelos jovens dessas comunidades em situações de menor monitoramento linguístico. Devido à pouca quantidade de dados, tais ocorrências foram excluídas do envelope de variação, e esse foi composto apenas pelas três variantes: *nóis*, *nói* e *a gente*.

De um modo geral, notou-se que as duas cidades se diferenciam na distribuição de uso dos pronomes, pois os jovens de Cabo Verde-MG utilizam mais *nói*, e aqueles que são de Muzambinho-MG utilizam mais *a gente*. Apesar dessa diferença, há certas semelhanças no comportamento dos jovens de ambos os municípios, principalmente na análise dos fatores extralinguísticos, que mostrou uma certa oposição entre as formas. A variante *nói* foi mais utilizada por jovens que: a) possuem um menor nível de escolaridade; b) têm uma maior relação com o campo; e c) sempre moraram na região. Em contrapartida, *a gente* foi mais usada por aqueles que: d) têm ensino superior; e) possuem pouca relação com a zona rural; e f) já moraram em outras regiões do país. Assim sendo, a sociolinguista pontuou que *nói* parece indiciar traços de ruralidade, ao passo que *a gente* parece estar associada a traços de urbanidade.

Essa relação da variante *a gente* com o meio urbano também pode ser observada no estudo de Foeger (2014), que analisou tanto a variação entre *nós* e *a gente* quanto a concordância verbal na fala de indivíduos que moram na área rural de Santa Leopoldina-ES, comparando o

comportamento linguístico desses moradores com o comportamento daqueles que moram em Vitória-ES (MENDONÇA, 2010; BENFICA, 2013). A partir da análise da alternância pronominal, a pesquisadora notou que, em Santa Leopoldina-ES, o processo de substituição de *nós* por *a gente* parece estar acontecendo mais lentamente do que na capital, tendo em vista que a frequência de uso de *a gente* foi de 53,9%, ao mesmo tempo que, em Vitória-ES, a frequência foi de 70,8% (MENDONÇA, 2010).

Outro resultado que chama a atenção é em relação à faixa etária, posto que, diferentemente do que ocorre na fala dos vitorienses, os jovens leopoldinenses são os que mais desfavorecem a variante *a gente*, sendo essa favorecida somente por aqueles que têm de 26 a 49 anos. Para interpretar esses resultados, Foeger (2014, p.107) propôs duas possibilidades:

[...] a primeira seria compreender o fenômeno como um caso de gradação etária, mais especificamente relacionada ao mercado ocupacional (*linguistic marketplace*); a segunda via de interpretação consiste em entender o favorecimento do pronome canônico entre as pessoas mais jovens como um caso de afirmação linguística e social, semelhante ao que Labov (2008, p.19) observou em seu estudo na comunidade de Martha's Vineyard.

De acordo com as ideias da sociolinguista, há essas duas possibilidades de interpretação, porque, embora, na variação entre *nós* e *a gente*, não haja polarização entre forma padrão e não padrão, pode-se pensar “em *a gente* como uma forma mais associada ao urbano e *nós* ao rural, partindo do pressuposto de que a variedade rural possui um caráter mais conservador” (FOEGER, 2014, p. 108). Sendo assim, acredita-se que os falantes de 26 a 49 anos, por estarem inseridos no mercado de trabalho, são os que mais têm contato com o núcleo urbano e, por isso, utilizam mais *a gente*. Sob o outro ponto de vista, pode-se pensar também que os mais jovens, mesmo que de modo inconsciente, estão utilizando mais *nós* como uma forma de se diferenciar de Vitória-ES e marcar a sua identidade local. Desse modo, percebe-se que, possivelmente, devido a esses fatores, não está ocorrendo uma mudança em Santa Leopoldina-ES.

Em São Paulo, a variação no emprego dos pronomes de primeira pessoa do plural já foi analisada tanto na capital quanto no interior do estado. Na capital paulista, tem-se o trabalho de Coelho (2006), que investigou essa variação e a concordância verbal no falar de indivíduos que moram em Brasilândia, comunidade periférica situada na Zona Norte de São Paulo. Para isso, o sociolinguista construiu uma amostra com 24 entrevistas com falantes que representam os diferentes grupos sociais da comunidade em questão. Apoiado nessa investigação, ele verificou que não há uma presença forte de *a gente* na fala dessa localidade, haja vista que a sua frequência foi de apenas 53%.

Por meio de uma atenta observação etnográfica do bairro em estudo, o autor relatou que há uma hierarquização social dos moradores, e essa parece influenciar o uso das formas em variação. Nesse contexto, percebeu-se que a construção *Nóis + V-zero* é mais utilizada pelos “manos”, jovens de classe social mais baixa, para se diferenciarem dos “bons moços”, filhos dos membros da associação da comunidade. Esses rapazes, por sua vez, pertencem ao grupo com maior expectativa de ascensão social, identificando-se com valores de classes sociais mais altas. Na fala desses jovens, foi possível notar um outro tipo de construção: o uso de *a gente* com verbos sem a desinência –mos, concordância verbal prevista para esse pronome.

Além desses comportamentos linguísticos, observou-se que homens empregados e professoras da creche, moradores que têm mais contato com a classe média, tendem a se distanciar do vernáculo local. Por isso, eles utilizam a variante *a gente* com o morfema –mos, construção que pode ser associada ao valor de *hipercorreção*. Outros grupos sociais, como mães solteiras que trabalham fora do bairro, participantes do projeto e a classe trabalhadora mais alta, apresentam um comportamento oscilante entre os pronomes *nóis* e *a gente*, acompanhado da desinência verbal zero. Assim, esses resultados indicam que a ascensão social dos moradores está mais vinculada à substituição de *nóis* por *a gente* do que à utilização da desinência –mos.

No interior paulista, Rubio (2012) investigou a alternância entre *nós* e *a gente* e a concordância verbal no português brasileiro e no português europeu. Para realizar essa pesquisa, foram utilizadas como *corpora* amostras de fala integrantes do Banco de Dados Iboruna e amostras de diferentes regiões de Portugal, pertencentes ao Corpus de Referência do Português Contemporâneo. Concernente à alternância pronominal no português brasileiro, um dos focos de análise do presente estudo, o pesquisador observou que há uma preferência pelo uso de *a gente* (73,8%) em detrimento de *nós* (26,2%).

Analisando as variáveis que motivam tal preferência, o paralelismo discursivo foi o primeiro fator selecionado pelo programa estatístico, mostrando, assim como Omena (1986), que a forma pronominal anterior influencia a forma subsequente. Essas análises indicaram também que a variante *a gente* é favorecida quando os verbos que a acompanham apresentam saliência esdrúxula ou mínima, e quando estão nos seguintes tempos verbais: presente, pretérito imperfeito, futuro e infinitivo pessoal. Com relação ao grau de determinação dessas variantes, *a gente* é mais utilizada para se referir a sujeitos genéricos e indefinidos, enquanto *nós* é mais usada para se referir a sujeitos específicos e definidos.

Além disso, Rubio (2012) analisou alguns fatores sociais, como a faixa etária, a escolaridade e o gênero dos falantes. Baseando-se nessas análises, ele verificou que, como os jovens são os que mais utilizam *a gente*, parece estar acontecendo um processo de mudança

linguística no português do interior de São Paulo. Outro aspecto observado foi que o comportamento de falantes com um menor nível de escolaridade é semelhante ao daqueles com um maior nível, e o gênero não se mostrou como um fator relevante na variação pronominal. Tais resultados podem sinalizar que o uso de *a gente* não é estigmatizado na comunidade em questão, pois, segundo Rubio (2012, p.226), “a escolarização e o gênero tendem a funcionar como “termômetro” para indicar o grau de aceitação de uma variante linguística em um processo de variação”.

No Nordeste, a variação entre *nós* e *a gente* também já foi bastante pesquisada. A exemplo disso, tem-se o trabalho de Mendes (2007), que investigou esse fenômeno no português popular da cidade de Santo Antônio de Jesus-BA, localizada no Recôncavo Baiano. Os resultados dessa pesquisa apontaram que os falantes desse município preferem utilizar a forma inovadora (93%), principalmente, aqueles que moram no perímetro urbano, uma vez que, na zona rural, há um maior uso de *nós* do que na sede do município. Além disso, os indivíduos que moraram a vida inteira em Santo Antônio de Jesus-BA utilizam mais a variante *nós* em relação àqueles que já moraram em outras cidades. Dessa forma, a autora concluiu que *a gente* está mais presente no falar daqueles indivíduos que têm um maior contato com os grandes centros urbanos e aqueles que têm mais acesso aos meios de comunicação, bem como foi observado por Pinto (2019) e por Foeger (2014).

Tal observação também foi realizada por Mattos (2013), em um estudo sobre a fala de diversos municípios de Goiás. Como resultado, a sociolinguista verificou que, assim como em outras regiões do Brasil, há um predomínio de *a gente* (77%) na fala goiana. Entre os grupos de fatores sociais analisados, a faixa etária sinaliza que há uma mudança em progresso, já que os jovens são os que mais utilizam a forma inovadora, e os mais velhos são os que mais desfavorecem o uso da forma em questão. A fim de compreender melhor esse processo de implementação de *a gente*, a pesquisadora analisou, a partir de 1970, o desenvolvimento urbano de Goiás, hipotetizando que, em decorrência desse processo, a forma pronominal *a gente* foi incorporada na fala goiana, podendo ser relacionada ao núcleo urbano e à ideia de modernização (MATTOS, 2013).

Na região Sul do país, há também diferentes trabalhos sobre a alternância entre essas formas pronominais. Dentre eles, podemos citar o de Zilles (2005), que, através dos bancos de dados NURC e VARSUL, realizou estudos em *tempo aparente* e em *tempo real*, comparando as décadas de 1970 e 1990. Na pesquisa em *tempo aparente*, em que foram analisados dados de 1990, observou-se uma preferência por *a gente* (69%) em detrimento de *nós* (31%). Para a autora, essa preferência tem como efeito reduzir o uso da flexão verbal de primeira pessoa do

plural, visto que, na comunidade de fala analisada, houve um uso categórico de *a gente* com verbos na terceira pessoa do singular, ao passo que a concordância verbal com *nós* foi variável.

Com a finalidade de investigar se *a gente* está perdendo o *status* de palavra independente, passando por um processo de cliticização⁹, Zilles (2005) analisou a proximidade entre o sujeito e o verbo nas orações, verificando que tal variante ainda se comporta como uma forma livre, posto que é favorecida quando o sujeito está distante do verbo. Quanto ao tipo de referência, a pesquisadora observou que o uso genérico ainda está associado ao pronome *a gente* (77%), o que ilustra o princípio da Persistência¹⁰ postulado por Hopper (1991). Entretanto, essa variante também já é bastante utilizada pelos falantes para fazer referências mais específicas (61%).

Segundo Zilles (2005), essa mudança semântica pode ser notada mais claramente se analisarmos os dados de *a'ente*, uma das reduções fonéticas de *a gente*¹¹, pois essa forma é significativamente favorecida quando a referência é mais específica. Esse resultado reforça a ideia de que a redução é uma nova etapa do processo de gramaticalização: o antigo significado genérico passa a ser menos favorecido do que o novo significado específico. Ainda sobre a forma reduzida, os resultados sinalizaram que essa é mais frequente quando está na posição de sujeito, tal como já foi averiguado nas formas reduzidas de *você*, enfatizando a noção de que a gramaticalização está fortemente encaixada no sistema da língua (ZILLES, 2005, 2007).

Em relação aos fatores extralinguísticos investigados, a sociolinguista afirmou que há uma mudança em progresso, liderada por jovens e mulheres. No que se refere à escolaridade, verificou-se que há pouca diferença no comportamento linguístico de falantes menos e mais escolarizados. Por isso, realizou-se um cruzamento entre as variáveis sexo e escolaridade, em que foi possível observar que homens e mulheres com nível intermediário ou mais elevado de escolaridade tinham um comportamento bem semelhante quanto ao uso de *a gente*. Por outro lado, homens com ensino fundamental utilizaram menos *a gente* do que mulheres com o mesmo nível de estudo.

Para verificar como se deu o processo de implementação da variante *a gente* em duas décadas distintas (1970 e 1990), Zilles (2005) realizou dois tipos de estudos em *tempo real*: um de painel e outro de tendência. No estudo de painel, observou-se que o uso de *a gente* se

⁹ A perda de propriedades morfossintáticas típicas da forma fonte, incluindo a perda de autonomia, caracteriza o mecanismo de descategorização, que é uma das mudanças que pode ocorrer na gramaticalização (HOPPER, 1991; ZILLES, 2007), processo pelo qual está passando a variante *a gente*, assim como pôde ser visto em Lopes (2003).

¹⁰ Esse princípio consiste na manutenção de traços semânticos da forma fonte na forma gramaticalizada, podendo gerar restrições sintáticas no uso dessa última (HOPPER, 1991).

¹¹ Em Zilles (2002), observou-se que a variante *a gente* está sofrendo uma perda de substância fonética, podendo ser realizada como *a gente*, *ahente*, *a'ente* e *ente*. Tal redução fonética caracteriza o mecanismo da erosão, outro processo que pode acontecer na gramaticalização (ZILLES, 2007).

manteve estável, com jovens favorecendo essa forma, e os mais velhos desfavorecendo-a. Tendo em vista que os indivíduos mais velhos de 1990 eram os jovens de 1970, esse resultado mostrou que, à medida em que os falantes foram envelhecendo, o uso de *a gente* diminuiu, o que pode indicar uma mudança de caráter geracional. Esse fato foi evidenciado também no estudo de tendência, em que houve um maior uso da forma inovadora pelos jovens.

Ainda no Sul do Brasil, Tamanine (2010) analisou tanto a variação pronominal quanto o processo de gramaticalização da forma *a gente* na fala de curitibanos. A partir dessa análise, foi possível perceber que os moradores de Curitiba-PR utilizam mais *a gente* (54%), sendo os jovens e as mulheres os que mais usam essa variante. No que se refere aos fatores linguísticos analisados, os resultados do tempo verbal chamam a atenção, visto que, ao contrário do que se esperava, o presente não favoreceu o uso de *a gente*, sendo esse favorecido apenas pelo pretérito imperfeito e pelo gerúndio. Sobre esse fato, Tamanine (2010, p.159) afirmou que:

O resultado desfavorecedor para a gente no presente nos dados de Curitiba pode reforçar que não é somente a desambiguidade entre os tempos presente/pretérito perfeito que influencia a escolha do falante entre as formas e acaba por favorecer o uso de nós, mas que outras circunstâncias são mais relevantes, como, por exemplo, a prosódia.

Enfim, outro grupo de fatores que merece destaque no estudo de Tamanine (2010) é o tipo de texto, que foi o primeiro, entre as variáveis associadas ao estilo-discurso, a ser selecionado pelo programa estatístico. Os resultados dessa variável sinalizaram que o uso da forma inovadora é favorecido em textos dissertativos, em que o falante expõe as suas ideias. Isso acontece, provavelmente, devido ao traço [+ indeterminado] de *a gente*, que possibilita que o indivíduo se descomprometa com o discurso ao opinar sobre determinado assunto. Em contrapartida, em textos injuntivos e descritivos, há um favorecimento de *nós*, porque, neles, há uma grande presença de verbos estativos, os quais são, para Tamanine (2010), contextos favoráveis ao uso da forma canônica.

Logo, considerando os diversos estudos mencionados nesta subseção, pode-se observar que a forma pronominal *a gente* está amplamente difundida no português brasileiro como uma das estratégias para representar a primeira pessoa do plural na posição de sujeito. De forma geral, pode-se dizer que o processo de substituição de *nós* por *a gente* está bem avançado nas diferentes regiões do Brasil, mas há algumas diferenças em relação à localidade (VIANNA, LOPES, 2015), uma vez que, em comunidades rurais, esse processo está acontecendo mais lentamente do que nos grandes centros urbanos.

Nas subseções seguintes, ainda falaremos sobre o pronome *nós*, abordando os possíveis processos fonológicos que essa forma sofreu ao longo do tempo em algumas comunidades, como: a ditongação diante de /S/, que resultou em *nóis*, e o apagamento da sibilante /S/ em posição de coda, que gerou a forma *nói*. Essas discussões são importantes para que possamos compreender como se deu o surgimento dessas variantes em termos fonológicos e, também, os possíveis valores sociais que são atribuídos a elas.

2.3 A ditongação diante de /S/

O processo de ditongação é definido por Câmara Jr. (1986, p.100) como uma “[...] mudança fonética que consiste na formação de um ditongo sistemático a partir de uma vogal simples”. Para esse autor, um dos contextos em que a ditongação pode ocorrer no português falado no Brasil é quando a vogal tônica final é travada pela fricativa /S/, como em *paz* > *paiz*, *mas* > *mais*. Tal fenômeno está presente na história das línguas românicas (TASCA, 2005; SILVA, 2013), e ainda é recorrente na fala de diversas regiões do país. De acordo com Noll (2008, apud SANCHES, PEREIRA, 2020), é possível considerá-lo não só como um dos traços salientes do português brasileiro, como também uma inovação dessa variedade do português, haja vista que ele não ocorre em outras variedades nacionais.

Bisol (1994, p.125), em um de seus trabalhos sobre ditongos, pontuou que a ditongação diante de /S/ “é resultado de um processo muito similar ao que cria um ditongo em peixe ~ peixe, caixa ~ caxa”, afirmando que ela ocorre somente em sílaba acentuada, como é o caso da ditongação que pode acontecer na forma pronominal estudada (*nós* > *nóis*). No entanto, nos diversos estudos sobre esse fenômeno, realizados em diferentes localidades do país, não há um consenso sobre os contextos que favorecem a ditongação em sílabas travadas por /S/.

Na região Nordeste, esse processo já foi amplamente discutido por Aquino (1998, 2004) e Silva (2014, 2018). Por meio da análise de dados provenientes do VALPB, Aquino (1998, 2004) observou que, em monossílabos tônicos, a aplicação da ditongação é de 97% na fala dos pessoenses, havendo uma maior influência de fatores linguísticos, como a tonicidade da sílaba e a qualidade da vogal, do que fatores sociais. Em relação a esses fatores externos à língua, os dados indicaram que falantes com um maior nível de escolaridade tendem a desfavorecer o processo de ditongação diante de /S/. Já no estudo de Silva (2014), através de dados coletados pelo Atlas Linguístico do Brasil – ALiB, há a investigação da fala de vinte e cinco capitais brasileiras. Ao contrário do que ocorre na maioria das cidades investigadas, a autora percebeu que, em Salvador-BA e em municípios próximos da capital baiana, a ditongação em sílabas

travadas por /S/ ocorre em contextos vocabulares variados, não se limitando às sílabas tônicas finais e aos monossílabos.

A fim de investigar mais especificamente esse fenômeno na Bahia, Silva (2018) analisou também a fala de cinco cidades abarcadas pelo projeto ALiB, que estão situadas no Sudoeste e Centro-Sul do estado. Como resultado, a sociolinguista notou que, nesses municípios, a ditongação é favorecida somente em vocábulos monossilábicos, não ocorrendo esse processo em outros contextos linguísticos. Por outro lado, em Salvador-BA e Santo Amaro-BA, a ditongação não se restringe às palavras que possuem apenas uma sílaba, estando presente também em palavras com uma extensão maior. Quanto aos fatores sociais, as cidades se distinguem bastante, pois não há um consenso entre o comportamento de falantes jovens e mais velhos, e entre homens e mulheres.

No Sudeste, o processo de ditongação diante da fricativa /S/ foi alvo de análise na pesquisa realizada por Leite, Callou e Moraes (2003), em que as autoras investigaram, em tempo real, dados das décadas de 1970 e 1990 provenientes do projeto NURC-Rio de Janeiro. Os resultados obtidos sinalizaram que a ditongação é favorecida pelas vogais [ɛ], [e] e [ɔ], como em “de(i)z”, “ve(i)z”, “vo(i)z”, enquanto a vogal [i] desfavorece tal processo, e [a] tem um comportamento neutro. Ademais, esses resultados mostraram que há uma preferência pela ditongação quando /S/ é realizado foneticamente como uma palatal e as palavras são monossilábicas. No que concerne à análise das faixas etárias dos informantes, foi possível observar que esse fenômeno constitui um processo em variação estável.

Além desse trabalho, Mota e Silva (2012) também estudaram a ditongação em sílabas travadas por /S/ nas capitais da região Sudeste e Sul do país. Nesse contexto, há uma baixa frequência do fenômeno linguístico estudado (12%), havendo algumas diferenças diatópicas, tendo em vista que, no Sudeste, esse processo é mais provável de acontecer do que na região Sul. Dentre as capitais analisadas, destacam-se como favorecedoras do fenômeno: Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Vitória, ao passo que São Paulo e Florianópolis apresentaram um comportamento neutro. Em contrapartida, tal processo foi desfavorecido em Curitiba e Porto Alegre, onde há um comportamento mais conservador em relação à ditongação.

Outras pesquisas que investigaram esse fenômeno no Sul do país são as de Leiria (2000) e Haupt (2007). No primeiro trabalho, Leiria (2000) estuda, por meio de dados do projeto VARSUL, a fala das três capitais situadas nessa região (Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba), restringindo-se à análise dos contextos oxítonos e monossílabos tônicos. Os resultados obtidos por essa autora indicam não só que esse processo é pouco recorrente na fala desses indivíduos, como também que os fatores linguísticos, como o sândi externo, a qualidade da vogal e o ponto

de articulação da consoante, influenciam mais o processo de ditongação do que os fatores sociais. No trabalho de Haupt (2007), a linguista analisou a leitura de um texto realizada por vinte e quatro informantes florianopolitanos, e percebeu que, assim como no estudo anterior, as variáveis linguísticas apresentam uma maior relevância.

Dessa forma, é possível observar que o fenômeno em questão parece estar presente em todo o território brasileiro, ocorrendo, principalmente, em monossílabos tônicos, como é o caso da variante *nóis*, objeto de estudo deste trabalho. No que se refere ao papel das variáveis sociais, nota-se que não há um consenso sobre o seu comportamento, mas, de um modo geral, essas variáveis não exercem muita influência nesse processo. Sob essa perspectiva, Hora e Aquino (2012, p.1111) afirmam que:

A ditongação diante de /S/ em monossílabos tônicos e na posição tônica final já tem seu uso bem consolidado no português brasileiro. Constata-se também que, por se tratar de uma forma que não sofre estigma social, passa despercebida pelo crivo corretivo da escola, o que a faz ser usada tanto em situações informais como em contextos sociais em que há maior monitoramento da linguagem, como no contexto de leitura.

Com base nesta afirmação, ao refletirmos sobre o uso de *nóis*, é possível concluir que essa forma pronominal está presente em diversas regiões do país e não sofre estigma social, podendo, então, ser utilizada nas diferentes situações comunicativas. Contudo, se atentarmos ao que a história diz sobre a ditongação diante de /S/, perceberemos que esse processo já foi, por muito tempo, associado ao falar caipira, sendo apontado por Amaral (1976 [1920]) como um dos traços característicos desse dialeto:

a ditongação diante de /S/, ao delinear a situação das vogais tônicas: As TÓNICAS, em regra, não sofrem alteração. O único facto importante a assinalar em relação a estas é que, quando seguidas de ciciante (s ou z), no final dos vocábulos, se ditongam pela geração de um i: rapáiz, mêis, péis, nóis, lúiz. (AMARAL, 1976 [1920], p. 22)

Ao longo da história do português brasileiro, esse fenômeno deixou, paulatinamente, de ser uma marca do falar de pessoas que moram na zona rural e de camadas mais desprivilegiadas socialmente¹², e passou a estar presente nos centros urbanos e na fala de indivíduos que pertencem a diferentes camadas sociais (AMARAL, 2014). Tal fato pode ser evidenciado na pesquisa de Santos (2017), que analisou o monitoramento da escrita em redes sociais. Para

¹² Isso está relacionado ao processo de urbanização que marcou a história do Brasil durante o século XX, mais precisamente a partir dos anos de 1950. Tal período foi marcado por muitos movimentos migratórios entre regiões, principalmente, do campo para a cidade (BORTONI-RICARDO, 2011).

exemplificar casos em que os falantes reproduzem ortograficamente termos coloquiais, a pesquisadora citou a variante *nóis* presente em um *meme*, alegando que, nesse caso, não há uma reprovação do uso dessa forma por parte dos usuários, haja vista que todos a utilizam.

Ainda sobre essa presença de *nóis* na fala de diferentes sujeitos, Rocha, Silva e Neves (2015) apontaram que é raro ouvir pessoas falando *nós* ao invés de *nóis*, visto que até mesmo pessoas com um maior nível de escolaridade acabam ditongando esse pronome. Destarte, nota-se que os significados sociais atribuídos à variante *nóis* foram mudando com o passar do tempo e, atualmente, parece que essa forma não está mais associada aos traços de [+ rural] e [-urbano], sendo usada por falantes com classes sociais e níveis de escolaridade distintos, com exceção da região Sul, onde a realização desse processo é menos comum.

2.4 O apagamento da sibilante /S/ em posição de coda

A estrutura silábica do português, segundo Silva (2017), é formada por três partes: o núcleo, parte obrigatória que é preenchida por uma vogal; e duas partes periféricas que são opcionais e preenchidas por consoantes que podem estar antes ou depois da vogal. Na posição pós-vocálica, alvo de análise deste trabalho, podemos encontrar os segmentos fonológicos /r/ e /l/, os aquifonemas /S/ e /N/, e os glides. Como iremos nos deter ao estudo da sibilante, é importante ressaltar que o arquifonema /S/, em posição de coda, corresponde a quatro alofones [s, z, ʃ, ʒ], podendo ser utilizado como um morfema de plural em sintagmas nominais ou como um integrante de lexemas.

Além desses quatro alofones, Gryner e Macedo (2000) apontaram que a sibilante em coda pode ser realizada como uma aspirada [h] ou pode sofrer um apagamento. Câmara Jr. (2001), em sua obra *Estrutura da Língua Portuguesa*, também abordou essa possibilidade da consoante final ser apagada. Para esse autor, tal supressão pode acontecer devido não só à posição da consoante, haja vista que, em coda silábica, o preenchimento não é obrigatório, como também ao enfraquecimento da articulação. Dessa maneira, nota-se que o apagamento da sibilante /S/ em posição de coda, como ocorre nas variantes estudadas (*nóis* > *nói*), é um fenômeno que está presente no português brasileiro.

Recorrendo à história das línguas, Gryner e Macedo (2000) pontuaram que esse processo ocorre desde o latim arcaico, persistindo tanto no latim clássico quanto no vulgar. Durante a romanização, a sibilante final foi apagada nas línguas da România Oriental, enquanto, nas línguas da România Ocidental, esse apagamento não ocorreu, havendo a manutenção do /S/ em coda. Todavia, em algumas línguas do Ocidente, como o português, esse fenômeno pode

acontecer, ocasionalmente, em alguns contextos. Levando em consideração esses aspectos, Ribeiro (2006, p.29), ao mencionar Silva Neto (1979), reiterou que:

Silva Neto (1979) assevera que essa variação se explica através da história, pois são razões de ordem histórico-social que contam na supressão ou manutenção do -s final, ou seja, tal oscilação corresponde a movimentos demográficos, sociais e geográficos, pois a perda do -s corresponde às correntes dialetais da Península; a vitória do -s é a consequência da vitória do latim de Roma, consagrado, enfim, como a *urbanitas*, o padrão.

Hodiernamente, no Brasil, tal fenômeno já foi discutido em diversos estudos, principalmente naqueles que se dedicaram à análise da concordância nominal, em que a sibilante final tem a função de morfema de plural, mas há também alguns trabalhos que abordaram essa variação em lexemas. Como, nesta pesquisa, o nosso objetivo é compreender o processo presente em *nóis* > *nói*, será apresentada uma síntese de alguns estudos que falam sobre a supressão de /S/ nos radicais das palavras.

Um dos primeiros trabalhos a descrever esse processo foi o de Callou e Marques (1975). Para realizar essa descrição, as autoras analisaram dados do Projeto NURC, coletados em seis áreas do Rio de Janeiro entre as décadas de 1970 e 1990. A partir dessa análise, elas observaram que, no falar carioca, apenas 3,2% dos dados eram de supressão da sibilante final, sendo essa influenciada pela escolaridade dos falantes, posto que quanto menor o nível de escolaridade, maior a probabilidade de ocorrer o apagamento de /S/ em posição de coda.

Guy (1981), por meio de uma amostra de dados composta por vinte informantes analfabetos pertencentes à classe trabalhadora, também investigou esse fenômeno na fala carioca. Das 10.271 ocorrências da sibilante final encontradas nesse *corpus*, 13% são de apagamento. Analisando os fatores linguísticos que influenciaram tal resultado, o sociolinguista observou que a tonicidade da sílaba em que está o /S/ tem um efeito significativo, sendo a supressão favorecida por palavras oxítonas e desfavorecida por monossílabos tônicos e polissílabos não oxítonos.

Ademais, Guy (1981) verificou que a tonicidade da sílaba seguinte e o contexto fonológico da palavra seguinte também foram estatisticamente significativos. Os resultados dessas variáveis indicaram que as sílabas átonas e as consoantes favorecem o apagamento, ao passo que as sílabas tônicas e as vogais desfavorecem esse processo. Por fim, o autor observou o papel de fatores discursivos e extralinguísticos no fenômeno em questão. Na investigação do estilo de fala, ele notou que o estilo casual favorece mais a supressão da sibilante final em comparação ao estilo cuidadoso, tendo em vista que esse tende a desfavorecê-la. Quanto aos

fatores sociais estudados, percebeu-se que o apagamento de /S/ em coda é realizado mais pelos homens e pelos falantes jovens com idades entre 18 e 30 anos.

Ainda no Rio de Janeiro, esse processo foi descrito por Brito (2020), que investigou a fala de vinte e dois moradores da Cidade de Deus, bairro situado na Zona Oeste. Primeiramente, é importante ressaltar que, nesse trabalho, a sibilante final foi analisada não só como parte de um lexema, mas também como um morfema de plural. Como resultado, o pesquisador observou que 15,2% dos dados referiam-se ao apagamento. Nesse contexto, o grupo de fatores que mais influenciou esse índice foi a classe gramatical, havendo um favorecimento da supressão por substantivos, adjetivos, advérbios e verbos, enquanto os pronomes tiveram um efeito neutro, e as conjunções, os numerais e os artigos desfavoreceram esse processo.

O segundo grupo de fatores selecionado pelo programa estatístico como significativo foi a vogal precedente. Investigando o efeito dessa variável, notou-se que a supressão é mais frequente quando a sibilante é precedida por vogais posteriores. Além desses grupos de fatores, a tonicidade da sílaba em que /S/ aparece, o contexto fonológico seguinte e o número de sílabas das palavras também foram estatisticamente relevantes. Através da análise dessas variáveis, foi possível observar que o apagamento é favorecido quando: (i) a última sílaba é átona; (ii) o contexto seguinte é uma pausa ou uma consoante coronal; e (iii) as palavras possuem um maior número de sílabas.

Em relação aos fatores sociais, os resultados obtidos mostraram que o apagamento da sibilante em coda está mais presente na fala dos mais velhos do que na fala dos jovens. Além disso, esse processo é favorecido por pessoas que possuem um menor nível de escolaridade e que vieram das regiões Sudeste e Nordeste do país. No que se refere ao sexo dos falantes, percebeu-se que a supressão de /S/ final está mais presente no falar dos homens, assim como foi observado em Guy (1981).

No Nordeste, esse assunto também já foi abordado em pesquisas sociolinguísticas. Ribeiro (2006), a partir de dados do projeto VALPB, analisou o apagamento da sibilante final no falar pessoense. Com base nessa análise, a autora notou que 25% dos dados referiam-se à supressão de /S/, sendo essa influenciada tanto por fatores linguísticos quanto por fatores sociais. A classe gramatical foi a primeira variável linguística selecionada pelo programa estatístico, indicando que somente os verbos favorecem o fenômeno em questão.

Outra variável significativa estatisticamente foi o contexto fonológico precedente, em que a presença do glide [y] atua como favorecedora desse processo. Sob essa ótica, Ribeiro (2006, p. 81) evidenciou que “o fenômeno da ditongação pode indicar o andamento de um processo que culminará com o apagamento da sibilante final”, tal como ocorre em *nóis* > *nói*. Sobre o

contexto fonológico seguinte, verificou-se que as coronais e as labiais favorecem o apagamento, enquanto as dorsais, vogais e a pausa atuam como inibidoras desse processo.

Ao investigar os fatores extralinguísticos, a pesquisadora percebeu que os anos de escolarização dos falantes foram a primeira variável selecionada como estatisticamente relevante. Na análise desse grupo de fatores, notou-se que, à medida que aumenta o nível de escolaridade, diminuem os índices de apagamento de /S/ final em lexemas. Enfim, investigando a faixa etária dos informantes, ela concluiu que esse processo está em variação estável, pois o comportamento dos jovens e dos mais velhos se assemelha bastante.

Em síntese, é possível observar que o apagamento da sibilante em coda não apresenta diferenças diatópicas, mas, sim, diferenças sociais, como o nível de escolaridade dos falantes (GRYNER, MACEDO, 2000). Para Brito (2020, p.156), essa supressão é estigmatizada pela sociedade por estar, geralmente, associada ao falar de “pessoas com baixo status socioeconômico e baixo nível de escolaridade”. Além dessas associações, tal fenômeno também é caracterizado por Amaral (1976 [1920]) como um dos traços do falar caipira, o que reforça, ainda mais, o seu estigma.

Refletindo mais especificamente sobre o processo que ocorre em: *nóis* > *nói*, nota-se que a variante ditongada (*nóis*), contexto que, segundo Ribeiro (2006), é favorável ao apagamento, sofreu a supressão da sibilante em posição de coda silábica, resultando na forma *nói*. Essa variante, por sua vez, está, provavelmente, associada aos valores sociais atribuídos ao apagamento de /S/ final. Considerando os diversos trabalhos sobre a alternância entre *nós* e a *gente*, discutidos na subseção 2.2, é possível observar que ainda não houve uma descrição sociolinguística sobre o uso da variante *nói*.

Entretanto, resgatando os estudos dialetológicos, verificou-se que Marroquim (1934)¹³, em sua pesquisa sobre a fala popular de Alagoas e Pernambuco, já havia citado essa forma. Ao estabelecer que a diferença entre a fala popular e a fala culta não está na inserção do glide (rapaz > rapaiz) e, sim, no apagamento da sibilante final (rapaz > rapai), ele pontuou que essa supressão é realizada por matutos iletrados. Para exemplificar esse aspecto, o autor apresentou um quadro de conjugação verbal de acordo com a fala popular, em que podemos observar a presença de *nói*:

¹³ Segundo Cardoso (1999), o trabalho de Marroquim (1934), intitulado *A língua do Nordeste*, faz parte da segunda fase da Dialectologia brasileira, em que há a observação de uma determinada área, buscando investigar os fenômenos que caracterizam o seu falar. Tais fenômenos são de naturezas: semântico-lexical, fonético-fonológica e morfossintática.

Figura 2 - A conjugação verbal na fala popular

Conjuguemos com o matuto:

<i>Ind. presente</i>	<i>Imp. indicativo</i>	<i>Perfeito</i>
Eu faço	Eu fazia	Eu fii
Tu fáí	Tu fazia	Tu fei ou fizesse
Ele fáí	Ele fazia	Ele fêi
Noi ou nois fáí	Noi ou nois fazia	Noi ou nois fizemo
Voi ou vois fáí	Voi ou vois fazia	Voi ou vois fei
Eles fáí.	Eles fazia.	Eles fizéro.

Fonte: Marroquim (1934, p.68. Grifo acrescentado.)

A partir desta figura, nota-se que a variante *nói*, possivelmente, estava presente também no falar de alagoanos e pernambucanos matutos. Assim como os estudos sobre o apagamento de /S/ em lexemas já tinham mostrado, tal forma está sendo associada ao falar de pessoas com classes sociais mais baixas e que possuem um menor nível de escolaridade. Desse modo, percebe-se que os valores atribuídos ao pronome *nói* estão relacionados aos traços de [-escolaridade] e [+ popular]. Como um dos objetivos deste estudo é investigar os significados sociais das variantes nas comunidades analisadas, falaremos, na subseção seguinte, sobre essa temática.

2.5 Os significados sociais da variação linguística

Os estudos sociolinguísticos, de acordo com Penelope Eckert (2012), podem ser compreendidos a partir de três ondas. A primeira onda abrange estudos que utilizam categorias macrossociais, como sexo e classe social, para explicar os padrões de variação linguística. Segundo Mendonza-Denton (2002), essas explicações são de natureza essencialista, já que reduzem os falantes a uma única categoria social, isto é, o papel agentivo dos indivíduos é anulado e eles são considerados apenas membros de um determinado grupo macrossociológico. Um exemplo desses estudos é o trabalho de Labov sobre a estratificação social do inglês em Nova York (1966), cujos resultados mostram que a frequência de uso das variantes não padrão diminui à medida que a classe social dos falantes se torna mais alta.

Nos trabalhos de segunda onda, as comunidades de fala investigadas são menores e o pesquisador, por meio de uma abordagem etnográfica, analisa as práticas sociais presentes nesse meio por um longo período de tempo, a fim de descobrir quais são as categoriais localmente

relevantes para a análise. Assim, o foco dos estudos passou a ser as chamadas *redes sociais* (MILROY, 1980), que são “um conjunto de vínculos de todos os tipos entre os indivíduos em um grupo” (BORTONI-RICARDO, 2011, p.15). Essa abordagem foi adotada, por exemplo, na pesquisa realizada por Labov (1963) na ilha de Martha’s Vineyard, em que os resultados indicaram que o uso das variantes não estava relacionado às categorias macrossociais, mas às atitudes dos falantes em relação ao local em que viviam.

Por outro lado, nos estudos de terceira onda, há “um olhar mais atento aos próprios indivíduos e a suas práticas cotidianas” (OUSHIRO, 2019, p.306). Por isso, em geral, a base desses trabalhos são agrupamentos menores, *comunidades de práticas*, definidas por Eckert e McConnell-Ginet (1992, p.464) como “um agrupamento de pessoas que se juntam em torno de uma iniciativa em função de um compromisso mútuo”. Nesse sentido, a variação linguística deixa de ser interpretada como um mero reflexo de categorias macrossociais e começa a ser estudada em correlação às identidades, que são construídas pelos sujeitos ao longo de suas interações.

Sendo assim, Oushiro (2019, p.307), ao refletir sobre as diferentes categorias sociais, afirma que “um indivíduo não é apenas “paulista ou baiano”, ou apenas “mulher ou homem”, mas várias delas ao mesmo tempo – ou nenhuma delas, a depender da interação”, concluindo que “as identidades são sempre múltiplas e plurais”. Kiesling (2013) também discute a construção de identidades, evidenciando o papel do “outro” e a agentividade dos sujeitos nesse processo. Para ele, “identidade é um estado ou processo de relação entre o ‘eu’ e o ‘outro’; identidade é como os indivíduos definem, criam, ou pensam sobre si em termos de sua relação com outros indivíduos e grupos, sejam eles reais ou imaginários”¹⁴ (KIESLING, 2013, p. 450).

Levando em consideração esses aspectos, fica claro que a visão determinística de identidade, presente na primeira e na segunda onda (ECKERT, 2012), dá lugar a uma perspectiva mais agentiva nos estudos de terceira onda. Nesse contexto, os falantes escolhem “agentivamente” os traços linguísticos que indiciam o seu pertencimento a determinados grupos sociais e que os diferenciam dos “outros”. Entretanto, é importante destacar que “é pouco provável que um indivíduo possa monitorar e manipular conscientemente cada traço linguístico de sua fala a todos os momentos” (OUSHIRO, 2019, p. 309).

Battisti (2014), baseando-se na *Teoria da Prática* de Bordieu (1977), também aborda a noção de identidade. Para essa teoria, a linguagem é uma prática social, assim como outras

¹⁴ Texto original: “Identity is a state or process of relationship between self and other; identity is how individuals define, create, or think of themselves in terms of their relationship with other individuals and groups, whether these others are real or imagined.”

atividades presentes no nosso cotidiano. Tendo isso em vista, a pesquisadora considera que as identidades são construídas pelos indivíduos através da linguagem e de outras práticas sociais, que são orientadas pelo *habitus*¹⁵ dos grupos a que eles pertencem.

Do mesmo modo que Battisti (2014), Bulcholtz e Hall (2004) discutem o papel das práticas sociais e da linguagem na construção de identidades, afirmando que “entre os muitos recursos simbólicos disponíveis para a produção cultural da identidade, a linguagem é a mais flexível e difundida” (BULCHOLTZ, HALL, 2004, p.369)¹⁶. Refletindo sobre os diferentes processos associados à identidade, elas falam sobre a indexicalidade, que consiste no fenômeno semiótico de uma forma apontar, de modo indireto, para outra.

Segundo essas autoras, esse conceito está presente nas ideias de Ochs (1992), que observa que as estruturas linguísticas apontam, indiretamente, para categorias sociais, por meio de uma cadeia de associações semióticas. É importante ressaltar que essas categorias não são inerentes à forma linguística, mas por força de coocorrência em um grupo, essa forma pode indiciar determinada ideia. Dessa maneira, ao assumirmos que a língua é um sistema heterogêneo (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 1968), considera-se que a variação linguística aponta para significados sociais e, através deles, os falantes constroem as suas identidades ao utilizarem uma variante ao invés de outra.

Com base também nessa noção de indexicalidade, Silverstein (2003) cria o modelo de “ordem indexical”, que classifica os traços linguísticos em dois grupos: *índices de primeira ordem* e *índices de segunda ordem*. Os primeiros referem-se a variantes geográficas ou diastráticas que indiciam a participação dos indivíduos em uma determinada comunidade de fala e não se diferenciam em graus de formalidade. Tal índice pode se tornar de segunda ordem caso a avaliação social sobre os falantes que utilizam essas variantes se associe ao índice, internalizando-se nos dialetos dos sujeitos de modo a indexar outros elementos específicos. Assim, os *índices de segunda ordem* indexam tanto categorias macrosociais quanto a avaliação social e a ideologia dos falantes em relação às variantes.

Esse modelo proposto por Silverstein (2003) dialoga com os conceitos labovianos de *indicadores*, *marcadores* e *estereótipos*. Labov (2008 [1972]) propôs essa classificação a partir do nível de consciência dos indivíduos acerca das formas em variação e mudança linguísticas. Para ele, os *indicadores* são traços linguísticos que apresentam estratificação social, mas que

¹⁵ “O *habitus*- necessidade incorporada, convertida em disposição geradora de práticas sensatas e de percepções capazes de fornecer sentido às práticas engendradas dessa forma.” (BOURDIEU, 2015 [1979/1982], p.163)

¹⁶ Texto original: “among the many symbolic resources available for the cultural production of identity, language is the most flexible and pervasive.” (BULCHOLTZ, HALL, 2004, p.369)

aparentam ter pouca força avaliativa e não possuem padrão de variação estilística¹⁷, assemelhando-se aos *índices de primeira ordem* de Silverstein (2003). Em contraste, os *marcadores* exibem não só estratificação social, como também estratificação estilística. Em testes de reações subjetivas, embora estejam, muitas vezes, abaixo do nível da consciência, eles produzem respostas semelhantes. Os *estereótipos*, por sua vez, se diferenciam desses últimos por serem formas socialmente marcadas, sendo alvos de metacommentários avaliativos. Sob essa perspectiva, é possível perceber que os traços linguísticos considerados *marcadores* e *estereótipos* são semelhantes aos *índices de segunda ordem* de Silverstein (2003).

Ao compararmos as propostas desses dois autores, observamos que elas se diferenciam na medida em que os índices de Silverstein (2003) admitem reinterpretções, permitindo que novos significados e julgamentos sociais sejam indexados conforme eles são utilizados pelos falantes em práticas sociais distintas. Dessa forma, nota-se que os índices estão em constante processo de reconstrução, não sendo fixos, ao contrário das classificações de Labov (2008 [1972]). Em virtude desse fato, a ideia de Silverstein (2003) é tomada como base na concepção de *campos indexicais* proposta por Eckert (2008).

Como essa autora defende que o estudo da variação deve estar centrado na significação social, ela propõe o conceito de *campos indexicais* que permite descrever correlações entre determinados significados e o uso de certos traços linguísticos. Consoante às suas ideias:

[...] os significados das variáveis não são precisos ou fixos, mas constituem um campo de significados potenciais – um campo indexical, ou constelação de significados ideologicamente relacionados, qualquer um dos quais pode ser ativado no uso situado da variável. O campo é fluido, e cada nova ativação tem o potencial de mudá-lo ao ampliar as ligações ideológicas. Assim, a variação constitui um sistema indexical que incorpora a ideologia na linguagem e que é, por sua vez, parte essencial da construção da ideologia. (ECKERT, 2008, p. 454)¹⁸

Em oposição aos primeiros estudos sociolinguísticos, Eckert (2008) evidencia que as variáveis não têm significados sociais estáticos, esses são dinâmicos e estão sujeitos a reinterpretções constantemente. Isso acontece porque os falantes não utilizam determinados traços linguísticos somente para reafirmar o seu lugar na sociedade, mas também para fazer movimentos ideológicos. Para exemplificar esse fato, a autora cita alguns estudos, como o de

¹⁷ Para Labov (2008 [1972]), a variação estilística está associada aos graus de formalidade de uma interação social, ou seja, o quanto o indivíduo monitora a sua fala em uma determinada situação comunicativa.

¹⁸ Texto original: “[...] the meanings of variables are not precise or fixed but rather constitute a field of potential meanings – an indexical field, or constellation of ideologically related meanings, any one of which can be activated in the situated use of the variable. The field is fluid, and each new activation has the potential to change the field by building on ideological connections. Thus variation constitutes an indexical system that embeds ideology in language and that is in turn part and parcel of the construction of ideology”. (ECKERT, 2008, p.454)

Labov (1963) na ilha de Martha's Vineyard, em que o significado social da variação baseia-se em ideologias sobre o que é a localidade, quais são as práticas, as crenças e os costumes presentes nela. Nessa perspectiva, ela pontua que “reivindicações de identidade local são sobre o que significa ser 'daqui', em oposição ao que significa ser de 'lá’” (ECKERT, 2008, p.462)¹⁹.

Para acessar esses significados sociais e as identidades dos falantes, é necessário que, além de estudos de produção linguística, sejam realizados também estudos de avaliação, atitude e percepção (OUSHIRO, 2015, 2021; SENE, 2019). Apesar de esses três conceitos serem tratados, muitas vezes, como sinônimos nas pesquisas atuais, no presente trabalho, eles serão abordados como conceitos distintos, já que aqui se entende que eles se diferenciam quanto ao grau de consciência dos falantes.

Assim sendo, consideramos que a avaliação, um dos cinco problemas empíricos para o estudo da variação e mudança linguísticas (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 1968), é a forma como os falantes/ouvintes, por meio de suas crenças²⁰, relacionam determinados valores à produção linguística de si mesmos ou de outros falantes, sendo, portanto, uma atividade metalinguística. Quando os falantes/ouvintes exteriorizam essa avaliação explicitamente, chamamos de atitude linguística, ou seja, ela é uma forma de reação ao que se pensa sobre determinada variante ou variedade (GARCIA, 2018). Conforme Lambert (1972, p. 78), a atitude pode ser conceituada como:

[...] uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação a pessoas, grupos, questões sociais ou, mais genericamente, a qualquer acontecimento ocorrido em nosso meio circundante. Seus componentes essenciais são os pensamentos e as crenças, os sentimentos (ou emoções) e as tendências para reagir.

Em contrapartida, consideramos que a percepção sociolinguística está associada às reações subjetivas e às inferências realizadas pelos falantes/ouvintes ao escutarem outro indivíduo (OUSHIRO, 2021). Essa percepção pode ser consciente ou inconsciente e acontece com base no que já foi aprendido e reconhecido pelos sujeitos (JEKOSCH, 2005, apud SENE, 2019). Logo, baseando-se nessas definições, é possível perceber que avaliação, atitude e percepção são conceitos complementares que devem ser estudados em conjunto para que possamos compreender como as formas linguísticas apontam para significados sociais.

¹⁹ Texto original: “Local identity claims are about what it means to be from ‘here’ as opposed to some identified ‘there’.” (ECKERT, 2008, p.462)

²⁰ Crenças podem ser definidas como “uma forma de pensamento, construções da realidade, maneiras de ver e perceber o mundo e seus fenômenos, co-construídas em nossas experiências resultantes de um processo interativo de interpretação e (re)significação.” (BARCELOS, 2007, p.38)

Para tanto, existem diversos métodos diretos e indiretos que podem ser aplicados pelos pesquisadores (OUSHIRO, 2021). Um desses métodos é a formulação de *perguntas explícitas* acerca de um determinado traço linguístico no roteiro de entrevistas. Geralmente, essas perguntas pedem para que os participantes falem sobre o que eles pensam do uso desse traço, o que ajuda o pesquisador a saber o nível de consciência dos falantes em relação ao seu objeto de estudo. Além desse método, existe outro que tem sido bastante utilizado nas pesquisas sociolinguísticas: a técnica de *matched-guise* proposta por Lambert e colaboradores (1960), que permite acessar as reações subjetivas e inconscientes associadas a certas formas linguísticas. Nessa técnica, são criados pares de estímulos idênticos, em que o pesquisador só modifica a variável analisada, e os participantes, ao escutarem esses estímulos, devem descrever as características do falante, como a sua profissão e o seu local de origem.

Campbell-Kibler (2009), em seu trabalho sobre os significados sociais das variantes de (ING) no inglês norte-americano, combinou esses dois métodos. Primeiramente, ela realizou entrevistas abertas, a fim de descobrir não só quais seriam as impressões gerais dos participantes em relação aos falantes dos áudios escutados, como também quais seriam os adjetivos usados para caracterizá-los. No primeiro momento da entrevista, os participantes escutaram gravações individuais dos falantes, respondendo perguntas gerais sobre eles e a situação. No segundo momento, as mesmas gravações com seus pares combinados foram tocadas e os participantes falaram explicitamente sobre como o (ING) modificou as suas percepções.

A partir dos atributos mencionados por esses indivíduos ao longo das entrevistas, Campbell-Kibler (2009) montou o questionário do seu experimento de percepção, em que se aplicou a técnica de *matched-guise* (LAMBERT ET AL., 1960). Tal técnica foi utilizada pela pesquisadora porque um de seus objetivos principais era captar quais seriam as reações encobertas dos participantes quanto ao uso das variantes de (ING). Como resultado, ela percebeu que o (ING) não está vinculado a um significado particular, mas a uma rede de conceitos relacionados. Dessa maneira, nota-se que métodos diretos e indiretos podem ser combinados para facilitar a compreensão da variação e os seus significados sociais.

Considerando os aspectos teóricos e metodológicos discutidos nesta subseção, observamos que as pesquisas sociolinguísticas estão, paulatinamente, deixando de estudar a variação como apenas uma representação de categorias macrosociais e estão passando a estudá-la em correlação com os seus significados sociais, analisando como, a partir deles, os falantes constroem as suas múltiplas identidades. Portanto, essas pesquisas não se limitam mais aos estudos de produção linguística, realizando também estudos de avaliação, atitude e percepção por meio da utilização de diferentes métodos (OUSHIRO, 2021).

No presente trabalho, analisaremos, além de dados de produção, os resultados do questionário de reações subjetivas, de modo a observar quais são as atitudes e percepções dos informantes em relação às variantes estudadas. Nesse questionário, assim como nas entrevistas, os falantes mencionaram, diversas vezes, a palavra “caipira” para descrever as suas cidades e os seus modos de falar. Assim, faz-se necessário discutir esse conceito para que possamos compreender tanto os nossos resultados quanto as características dessas comunidades. Em virtude desse fato, abordaremos, na próxima subseção, alguns traços históricos e sociais da cultura caipira.

2.6 Os aspectos históricos e sociais da cultura caipira

Durante os séculos XVI, XVII e XVIII, os bandeirantes - portugueses e seus descendentes que habitavam os povoados costeiros - começaram um intenso movimento de exploração do interior do Brasil em busca de índios para serem escravizados e, posteriormente, em busca de metais preciosos. Esse movimento resultou tanto na expansão territorial do país quanto no desenvolvimento de certos modos de vida, como a cultura caipira, que tinha a sua economia baseada na agricultura de subsistência (BORTONI-RICARDO, 2011).

Em um sentido estrito, o termo “caipira” pode se referir à população rural do interior do estado de São Paulo (CÂNDIDO, 2017 [1964]). Esse sentido está associado à história dos bandeirantes, pois, embora eles saíssem da capitania de São Vicente rumo a Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso e Sul do Brasil, muitos deles ficavam no meio do caminho e acabavam se instalando no interior paulista (PICINATO, 2018). Por outro lado, para Bortoni-Ricardo (2011, p.35), tal termo “não está restrito à área de influência histórica dos paulistas, mas se refere à população rural e tradicional do Brasil”. Neste estudo, vamos considerar a segunda definição, já que temos a premissa de que a cultura caipira está espalhada em diversas localidades do país.

Essa premissa está baseada em fatos históricos, uma vez que os caipiras, assim como os bandeirantes, tinham o hábito de se mover geograficamente à procura de terras férteis que ainda não tinham sido cultivadas, o que fez com que a cultura caipira não ficasse restrita a São Paulo, sendo difundida nos estados de Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás (CÂNDIDO, 2017 [1964]; BORTONI-RICARDO, 2011). Esse modo de vida nômade fez também com que os caipiras não tivessem muitas relações com outras pessoas e, em consequência disso, eles eram considerados tímidos. Contudo, essa situação começou a mudar no século XX, quando esses passaram a ter moradia fixa, constituindo os chamados bairros rurais (CÂNDIDO, 2017 [1964]).

Segundo Bortoni-Ricardo (2011), a característica primordial dessa cultura foi o isolamento geográfico e cultural em relação às áreas urbanas, que determinou alguns de seus

traços, como a economia de subsistência e a prática de solidariedade mútua. A população caipira vivia, então, longe das cidades, morando em casas distantes umas das outras ou em pequenas comunidades. Baseando-se em Cândido (1964), Bortoni-Ricardo (2011, p.36) aponta algumas particularidades dessa população:

Vivendo em áreas comuns ou distantes entre si, as famílias de uma comunidade eram ligadas pelo sentimento de territorialidade comum, pela ética de solidariedade, manifesta principalmente na participação dos vizinhos em tarefas agrícolas, e pelas tradicionais atividades religiosas e de lazer. Tudo isso representava a estrutura fundamental da sociedade caipira.

Além dessas particularidades, Picinato (2018), com base em Queiroz (1973), cita o sentimento de compadrio, que tinha grande importância nas comunidades caipiras, visto que até os laços de sangue eram ocultados pelos de compadrio. Dessa forma, se um irmão fosse batizar um sobrinho, ele deixava de ser chamado de “irmão” e passava a ser chamado de “compadre”. Esses laços não ocorriam apenas em situações de batismo, mas também em festas e eventos religiosos, sendo considerados um fator de interação social (QUEIROZ, 1973, apud PICINATO, 2018).

Outro traço da cultura caipira mencionado por Queiroz (1973, apud PICINATO, 2018) era a estrutura dos bairros rurais, que eram caracterizados não só pela sua estrutura econômica, como também pelas relações familiares e religiosas estabelecidas. Por causa disso, todos os moradores do bairro eram próximos e tratados igualmente. O morador que tinha mais prestígio ou status não era aquele que possuía mais bens materiais, mas, sim, aquele que tinha sentimentos como bondade, humildade, empatia e honestidade. Logo, nota-se que o prestígio era pautado na conduta social e moral dos indivíduos, nos valores pregados pela religião, algo que era muito forte nessas comunidades (SHIRLEY, 1977, apud PICINATO, 2018).

Tais valores estavam presentes também na constituição das famílias caipiras, em que o respeito pelas pessoas mais velhas e pela tradição prevaleciam. Essas famílias eram a base do trabalho desenvolvido pelos caipiras, posto que elas eram consideradas uma “pequena oficina” (PICINATO, 2018, p.122), em que os membros produziam tudo que era necessário para o seu sustento, como alimentos, roupas e remédios. Como essas famílias eram estruturadas com base nos padrões patriarcais (BRANDÃO, 1983 apud PICINATO, 2018), todas essas atividades eram lideradas pelo pai, enquanto a mãe era responsável por cuidar da casa e dos filhos.

Além disso, outra característica marcante dessas comunidades era o seu modo de falar que, devido ao isolamento geográfico, se desenvolveu sem influências da cultura letrada.

Amaral (1976 [1920])²¹ aponta que o vocabulário utilizado pelos caipiras era bem restrito, pois refletia o seu modo de vida simples e pacato, sendo formado por elementos do português arcaico e de outras línguas, como as línguas indígenas. Em relação à fonética, o autor menciona que a prosódia do falar caipira era diferente da prosódia portuguesa, já que era mais lenta, vagarosa e cantada. Além da prosódia, ele fala sobre a presença do R retroflexo, que, ainda hoje, é uma das marcas fortes desse dialeto (PICINATO, 2018). Por fim, o pesquisador discute a redução na morfologia flexional e as modificações sintáticas presentes no falar dessa população.

Desse modo, nota-se que todas essas particularidades históricas, sociais e linguísticas foram mobilizadas para construir a imagem do caipira, que sempre esteve associada à vida no campo e aos valores de fé e simplicidade. Por se diferenciarem dos moradores das áreas urbanas, os caipiras eram, muitas vezes, desvalorizados e marginalizados tanto pela sociedade quanto pela mídia. O auge dessa desvalorização foi quando Monteiro Lobato criou, em 1914, o personagem Jeca Tatu, que representava o caipira como alguém pouco estudado, preguiçoso e atrasado socialmente (PICINATO, 2018). Esse estereótipo criado por Lobato cristalizou-se na mente dos brasileiros e esteve presente, por muito tempo, nos discursos populares.

Entretanto, com o processo de industrialização, o caipira deixou de viver isoladamente e passou a ter contato com a cultura urbana, o que modificou, gradativamente, o seu modo de viver e a sua imagem. Em decorrência das mudanças econômicas advindas desse processo, as cidades do interior não são mais consideradas atrasadas, já que se desenvolveram e começaram a ter um grande papel na economia brasileira (OLIVEIRA, 2015 apud PICINATO, 2018). Por conseguinte, “o caipira ganhou um novo status, é o caubói, aquele que ostenta seus bens, que tem escolaridade, que não se sente inferior, que é livre, bruto, que arrisca a vida em busca de liberdade” (SETUBAL, 2005 apud PICINATO, 2018, p.96).

Essas mudanças se refletiram também no dialeto caipira, que, apesar de conservar as suas raízes, sofreu modificações. De acordo com Bortoni-Ricardo (2011), esse dialeto está, atualmente, amalgamando-se com variedades urbanas que possuem pouco prestígio social, perdendo alguns de seus traços típicos. Baronas (2012) também menciona essa mistura entre rural e urbano, ao citar que o falar caipira possui um traço conservador, que permite reconstruir a história da língua portuguesa, mas também um traço inovador, resultado da urbanização e da escolarização de seus falantes. Assim, nota-se que, à medida que a sociedade muda, a língua também se modifica de forma lenta e gradual (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 1968).

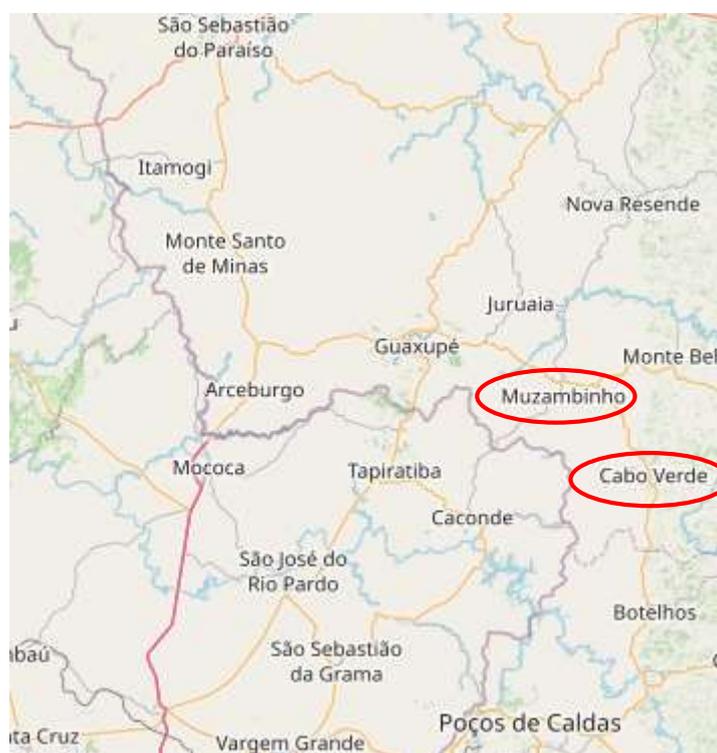
²¹ O trabalho de Amaral (1976 [1920]) é, para Cardoso (1999), o marco do início da segunda fase dos estudos dialetológicos brasileiros. Ele nasceu devido à preocupação do autor com o processo de dialetação da nossa variedade de português, o qual tinha sido pouco explorado até então.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 Universo da pesquisa

Nesta subseção, falaremos sobre o universo de investigação da presente pesquisa: Cabo Verde-MG e Muzambinho-MG, cidades vizinhas, com aproximadamente 24 quilômetros de distância entre elas, que estão localizadas no sudoeste do estado de Minas Gerais, como pode ser observado na Figura 3:

Figura 3 - A localização de Cabo Verde-MG e Muzambinho-MG



Fonte: Diretório de Ruas²²

Com base neste mapa, é possível perceber que esses municípios estão próximos do interior do estado de São Paulo, já que a linha tracejada em roxo marca a divisa entre os estados. Além dessa proximidade com o território paulista, nota-se que eles estão situados perto de Poços de Caldas-MG, cidade que, segundo o IBGE (2018), possui grande influência na região. Devido às condições geográficas e climáticas dessas localidades²³, a principal atividade econômica desenvolvida é a cultura do café, o que faz com que a maioria da população dependa

²²Disponível em: <https://www.diretorioderuas.com/BR/Minas-Gerais/Mesorregiao-Sul-Sudoeste-De-Minas-Microrregiao-São-Sebastiao-Do-Paraíso/Mapa-Da-Cidade/>. Acesso em 08 de setembro de 2021.

²³ De acordo com dados das prefeituras de Cabo Verde-MG e de Muzambinho-MG, os relevos predominantes nesses locais são montanhoso e ondulado, e o clima é caracterizado como tropical de altitude.

direta ou indiretamente da valorização desse produto. Por conseguinte, essas cidades estão ainda muito voltadas para o campo, sendo caracterizadas pela presença de alguns traços rurais, os quais serão discutidos, mais especificamente, na subseção 3.1.3.

A presença de tais traços cooperaram para que essas comunidades fossem escolhidas como lugares a serem investigados neste trabalho. Isto porque, ao retomar o que a literatura tem mostrado sobre a alternância entre *nós* e *a gente* no português brasileiro, verificamos que há uma certa necessidade de analisar como está ocorrendo o processo de implementação da mudança linguística fora dos grandes centros urbanos, em áreas rurais ou *rurbanas* (BORTONIRICARDO, 2004). Além disso, esses municípios nunca foram estudados do ponto de vista linguístico anteriormente, com exceção da Iniciação Científica realizada por esta pesquisadora (PINTO, 2019). Logo, com esta dissertação, pretendemos também contribuir para o mapeamento do português falado no Brasil, um dos objetivos da Sociolinguística, e permitir que essas pessoas tenham, de algum modo, a sua cultura e o seu falar reconhecidos.

Para que possamos compreender, de fato, as características desses locais, discutiremos, nesta subseção, a história, os aspectos sociais e econômicos de cada uma das cidades analisadas. De início, falaremos sobre Cabo Verde-MG e, em seguida, sobre Muzambinho-MG. Posteriormente, aplicaremos a proposta de *índice de urbanização* de Dias (2021), com o intuito de ordenar esses municípios de acordo com esse critério, visto que há uma hipótese de que o grau de urbanização pode influenciar o uso das variantes estudadas (MAIA, 2003; MENDES, 2007; MATTOS, 2013; FOEGER, 2014). Por fim, apresentaremos a visão dos moradores em relação às comunidades em que vivem.

3.1.1 Cabo Verde-MG

Consoante às ideias de Gaspar (2020), a área em que hoje se situa a cidade de Cabo Verde-MG começou a ser desbravada por colonizadores luso-brasileiros a partir de meados do século XVIII²⁴, quando a margem direita do Rio Sapucaí foi encontrada. A pedido das câmaras mineiras e do governo da capitania, esses colonizadores participaram de uma expedição militar de grande porte que tinha como objetivo destruir os diversos núcleos quilombolas situados nessa localidade. Os negros que sobreviveram a esses ataques tiveram um importante papel na

²⁴ Neste período, vieram para o Brasil muitos migrantes portugueses da região Minho. Esse grande fluxo migratório teve como justificativa central a crise econômica que acontecia em Portugal, principalmente dos minhotos, pessoas que tinham a agricultura como a sua única fonte de renda (ALVES, 1993; RUBIO, 2012). De acordo com Alves (1993), esses indivíduos eram, em sua maioria, de classes sociais mais baixas e pouco instruídos.

formação do novo território, o que pode ser observado, até mesmo, no atual nome do município, que carrega as raízes africanas (GASPAR, 2017).

No início da década de 1760, após essa expedição, foi criada a freguesia de Cabo Verde, uma das primeiras a estar situada a oeste do Rio Sapucaí. De acordo com Carvalho (1998), em sua obra *A Freguesia de Nossa Senhora da Assumpção do Cabo Verde e sua história*, Veríssimo João de Carvalho, ao descer o Rio Cabo Verde, descobriu ouro junto ao Ribeirão da Assumpção em 1762 e, a partir dessa data, passou a morar nesse local junto com a sua esposa e os seus filhos. Devido à presença da atividade mineradora nessa área, a ocupação desse espaço, inicialmente, foi rápida, atraindo imigrantes de diversas localidades, como Ouro Fino, Jacuí e São Paulo (ALMEIDA, PEREIRA, 2018).

Esse rápido crescimento da população despertou o interesse da diocese paulista, que solicitou ao Padre Agostinho Machado Fagundes, vigário de Ouro Fino²⁵, que comandasse a construção de uma capela e de um cemitério, celebrando, nesses locais, os sacramentos religiosos. Essa capela foi construída onde, atualmente, se situa a igreja Matriz Nossa Senhora da Assunção, presente na Figura 4:

Figura 4 - A igreja Matriz Nossa Senhora da Assunção



Fonte: Instagram @caboverdemgoficial ²⁶

²⁵ A diocese paulista fez essa solicitação ao vigário de Ouro Fino, porque, inicialmente, Cabo Verde-MG era vinculado à paróquia de Ouro Fino (CARVALHO, 1998).

²⁶ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CHi2qH6Dwzf/>. Acesso em 08 de setembro de 2021.

Segundo Almeida e Pereira (2018), essa capela era, no século XVIII, o lugar mais importante de Cabo Verde-MG, pois foi ao redor dela que as pessoas foram construindo as suas primeiras casas e, assim, formando o povoado. Hodiernamente, ainda é possível perceber que a igreja Matriz Nossa Senhora da Assunção é o “marco estruturador da forma urbana de Cabo Verde” (ALMEIDA, PEREIRA, 2018, p.155), haja vista que ela está situada no centro da cidade, próxima aos principais pontos, como a prefeitura e a câmara municipal.

No final do século XVIII, com o esgotamento das lavras de ouro, ocorreu uma “inversão agrícola”, que consiste na substituição das propriedades voltadas à mineração por fazendas destinadas à agricultura, como pontua Carvalho (1998). Para esse autor, essa inversão só se tornou possível por causa da grande presença de mão-de-obra escrava, que já era utilizada, nessa freguesia, desde a mineração. Tal fator, combinado com elementos naturais, como as boas condições climáticas, fez com que a cafeicultura fosse introduzida na região, provocando diversas consequências a médio e longo prazo (GASPAR, 2017). Dentre elas, podemos citar a substituição da mão-de-obra escrava pela assalariada, que se tornou viável graças à vinda dos imigrantes europeus para o país, e a modernização dos meios de transporte.

Já ao longo do século XIX, essa extensa freguesia foi sendo, paulatinamente, desmembrada, o que fez com que se originassem novos povoados, como Muzambinho-MG, que, até então, era um bairro rural pertencente a Cabo Verde-MG (GASPAR, 2017). Com o passar dos anos, a maioria desses povoados se tornaram cidades. Assim como a sua freguesia de origem, essas se interessaram pela agricultura e foram constituídas, sobretudo, por famílias portuguesas e negras (CARVALHO, 1998).

Após esse processo de desmembramento, Cabo Verde-MG também cresceu, tornando-se uma vila e, posteriormente, uma cidade (CARVALHO, 1998). Durante o século XX, com as inovações tecnológicas, esse município passou por uma série de transformações, como a instalação de luz elétrica, o uso de automóveis e a construção de cinema, do mesmo modo que ocorreu na maior parte do Brasil. No entanto, diferentemente de outros lugares, “Cabo Verde não passou por um processo de crescimento e de industrialização significativo” (ALMEIDA, PEREIRA, 2018, p.156), mantendo a agropecuária como a sua principal atividade econômica.

Atualmente, de acordo com o site oficial da prefeitura de Cabo Verde-MG²⁷, a principal fonte de renda desse município é a cultura do café, o qual é classificado como um dos melhores do país e do mundo. A cafeicultura é considerada a principal “indústria” dos cabo-verdenses, já que emprega cerca de 8 mil pessoas, sendo essas efetivas ou agregadas (aquelas que

²⁷ Disponível em: <https://www.caboverde.mg.gov.br/cabo-verde/economia>. Acesso em 08 de setembro de 2021.

trabalham na cidade, mas que vão à zona rural somente na época da colheita). Além disso, o site informa que, aproximadamente, 3.500 pessoas de outras regiões do país, como Paraná e Norte de Minas, vão para Cabo Verde-MG trabalhar no período de abril a novembro, época da colheita do café.

Dessa maneira, percebe-se que a cafeicultura é muito forte na cidade em questão, sendo a principal responsável pela geração de empregos. Outrossim, segundo a página oficial da prefeitura de Cabo Verde-MG no Facebook²⁸, essa atividade é responsável por 75% da renda total desse município, o que explica o surgimento do slogan: Cabo Verde, Terra do Café. Tal slogan está presente nos mais diversos contextos, como em legendas de fotos no Instagram:

Figura 5 - Cabo Verde, Terra do Café



Fonte: Instagram @caboverdemgoficial²⁹

Em virtude dessa grande importância econômica do café, muitos cabo-verdenses ainda moram nas áreas rurais desse município. Considerando os dados do IBGE, em 2010, havia 13.823 habitantes em Cabo Verde-MG e a densidade demográfica era 37,54 hab/Km². Desse número total, 7.627 habitantes moravam na zona urbana, enquanto 6.196 habitantes moravam

²⁸ Disponível em: <https://www.facebook.com/prefeituracaboverde>. Acesso em 08 de setembro de 2021.

²⁹ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CHi2qH6Dwzf/>. Acesso em 08 de setembro de 2021.

na zona rural, o que corresponde a quase 45% da população. A partir desses dados, nota-se que essa cidade está ainda muito voltada para o campo e isso parece ser algo observado pelos informantes que participaram deste estudo, como pode ser visto nos trechos a seguir:

(3.1) Ent: E você tem muito contato com a zona rural ou não?

Inf: Tenho, né?! / Porque aqui nós todos\ aqui/ nós todos praticamente temos contato com a zona rural/ porque é o nosso sustento/ todo mundo tem um vínculo/ um parente/ um\ né?!/ Que vive na zona rural/ então eu tenho sim/ tenho bastante/ num conheço/ num sei trabalhá em terra/ mas tenho ideia/ porque a gente conversa, né?! (CV, M, F2, ES)

(3.2) Inf: Porque a cidade aqui de Cabo Verde/ principalmente/ é uma cidade do café/ as pessoas vive hoje em Cabo Verde por causa do café/ sobrevive por causa do café/ então a maioria é agricultor e mora na roça/ porque é mais fácil pa cuidá do café (CV, M, F1, SES)

Portanto, nota-se que, independentemente do fato de o indivíduo morar no campo ou na cidade, a maioria dos cabo-verdenses parece ter algum tipo de contato com a zona rural, seja ele direto ou indireto. Essa forte relação com o campo, presente desde o final do século XVIII, faz com que essa cidade apresente alguns traços rurais, os quais, provavelmente, se refletem no modo de vida, na cultura e no falar dos moradores do município em questão.

3.1.2 Muzambinho-MG

Assim como Cabo Verde-MG, a cidade de Muzambinho-MG foi formada, inicialmente, por negros: esses fugiam das fazendas presentes na região e se instalavam, onde, atualmente, se situa o bairro Brejo Alegre (LEMOS, 1999). De acordo com Gaspar (2018), esses negros formaram um quilombo chamado “Muzambo”, que foi destruído, por volta de 1759 e 1760, pelas expedições de caça e extermínio aos núcleos quilombolas comandadas pelo paulista Bartolomeu Bueno de Prado e financiadas pelo governo mineiro. Apesar desses ataques, muitos negros sobreviveram e foram fundamentais para a formação desse povoado, que, mais tarde, passou a se chamar Muzambinho-MG, diminutivo aportuguesado do substantivo “Muzambo”, cuja origem é africana (GASPAR, 2018).

Após a destruição desse quilombo, em um mapa de 1760, começou-se a referenciar um rio também chamado “Muzambo” (GASPAR, 2018). Conforme as ideias de Gaspar (2018), a origem do nome desse rio não está bem definida, posto que não se sabe ao certo se ele foi

denominado dessa forma por causa do quilombo erradicado em suas margens ou, ao invés disso, se foi esse rio que emprestou o nome ao quilombo.

Gaspar (2017), investigando os documentos paroquiais da antiga freguesia de Nossa Senhora da Assumpção do Cabo Verde, observou também que, pelo menos desde a década de 1780, já existia um bairro rural chamado “Muzambinho”. Os moradores desse bairro eram subordinados à paróquia dessa freguesia, realizando os registros de batismo e de casamento nesse local. Tal povoado estava situado no antigo caminho que ia do arraial de Cabo Verde-MG em direção ao arraial de Jacuí-MG, mais precisamente onde se localiza o atual município de Muzambinho-MG, situado a noroeste da sede paroquial, após o bairro São Bartolomeu de Minas³⁰.

No século XIX, com o desmembramento da freguesia de Nossa Senhora da Assumpção do Cabo Verde, Muzambinho-MG, que era chamado, até então, de São José da Boa Vista (CARVALHO, 1998), se emancipou e cresceu. Tornou-se uma cidade autônoma no dia 30 de novembro de 1880, data em que se comemora o aniversário desse município. Esse pode ser observado na Figura 6:

Figura 6 - A cidade de Muzambinho-MG



Fonte: Prefeitura de Muzambinho-MG³¹

³⁰ São Bartolomeu de Minas, atualmente, é um distrito rural de Cabo Verde-MG.

³¹ Disponível em: <https://www.muzambinho.mg.gov.br/conheca-a-cidade>. Acesso em 08 de setembro de 2021.

Da mesma forma que Cabo Verde-MG, Muzambinho-MG também possuía interesses agrícolas e foi formado, majoritariamente, por famílias portuguesas e negras (CARVALHO, 1998). Por isso, hodiernamente, a principal atividade econômica desenvolvida nesse local ainda é a agropecuária, sendo o café o seu principal produto cultivado. Além dele, planta-se também feijão, milho, arroz, laranja, e banana, e se criam rebanhos, principalmente, de bovinos e de galináceos (LEMOS, 1999).

Devido a esse interesse agrícola, há ainda muitos muzambinhenses que moram na zona rural. De acordo com censo realizado pelo IBGE, em 2010, a população de Muzambinho-MG era de 20.430 habitantes e a densidade demográfica era de 49,84 hab/Km². Em relação à situação domiciliar, 15.729 habitantes moravam na zona urbana, ao passo que 4.701 habitantes moravam na zona rural; isso equivale a, aproximadamente, 23% da população total. Embora esse percentual seja bem mais baixo do que o de Cabo Verde-MG (45%), observa-se que Muzambinho-MG também possui uma forte relação com o campo, o que é evidenciado nas falas dos muzambinhenses entrevistados:

(3.3) Ent: Eh\ e você acha que essa questão de ainda ter muita gente que mora na roça influencia no modo de vida da cidade?

Inf: Com certeza/ nós somos uma cidade bastante rural, né?! / Nossa economia é baseada no café/ que é o forte aqui, né?! / Os costumes\ cê fala assim\ a pessoa: “Ah/ quero ir pa roça comê um pão de queijo/ uma pamonha/ então\ andá a cavalo/ nadá no rio” / Então assim/ isso nós tamo enraizado, né?! / Na nossa cultura (MZ, M, F2, ES)

(3.4) Inf: Tem muita gente/ eu tenho quase certeza que a população de Muzambinho/ a maioria/ ou uma grande parte/ muito grande/ é da roça

Ent: Mora na roça? / E cê acha que isso influencia no modo de vida da cidade?

Inf: Influencia/ eu acho/ porque Muzambinho é uma cidade mais\ mais\ às vezes tipo/ receptiva/ e do jeito que é/ tipo as pessoas andam de trator aqui dentro da cidade/ porque é da roça, né?! (MZ, F, F1, ES)

Com base nestes trechos, fica claro que Muzambinho-MG está ainda muito ligada à zona rural e isso se deve, essencialmente, ao cultivo do café, principal produto econômico dessa cidade. Em consequência disso, o modo de vida, a cultura e os costumes desses moradores também estão muito associados ao campo. Para exemplificar esse fato, o informante do trecho 3.3 cita comidas típicas do sítio, como a pamonha e o pão de queijo, e algumas atividades que costumam ser realizadas nesse espaço, como andar a cavalo e nadar no rio. Já a informante do trecho 3.4 menciona o fato de que, até mesmo dentro do município, é possível ver pessoas

andando de trator. Assim, nota-se que a ruralidade faz parte não só da economia dos muzambinhenses, como também da vida cotidiana desses habitantes.

Contudo, Magalhães (2008) destaca que, ao se comparar com outros municípios da região, como Cabo Verde-MG, a cafeicultura não é algo tão forte nesse local, já que não há a presença de grandes fazendeiros, predominando os pequenos e médios produtores rurais (MAGALHÃES, 2008). Outro aspecto mencionado pelo pesquisador que ilustra essa questão é o número de propriedades rurais de Muzambinho-MG, que é inferior ao número de propriedades de Cabo Verde-MG³². Por conseguinte, os cabo-verdenses acabam colhendo mais café do que os muzambinhenses, cerca de 15.225 toneladas e 11.016 toneladas, respectivamente (IBGE, 2017).

Para Magalhães (2008), isso acontece porque, diferentemente de outras cidades pertencentes a essa região agrícola, o interesse de Muzambinho-MG é a educação. Esse se iniciou no século XX, mais precisamente em 1901, quando o professor Salathiel de Almeida ajudou a criar e administrar o colégio Lyceu, que se tornou, em 1929, o Ginásio Mineiro. Segundo Magalhães (2008), tal escola, que se equiparava ao Colégio Pedro II, era uma das mais antigas instituições de ensino secundário público no país e foi o cenário de importantes acontecimentos culturais e artísticos.

Em virtude disso, o filósofo Jackson de Figueiredo chamou Muzambinho-MG de “Athenas do Sul de Minas” (MAGALHÃES, 2008). Esse título se reflete até nos dias atuais, pois, mesmo que essa cidade seja pequena, ela possui muitas instituições de ensino. Ao todo, são duas escolas municipais, duas estaduais e três particulares; essas últimas atraem estudantes de diversos municípios da região, como Cabo Verde-MG, que não possui escola privada. Ademais, há o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas (IFET), antiga Escola Agrotécnica (EAFMuz), que oferece tanto o Ensino Médio integrado ao Técnico quanto o Ensino Superior, como os cursos de Medicina Veterinária, Engenharia Agrônoma, Biologia e Educação Física, o que atrai a vinda de pessoas de diversas partes do país, contribuindo, de certa forma, com a economia local.

Levando em consideração esses aspectos, é possível perceber que Muzambinho-MG não é conhecida apenas pela sua forte produção agrícola, mas também por ser um polo de educação regional. Tais elementos parecem estar combinados na formação do brasão desse município, como pode ser visto na Figura 7:

³² Segundo o IBGE, em 2017, o número de estabelecimentos agropecuários com mais de 50 pés de café em Muzambinho-MG foi de 994, enquanto, em Cabo Verde-MG, foi de 1074.

Figura 7- Brasão de Muzambinho-MG



Fonte: Prefeitura de Muzambinho-MG³³

A partir deste brasão, observa-se que, por meio das imagens do milho e do boi, há referências à agropecuária, principal atividade econômica desenvolvida nesta cidade. Além dessas imagens, na borda do brasão, há ramos de cafés frutificados, os quais representam o principal produto cultivado nesse local. Por fim, nota-se também a presença de três estudantes: uma criança, um pré-adolescente e um jovem prestes a se formar. Esses simbolizam o papel da educação neste município. Logo, neste brasão, estão bem representados os dois principais interesses de Muzambinho-MG: a agropecuária e a educação.

3.1.3 Índice de urbanização

Considerando que o grau de urbanização das comunidades de fala analisadas neste estudo pode influenciar no uso das variantes analisadas (MAIA, 2003; MENDES, 2007; MATTOS, 2013; FOEGER, 2014), acreditamos que seria produtivo ordenar essas comunidades de acordo com esse critério. Para isso, não podemos nos basear apenas na proporção de população rural e urbana de cada município (DIAS, 2021), haja vista que há outros critérios que devem ser levados em conta (VEIGA, 2004).

De acordo com José Eli da Veiga (2004), a metodologia utilizada no Brasil para compreender o processo de urbanização é equivocada, posto que considera como área urbana

³³ Disponível em: <https://www.muzambinho.mg.gov.br/conheca-a-cidade/historia-da-cidade>. Acesso em 08 de setembro de 2021.

toda sede de município ou de distrito, independentemente das suas características estruturais ou funcionais. Para esse pesquisador, outros parâmetros devem ser usados nessa investigação, como a densidade demográfica e o número total de habitantes. Nesse sentido, ele considera como rural os municípios que têm menos de 80 hab/Km² e menos de 50 mil habitantes. Baseando-se nesses critérios, pode-se dizer que as comunidades de fala analisadas são rurais, já que a densidade demográfica de Cabo Verde-MG é de 37,54 hab/Km² e a de Muzambinho-MG é de 49,84 hab/Km², e o número total de habitantes é 13.823 e 20.430, respectivamente (IBGE, 2010).

Além desses parâmetros estruturais, Veiga (2004) menciona que, em outros países, analisam-se também parâmetros funcionais, isto é, serviços indispensáveis para a existência da urbe, como a presença de hospital, farmácia, corpo de bombeiros, casas de eventos culturais, transporte público, entre outros. Tendo isso em vista, consideramos importante também investigar a existência desses serviços nos municípios analisados. Para tanto, utilizaremos o *índice de urbanização* proposto por Dias (2021), em que são atribuídos pontos para as cidades de acordo com os seus fatores estruturais e econômicos.

Como este índice tem o objetivo de medir o grau de urbanização dos municípios, são analisados apenas os fatores que funcionam como atrativos para esse processo (RONCAYOLO, 1990 apud DIAS, 2021). Dessa maneira, as cidades com maior pontuação serão consideradas mais urbanas, enquanto aquelas com menor pontuação serão consideradas comparativamente mais rurais. A partir desse índice e dos parâmetros estruturais, proporemos alocar as comunidades de fala investigadas em um contínuo de urbanização (DIAS, 2021), ordenando-as da menos para a mais urbana, com a finalidade de verificar se isso apresenta correlação com os resultados obtidos neste trabalho.

Em nossa aplicação do *índice de urbanização* (DIAS, 2021), além de Cabo Verde-MG e Muzambinho-MG, há também a análise de Poços de Caldas-MG. Embora essa última cidade não faça parte do nosso universo de pesquisa, consideramos interessante contrastá-la não só porque ela influencia as nossas comunidades (IBGE, 2018), como também possui características distintas, podendo ser considerada mais urbanizada (DIAS, 2021), o que nos permitirá fazer comparações entre elas. A aplicação do *índice de urbanização* (DIAS, 2021) está presente no Quadro 1:

Quadro 1 - Índice de urbanização

		CIDADES			
		Pontos	Cabo Verde (MG)	Muzambinho (MG)	Poços de Caldas (MG)
ESTRUTURA EDUCACIONAL	Uma Instituição de Ensino Superior Pública	3		✓	
	Mais de uma Instituição de Ensino Superior Pública	4			✓
	Uma Instituição de Ensino Superior Particular	1			
	Mais de uma IES particular	2			✓
	Escola de Educação Básica particular	1		✓	✓
GRAU DE CONTATO	Evento cultural que atraia visitantes	1		✓	
	Mais de um evento cultural que atraia visitantes	2			✓
	Ter população estudantil de fora	3		✓	✓
	Acesso rodoviário municipal	1			
	Acesso rodoviário estadual	2			
	Acesso rodoviário federal	3	✓	✓	✓

			Cabo Verde (MG)	Muzambinho (MG)	Poços de Caldas (MG)
INFRAESTRUTURA DE SERVIÇOS E LAZER	Hospital com UTI	2			✓
	Hospital sem UTI	1	✓	✓	
	Corpo de bombeiros	2			✓
	Receita Federal	1			✓
	Polícia Federal	1			
	Fórum	1	✓	✓	✓
	Sede de Diocese	1			
	Igreja evangélica	1	✓	✓	✓
	Transporte público	2	✓	✓	✓
	Penitenciária	2			✓
	Shopping	2			✓
	Cinema/Teatro	1			✓
	Redes franqueadas (Ensino, Supermercado, Farmácia, Plano de Saúde, Fast food, etc)	1	✓	✓	✓
	ATIVIDADES ECONÔMICAS	Agropecuária	1	✓	✓
Pequenas indústrias (até 99 empregados)		1	✓	✓	
Grandes indústrias (mais de 500 empregados)		2			✓
Turismo pontual		1		✓	
Turismo constante		2			✓
Comércio que atraia visitantes		1			✓

		Cabo Verde (MG)	Muzambinho (MG)	Poços de Caldas (MG)
Total de pontos	49	11 (22%)	20 (41%)	35 (71%)

Fonte: Adaptado de Dias (2021)

Por meio dos resultados deste índice, é possível observar que as cidades de Cabo Verde-MG e de Muzambinho-MG, em relação a Poços de Caldas-MG, são pouco urbanas. Ao contrário das comunidades de fala analisadas neste estudo, a economia de Poços de Caldas-MG está voltada para diferentes áreas como: a indústria, o turismo, o comércio e a educação (DIAS, 2021), o que, possivelmente, faz com que esse município seja mais urbanizado e desenvolvido do ponto de vista estrutural. Por isso, muitos cabo-verdenses e muzambinhenses vão, frequentemente, a Poços de Caldas-MG, posto que não possuem acesso a alguns serviços em suas cidades, como shoppings, cinemas e hospitais com UTI. Essa certa dependência é evidenciada na fala de um dos informantes desta pesquisa:

(3.5) Inf: É/ eu acho que é uma cidade boa/ uma cidade bem pacata, né?! / Tranquila/ mas que num\ ah/ é uma região boa a nossa região, né?!/ Se a gente quisé/ a gente\ se precisá de alguma coisa melhor vai em Poços, né?!/ mas eu gosto de Cabo Verde sim/ pessoas boas/ tudo (CV, M, F1, ES)

Outrossim, observa-se que, apesar de ambas as comunidades investigadas estarem ainda muito voltadas para o campo, há diferenças entre elas não só na análise dos parâmetros estruturais (densidade demográfica e número total de habitantes), mas também na análise dos parâmetros funcionais (VEIGA, 2004). Com base na aplicação desse *índice de urbanização* (DIAS, 2021), nota-se que Muzambinho-MG (41%) é mais urbano do que Cabo Verde-MG (22%). Ao analisar os fatores que distinguem esses municípios, percebe-se que o principal deles é a estrutura educacional, já que Muzambinho-MG, ao contrário de Cabo Verde-MG, possui uma instituição de ensino superior pública, responsável por atrair estudantes de várias regiões do país. Além disso, Muzambinho-MG tem escolas particulares de ensino básico, ao passo que Cabo Verde-MG possui apenas escolas estaduais e municipais. Outro fator que diferencia essas cidades é a presença de um evento cultural que atrai muitos visitantes em Muzambinho-MG: o

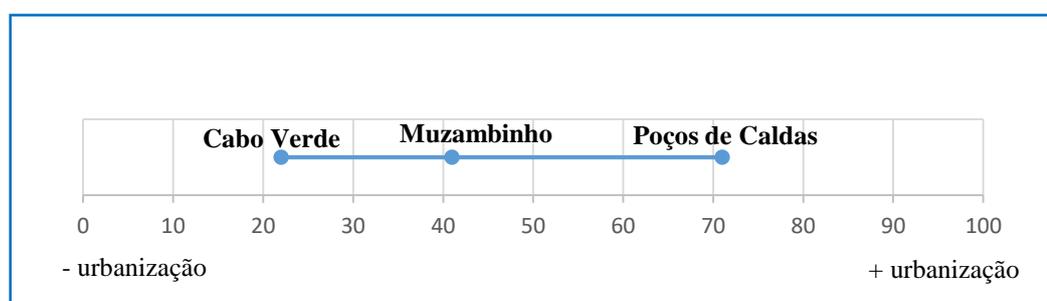
carnaval. Segundo Toledo (2019)³⁴, o carnaval de Muzambinho-MG recebe, aproximadamente, 20 mil foliões de várias partes do Brasil, dobrando a população local durante esse período.

Dessa forma, conclui-se que esses municípios, mesmo sendo vizinhos e possuindo raízes rurais, se diferenciam em aspectos educacionais e culturais, o que, conseqüentemente, reflete no grau de urbanização dessas comunidades. Para verificar se os informantes desta pesquisa percebem as diferenças entre esses locais, perguntamos a eles, ao longo das entrevistas, qual cidade apresenta mais traços rurais. Dentre as 24 pessoas entrevistadas, 20 afirmaram que Cabo Verde-MG é mais rural do que Muzambinho-MG e as outros 4 disseram que não sabiam responder a essa pergunta. Algumas dessas respostas estão presentes nos seguintes trechos:

- (3.6) Inf: Eu vô falá um negócio procê/ eu acho que Cabo Verde é mai rural/ porque Muzambinho\ a gente pode crassificá Muzambinho como fonte de renda maior não só a agricultura/ Cabo Verde é a agricultura/ então é rural/ Muzambinho tem um forte/ deidi cinquenta ano atrás/ deidi quando foi fundada a Escola Agrotécnica/ela é forte na área cultural/ na área da educação, entendeu? (CV, M, F3, ES)
- (3.7) Inf: Cabo Verde tem mais / eu acho que lá eles dependem mais ainda da zona rural do que Muzambinho/ porque Muzambinho/ devido ao Instituto/ tem muitas pessoas aqui que não dependem, né?! / Do campo mesmo/ mas Cabo Verde\ tanto que tem muito mais sítio lá/ eles colhem muito mais café do que a nossa região/ eles/ acho que precisam mais\ tem mais do que nós (MZ, F, F2, SES)

Estes trechos destacam os aspectos mostrados pelo *índice de urbanização* (DIAS, 2021): Muzambinho-MG pode ser considerada mais urbana do que Cabo Verde-MG devido às diferenças culturais e educacionais que há entre elas. A partir desses resultados, ordenamos as cidades analisadas da menos para a mais urbana, como pode ser visto na Figura 8:

Figura 8 - Continuum de urbanização



Fonte: Adaptado de Dias (2021)

³⁴Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/03/em-minas-muzambinho-dobra-sua-populacao-durante-o-carnava.shtml>. Acesso em 10 de setembro de 2021.

Neste *Continuum*, é possível observar que, diferentemente do que ocorre com Poços de Caldas-MG, as comunidades de fala investigadas nesta pesquisa estão mais próximas do polo [- urbanização] do que do polo [+ urbanização]. Provavelmente, isso acontece em virtude dos traços rurais presentes nessas localidades, pois, além da economia estar ainda muito voltada para o campo, essas apresentam outros traços típicos da cultura caipira. Um desses traços é o sentimento de compadrio (PICINATO, 2018), posto que, nessas cidades, há o costume de chamar de “compadre” e de “comadre” aquelas pessoas que são padrinhos de batismo do filho. Outra particularidade é a relação de proximidade estabelecida com as outras pessoas da comunidade, haja vista que a maioria dos moradores desses municípios se conhecem e interagem entre si, assim como era nos antigos bairros rurais (PICINATO, 2018). Tal fato pode ser observado no excerto a seguir:

(3.8) Ent: Ô, B./ e o que que você mais gosta em Cabo Verde?

Inf: O qui que eu mai gosto? / Ah/ o povo em geral/ a gente conhece todo mundo, né?!
Passa numa padaria/ pega um pão/ depois acerta/ passa num supermercado/ pega/ depois cê acerta/ passa num posto de gasolina/ abastece/ depois cê vê/ e vai na rua/ conhece todo mundo/ sabe quem que é quem/ quem que num é (CV, M, F2, SES)

Ademais, a religião, outro traço típico da cultura caipira (PICINATO, 2018), está fortemente enraizada nos costumes e no modo de vida dessas comunidades. Segundo dados do IBGE (2010), a religião mais presente é o catolicismo, dado que 78% dos cabo-verdenses e 83% dos muzambinhenses declararam ser católicos. Isso é evidenciado também quando se analisam os diversos eventos religiosos que acontecem nesses locais. A exemplo disso, podemos citar as quermesses, as procissões, as folias de reis e os terços em homenagem aos santos. Essa forte ligação com a religião também é destacada pelos informantes, como no trecho seguinte:

(3.9) Ent: Eh\ e o senhor considera que aqui em Muzambinho as pessoas são religiosas?

Inf: São/ eu falo/eh\ agora puxano a sardinha/ digamo assim/ pra nossa igreja católica/ que aqui em Muzambinho ela tem muitas atividades/ muitas oportunidade da pessoa praticá/ e Muzambinho é considerado a cidade mais organizada em termo de pastorais e movimentos/ porque aqui todos os movimento que é da igreja / Muzambinho tem\ tem muitas igrejas/ na zona rural/ então o povo tem muita oportunidade, né?! / Sem falá de otas religiões tamém/ que tão todas\ são todas bem reforçadas, né?!
Ent: Senhor Z., aqui em Muzambinho/ o senhor acha que tem muitas festas religiosas?

Inf: Tem/ tem/ a igreja faz duas festas no ano/ então o povo participa muito/ o povo gosta das festa de religião/ a zona rural/ cada comunidade tem/ na ocasião do seu santo

padroero/ fazem as suas festas regionais/ Companhia de Reis, né?! / É um folclore pra muitos/ mas pra quem tem uma religião/ é uma devoção/ concorda? (MZ, M, F3, ES)

Nestes eventos realizados pela igreja, muitos moradores costumam não só participar, como também ajudar na sua execução, já que a solidariedade e a caridade, valores pregados pelo catolicismo, são muito valorizadas e praticadas nesses municípios. Esse fato pode ser visto no excerto a seguir:

(3.10) Ent: Você acha que aqui é uma cidade boa?

Inf: Demais da conta/ muito acessível as coisas/ as pessoas/ eu acho muito humana/ uma cidade assim que as pessoas/ particularmente/ são\ ajuda/ gosta de fazê caridade, sabe? / E eu gosto disso (MZ, F, F2, SES)

Além desses valores, a simplicidade e a humildade, características que ajudam a formar a imagem do caipira (PICINATO, 2018) e que são pregadas pela igreja católica, também são muito enaltecidas, o que pode ser notado, até mesmo, em legendas de fotos no Instagram:

Figura 9 - A simplicidade e a humildade



Fonte: Instagram @caboverdemgoficial³⁵

Fonte: Instagram @muzambinhoguia³⁶

³⁵ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CHaoj0YD43p/>. Acesso em 10 de setembro de 2021.

³⁶ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CEzHtDQDf3I/>. Acesso em 10 de setembro de 2021.

Levando em consideração os aspectos discutidos nesta subseção, podemos dizer que as comunidades de fala investigadas neste estudo são *áreas rurbanas* (BORTONI-RICARDO, 2004), uma vez que são formadas, majoritariamente, tanto por pessoas que ainda moram no campo quanto por migrantes de origem rural. Esses tendem a conservar muitos de seus antecedentes culturais, sobretudo o seu repertório linguístico, mas sofrem também influência de agentes padronizadores, como a mídia e a tecnologia. Sendo assim, neste trabalho, buscamos verificar se e como esses antecedentes culturais refletem na variedade linguística falada pelos habitantes dessa região.

3.1.4 A visão dos moradores

Além de apresentar dados históricos, geográficos e sociais sobre as comunidades investigadas, consideramos importante expor, de forma mais específica, a visão dos moradores em relação ao local em que vivem. Para tanto, vamos nos pautar nas entrevistas sociolinguísticas³⁷ que foram realizadas em Cabo Verde-MG e em Muzambinho-MG. Ao longo delas, fizemos uma série de perguntas que visavam verificar a opinião dos informantes e a sua relação com as cidades estudadas.

Primeiramente, perguntamos se eles gostam de viver nesses municípios e se eles se mudariam caso tivessem alguma oportunidade, a fim de analisar se há orientação a normas externas. Dentre as 24 pessoas entrevistadas, 23 afirmaram que gostam de morar em suas cidades natais e que não têm pretensão de se mudar. O principal motivo citado pelos caboverdenses e pelos muzambinhenses é a tranquilidade desses locais, que permite que eles vivam com mais segurança e liberdade do que se morassem em lugares maiores. Outro ponto mencionado foram as raízes que construíram nesses espaços, pois a maioria dos informantes formaram neles as suas famílias e as suas vidas pessoais, o que fez com que eles tivessem um sentimento afetivo por sua terra natal. Tais pontos podem ser observados nos trechos a seguir:

(3.11) Ent: Uhum/ e você gosta de morá em Muzambinho?

Inf: Gosto de morá em Muzambinho

Ent: Por quê?

Inf: Porque é uma cidade pequena/ a gente conhece quase todo mundo, né?!/ Ah/ e minha família toda/ praticamente toda é daqui/ meus avós são daqui\ eh/ minha descendência é de italiano/ meus tataravôs vieram e foi/ e fizeram morada/ e comprô terra lá na onde\ lá na onde é a roça que nós mora ainda /até hoje (MZ, F, F1, ES)

³⁷ O roteiro das entrevistas sociolinguísticas está presente no Apêndice II.

(3.12) Ent: E você gosta de morá aqui em Cabo Verde?

Inf: Gosto/ é uma cidade tranquila, né?! / Que a gente num precisa tê medo que nem na cidade grande/ esse tipo de coisa/ pa criança aqui é bem melhor pro convívio, né?! (CV, F, F2, SES)

Por outro lado, há uma jovem cabo-verdense que afirmou que não gosta de morar em sua cidade porque, nela, não há muitas oportunidades de emprego e de estudo; e nem opções de lazer para a sua faixa etária. Essa informante já morou em um município do estado de São Paulo para fazer faculdade, mas, atualmente, devido à pandemia, ela voltou a viver em Cabo Verde-MG. Tal tipo de situação é muito comum nas comunidades estudadas, principalmente entre os jovens, pois, como essas cidades são pequenas e estão ainda muito voltadas para o campo, há uma certa carência de empregos. Outrossim, tendo em vista que apenas em Muzambinho-MG há uma instituição de ensino superior e que essa não possui tantas opções de curso³⁸, muitas pessoas acabam saindo dessa região também para estudar.

Logo, esses indivíduos deixam essas localidades com o intuito de buscar melhores oportunidades de emprego e de estudo, retornando aos finais semana, feriados ou férias para rever suas famílias. Muitos desses jovens, após se formarem ou melhorarem suas condições de vida, voltam a viver em Cabo Verde-MG ou em Muzambinho-MG, porém, há aqueles que não voltam, construindo as suas vidas em outras partes do país. Por isso, para alguns informantes, há mais idosos do que jovens nesses municípios, como pode ser visto nos seguintes trechos:

(3.13) Ent: É/ e o que que você acha que precisa sê melhorado aqui?

Inf: Eu acho que precisa\ é um fato assim a questão de emprego/ aqui é uma cidade que não tem emprego/ poco/ principalmente pros jovens/ os jovens / a gente vê que aqui a faixa etária de até vinte e cinco anos é poca/ todo mundo vai embora (CV, M, F2, ES)

(3.14) Ent: Por quê? / O que que você acha que podia sê melhorado?

Inf: Ah/ trabalho, né L.?! / Faculdade/ num tem nada disso aqui/ como se diz/ só fica aposentado aqui, né?!/ O pessoal tudo forma/ num tem onde, né?!/ Exercê a profissão/ tem que ir pra fora/ num dianta/ se estudá/ num adianta ficá aqui (CV, F, F1, SES)

(3.15) Inf: Muzambinho tá ficano uma cidade de gente mais velha/ onde as pessoas vão/ trabalham/ faz a vida/ depois vem/ compra uma chácara/ um sítio/ e fica aqui/ vem pra descansá (MZ, M, F2, SES)

³⁸ É importante ressaltar que a cidade de Muzambinho-MG, apesar de ter muitos jovens que saem para estudar e/ou trabalhar em outros locais, atrai também muitas pessoas de várias regiões do país devido aos cursos técnicos e superiores presentes no Instituto Federal.

Após perguntarmos aos informantes se eles gostam ou não de morar nessas comunidades e se eles se mudariam, questionamos se eles acham que elas proporcionam uma boa qualidade de vida aos seus moradores e o que poderia ser melhorado. A maioria deles disse que, em Cabo Verde-MG e em Muzambinho-MG, as pessoas vivem bem, porque não há miséria e nem violência. Outros alegaram que esses municípios são rodeados pela natureza e pelo ar puro, e os seus habitantes têm uma alimentação saudável, já que consomem frutas e legumes mais naturais, produzidos pelos próprios moradores. Esses aspectos podem ser visualizados nos excertos a seguir:

(3.16) Inf: Eu acho que depende da visão que você tem de qualidade de vida/ na minha visão/ num tem como sê melhor/ porque nós temos aqui\ se nós formos vê/ nós temos uma qualidade de vida de primero mundo/ aqui você vê\ num tem famílias passano fome/ num tem gente morano de baxo da ponte/ tirano um ou oto indigente que tá na cidade/ mas cê vai nas perife\ nas ditas periferias aqui/ você vê toda\ todas as casas têm esgoto/ têm luz elétrica/ têm\ vamo dizê assim/ o mínimo pelo menos, né?! (MZ, M, F2, ES)

(3.17) Inf: Eu creio que sim/ é uma cidade relativamente bem tranquila, né?! / Ih\ tem bastante árvores, né?! / Eh\ nós temos assim\ usamos a produção quase que direta, né?! / Do produtor para nós/ na maioria das vezes, né?! / Eh\ horta/ muitas\ muitos pomares/ as frutas/ então eu creio que a alimentação/ ela favorece bastante na qualidade de vida das pessoas, né?! (CV, F, F3, ES)

Entretanto, todos os informantes afirmaram que muitas mudanças precisam ser feitas nessas cidades. Para exemplificá-las, podemos citar aquelas que foram as mais recorrentes, como a geração de mais empregos, a construção de mais instituições de ensino, a instalação de UTIS nos hospitais e mais investimentos em lazer para as diferentes faixas etárias, dado que as únicas opções de entretenimento nesses lugares são bares e restaurantes, como pode ser notado nos seguintes trechos:

(3.18) Inf: Emprego/ indústria/ empe\ emprego/ nesse sentido/ eu acho\ eu acho a saúde um pouco precária/ os postos de saúde são ótimos/ mas num tê uma UTI (MZ, F, F2, SES)

(3.19) Inf: Ah/ tê mais lugares, né?! / Pa sai/ até se a gente fô vê/ eh\ tinha que tê um clube, né?! / Nossa/ num tem nada aqui/ até aquela/ eh\ a P. E., né?! / Que tinha/ que era gostoso antigamente/ hoje em dia num existe mais, né?! (MZ, F, F1 SES)

Ademais, pedimos para que os informantes citassem o que eles mais gostam e o que menos gostam em seus municípios. Sobre os pontos positivos, eles mencionaram, além da

tranquilidade e da segurança, o clima. Isto porque, considerando que essas cidades possuem altitudes elevadas, as temperaturas são mais amenas, e as chuvas mais recorrentes, características típicas do clima tropical de altitude. Outro ponto que foi muito destacado pelos cabo-verdenses e pelos muzambinhenses foram as características de seus conterrâneos, pois o povo dessa região é muito acolhedor e receptivo tanto com pessoas de fora quanto com pessoas da própria comunidade. Assim como bons mineiros, eles gostam de fazer um “cafezinho” e conversar por horas, mesmo que não conheçam o indivíduo. Tais pontos estão expostos nos excertos a seguir:

(3.20) Inf: O povo é muito acolhedor/ o povo tem satisfação de recebê o visitante aqui/ isso eu posso falá com a boca cheia/ porque eu convivi já uns cinquenta ano com a vida da cidade/ eu sei o que acontece aqui/ é um prazer recebê o visitante aqui/ o cabo-verdense tem esse prazer/ pena que tá teno essa pandemia agora/ nói temo que proibi a entrada, né?! /Mas isso aí/ se Deus quisé/ logo vai passá (CV, M, F3, ES)

(3.21) Inf: Eu gosto do clima/ acho ótimo/ acho excelente/ acho assim a\ a amizade que a gente tem/ a acolhida/ é um povo acolhedor (MZ, F, F3, ES)

Em relação aos aspectos negativos, os indivíduos citaram não só a falta de empregos e de opções de lazer, como também a falta de privacidade que há nesses locais. Como Cabo Verde-MG e Muzambinho-MG são cidades pequenas, a maioria das pessoas se conhecem e comentam muito uma da vida das outras, o que acaba incomodando os moradores dessa região. Um exemplo disso foram as listas criadas em 2018 com o nome das pessoas “mais chatas” dos municípios, “mais mal pagadoras”, entre outros adjetivos. Essas listas foram divulgadas no aplicativo WhatsApp e, à medida que foram circulando, as pessoas iam acrescentando novos nomes. O incômodo com essas questões pode ser verificado no trecho que se segue:

(3.22) Inf: Talvez a falta um poco de privacidade, né?! / Que é cidade pequena/ cidade de interior/ todo mundo conhece todo mundo/ ih\ é aquela história/ num é que as pessoas aumentam/ as pessoas inventam mesmo {Risos} (CV, F, F2, ES)

Por fim, perguntamos aos informantes o que eles diriam para alguém sobre como é morar em Cabo Verde-MG ou em Muzambinho-MG. As respostas para essa pergunta foram diversas, mas tiveram duas que resumiram bem o que foi apresentado nesta subseção:

- (3.23) Inf: Uai/ eu diria que/ deide que a pessoa esteja estabilizada financeira e economicamente/ ela deve sim comprá um imóvel aqui/ uma chácara/ principalmente uma chácara/ vim e terminá o resto da vida aqui/ é o que muita gente tem feito/ agora/ se fô pra ela\ eh\ montá um negócio/ uma empresa aí/ ela vai tê\ vai dependê da cidade grande pra vendê o produto dela/ porque Cabo Verde não tem\ eh\ não tem esse consumo/ não tem essa possibilidade de\ a não sê um pequeno comércio/ entendeu? / Então eu entendo que a vinda pra Cabo Verde deve servi pra\ pra desfrutá do lazer/ da alegria/ da bondade/ do clima que tem aqui (CV, M, F3, ES)
- (3.24) Inf: Venha pra Muzambinho! / Aqui em Muzambinho cê num precisa nem de endereço/ quando cê vié aqui em Muzambinho/ pergunta pelo nome/ a pessoa vai\ vai conhecê/ isso que já\ isso que justifica, né?! / Sabê que todo mundo conhece todo mundo/ assim que eu falo pro meu filho/ quando ele vai mandá as pessoas procurá a gente aqui em Muzambinho/ eu falo: “Lá em Muzambinho/ cê num precisa perguntá onde meu pai mora não/ só pergunta do Z.R./ todo mundo indica” (MZ, M, F3, ES)

A partir do que foi discutido e ilustrado nesta subseção, foi possível perceber a ótica dos moradores em relação a sua cidade natal. De uma forma geral, observa-se que, embora haja alguns pontos negativos, como a carência de empregos e de lazer, questões já mostradas pela aplicação do *índice de urbanização* (DIAS, 2021), os cabo-verdenses e muzambinhenses parecem gostar de viver nessas localidades, principalmente em virtude da tranquilidade e dos fortes laços estabelecidos entre eles.

3.2 O Corpus

Tendo em vista que este estudo envolve a relação com outros seres humanos e a coleta de informações dos participantes, o projeto, primeiramente, foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da FCLAr/Unesp, sendo aprovado pelo parecer 4.113.704 no dia 26 de Junho de 2020. Após essa aprovação, para realizar o presente trabalho, foram selecionados um total de vinte e quatro informantes³⁹, sendo doze de Cabo Verde-MG e doze de Muzambinho-MG.

Essa seleção levou em consideração não só se os indivíduos eram naturais das comunidades de fala investigadas como também se eles passaram a maior parte de suas vidas morando nesses locais. Sendo assim, há, em nossas amostras, pessoas que já viveram em outras cidades tanto do estado de Minas Gerais quanto do estado de São Paulo durante, no máximo,

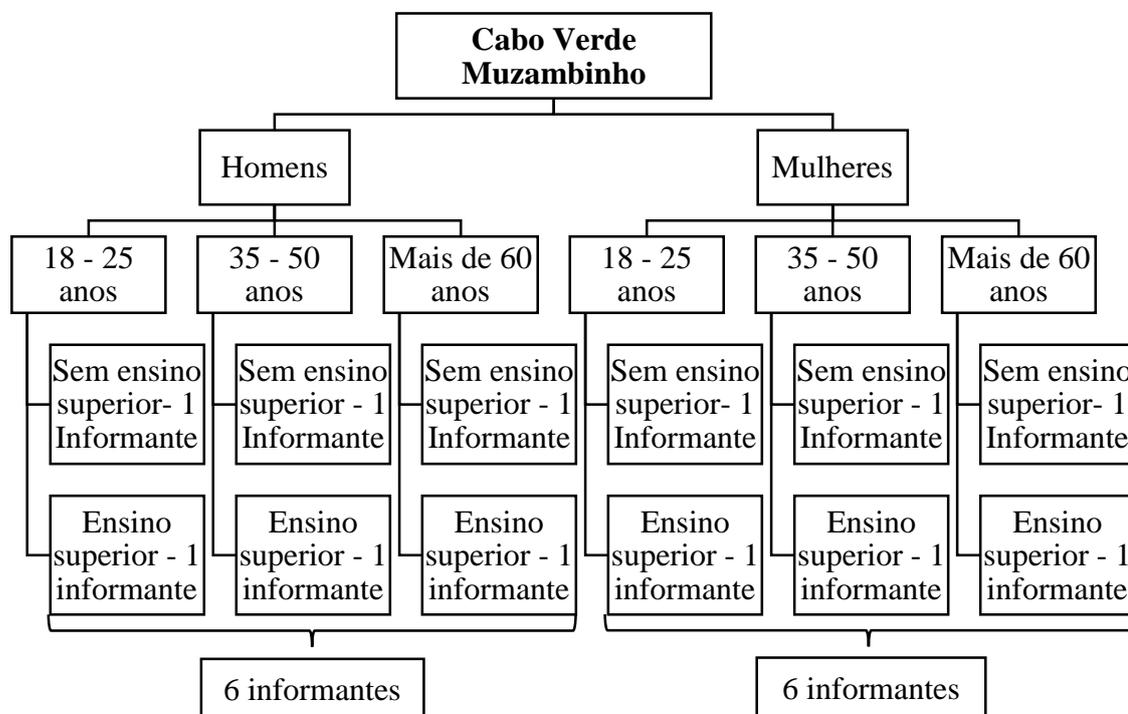
³⁹ Os informantes que aceitaram participar deste estudo assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido, fornecendo os seus dados pessoais básicos e informando se estavam de acordo em disponibilizar as suas entrevistas para esta pesquisa. O modelo deste termo está no Apêndice I.

dois anos⁴⁰. Para recrutar esses informantes, a pesquisadora buscou, de início, pessoas conhecidas que se encaixassem nos perfis sociais pré-estabelecidos. Caso não as encontrasse, ela pedia para os entrevistados indicarem outros indivíduos que se adequassem nesses perfis.

Em Muzambinho-MG, cidade natal da pesquisadora, houve facilidade para contatar esses informantes e, também, para realizar as entrevistas, possivelmente, porque ela faz parte da comunidade em questão e conhecia a maioria dos participantes. Em contrapartida, em Cabo Verde-MG, a entrevistadora teve mais dificuldades para encontrar esses indivíduos, haja vista que não possuía muita familiaridade com as pessoas desse local.

A fim de solucionar tal problema, a linguista convidou uma amiga cabo-verdense para ajudá-la a abordar os participantes e para acompanhá-la durante as entrevistas. No entanto, mesmo com esse auxílio de alguém da comunidade, verificou-se que alguns informantes, majoritariamente os mais velhos, tiveram certo receio em participar do presente estudo. No começo das entrevistas, eles ficavam muito tímidos, mas, conforme iam conversando, se sentiam mais à vontade e se abriam, sendo muito solícitos com a pesquisadora. Na Figura 10, é possível observar como foi formada a amostra de cada uma das cidades analisadas:

Figura 10 - A constituição da amostra



Fonte: própria

⁴⁰ Devido ao alto grau de mobilidade presente nas cidades analisadas, tivemos dificuldades em encontrar informantes de faixas etárias distintas que nunca tivessem saído dessa região. Por isso, optamos por incluir em nossas amostras pessoas que já moraram por um pequeno período em outras localidades.

Como um dos objetivos desta pesquisa é verificar se está ocorrendo uma mudança em progresso nas formas pronominais que representam a primeira pessoa do plural na posição de sujeito, realizamos um estudo em *tempo aparente* (LABOV, 1994). Por isso, os informantes estão divididos em três faixas etárias distintas e não contínuas⁴¹: faixa etária 1 (18-25 anos), faixa etária 2 (35-50 anos) e faixa etária 3 (mais de 60 anos). Baseando-se no trabalho de Chambers (2003), em que ele discute os diferentes momentos de vida do ser humano e como esses são marcados por indicadores físicos, sociais e culturais, tomamos a decisão metodológica de analisar faixas etárias não contínuas. Dessa maneira, buscamos investigar as diferentes fases da vida dos habitantes dessas cidades - a fase jovem, a fase adulta e a fase idosa - e como essas podem ser marcadas linguisticamente por meio do uso das variantes estudadas.

Os informantes que participaram desta pesquisa estão divididos também entre homens e mulheres: são seis homens e seis mulheres de cada município, para que possamos analisar questões de sexo/gênero. Além dessa divisão de faixa etária e sexo/ gênero, eles estão divididos entre aqueles que têm ensino superior e aqueles que não têm. Apesar de termos consciência de que pessoas sem ensino superior podem ter níveis de escolaridade distintos, essa divisão foi feita porque, em Pinto (2019), a maior diferença no uso das formas pronominais foi entre aqueles que possuíam graduação e aqueles que não possuíam. Portanto, consideramos que tal divisão seria mais produtiva na análise dos dados.

A fala dessas comunidades foi analisada por meio de entrevistas sociolinguísticas que seguiram um roteiro de perguntas (Apêndice II) que induziram o informante a falar sobre ele e mais alguém ou sobre ele e mais um grupo de pessoas, a fim de fazer com que ele utilizasse as variantes do fenômeno linguístico estudado de forma mais espontânea. Considerando o conceito de *paradoxo do observador* (LABOV, 2008 [1972]), essas perguntas também abordaram temas que fizeram com que o indivíduo monitorasse menos a sua linguagem, falando, por exemplo, sobre alguma situação traumática pela qual ele tenha passado.

Além disso, tais perguntas trataram questões associadas à cidade de origem do informante, pedindo para que ele falasse se gosta de morar nesse local ou não, quais são os pontos de que ele mais gosta e os de que menos gosta, entre outras questões. Outro tópico abordado foi a relação do informante com campo. Nesse contexto, perguntamos se ele já morou na zona rural, se os seus pais já moraram, com qual frequência ele vai ao sítio e quais são os traços rurais presentes em seu município. Todas essas perguntas foram formuladas com o

⁴¹ A definição dos intervalos das faixas etárias levou em consideração o conhecimento desta pesquisadora sobre a vida das comunidades de fala analisadas.

objetivo de verificar qual a relação do informante com a sua cidade e com a área rural, de modo a observar como isso se reflete na variedade linguística falada por essas comunidades.

Os diversos significados sociais das formas em variação foram abordados, mais especificamente, no final do nosso roteiro de entrevistas. Segundo Oushiro (2019), um dos métodos utilizados na Sociolinguística Variacionista para acessar tais significados é a formulação de *perguntas explícitas* no roteiro de entrevista. Com base nessa ideia, aplicamos um questionário de reações subjetivas, com o intuito de investigar as atitudes e percepções dos informantes em relação às variantes estudadas. De modo semelhante à primeira parte do estudo de Campbell-Kibler (2009), em que a pesquisadora realiza entrevistas abertas, dividimos o nosso questionário em momentos distintos.

Em um primeiro momento, perguntamos aos participantes o que eles acham do modo de falar da sua cidade e o porquê para verificar como eles avaliam a sua variedade linguística. Em seguida, começamos o segundo momento do questionário, em que tentamos captar a percepção dos indivíduos sem que eles tivessem consciência do objeto de estudo. Para tanto, preparamos três áudios para eles escutarem. Todos esses áudios foram encenados por um homem jovem (19 anos) de Muzambinho-MG que não possui ensino superior e que morou a vida inteira na zona urbana. As informações sobre os estímulos podem ser verificadas no Quadro 2:

Quadro 2 - Áudios do questionário de reações subjetivas

ÁUDIOS	VARIANTES	TRANSCRIÇÕES	DURAÇÃO
Áudio 1	Nói	Então/ nói vamo vê como é que vai tá o tempo/ porque se tivé um tempo ruim/ ou chovenó/ aí eu acho que nem vai rolá de fazê a festa/ porque o povo desanima demais/ aí amanhã memo nói já vamo vê que jeito que vai tá/ a previsão e tal/ aí eu vô te avisano/ aí te mando mensagem	15 segundos
Áudio 2	A gente	Nossa ou/ mas esse tempo tá ruim, hein?!/ A gente vai esperá um pouquinho essa chuva passá/ e aí a gente já passa aí pra ir pra festa/ porque se não vai ficá muito tarde	12 segundos
Áudio 3	Nóis	Nóis vamo tê que esperá esse tempo melhorá, né?!/ Pra combiná de ir viajá/ porque tá chovenó muito/ nóis tamo com medo de não pegá nenhum sol lá/ aí vai sê ruim demais	11 segundos

Fonte: própria

A partir deste quadro, nota-se que os participantes escutaram áudios com três variantes investigadas: *nói*, *a gente* e *nóis*. A variante *nós*, embora esteja presente nos dados de produção linguística, não foi inserida neste questionário, pois, como ele foi elaborado antes de realizarmos as entrevistas, tivemos que nos basear somente nos resultados obtidos na Iniciação Científica (PINTO, 2019), em que não houve muitos dados de *nós*⁴². Desse modo, consideramos mais produtivo inserir no questionário apenas as variantes que foram mais utilizadas pelos falantes no estudo realizado anteriormente.

Outrossim, é possível perceber, neste quadro, que a duração dos áudios escutados varia entre 15 a 11 segundos e, em cada um deles, a variante analisada foi produzida duas vezes pelo falante, com a finalidade de impedir que o número de repetições dessas formas afetasse a percepção dos informantes. É necessário mencionar também que todos os indivíduos escutaram os estímulos na mesma ordem: áudio 1, áudio 2 e áudio 3, o que pode ter, de algum modo, interferido nos resultados, visto que é possível que os participantes tenham tido um posicionamento mais neutro em relação à primeira gravação e tenham a usado como base para avaliar as demais.

Com o objetivo de amenizar o efeito de fatores externos, como a voz e o conteúdo desses áudios, na percepção dos participantes, tomamos algumas decisões metodológicas. Todos os estímulos foram gravados por um mesmo falante - um homem jovem - e, antes dos indivíduos escutá-los, eles foram avisados de que ouviriam vozes de jovens, com o propósito de evitar que isso fosse um ponto citado ao longo do questionário. Ademais, em todas as gravações, o assunto abordado foi, de modo geral, o clima. Essa decisão metodológica está baseada nas ideias de Campbell-Kibler (2010), que propõe que uma das formas de atenuar a interferência do conteúdo na percepção é solicitar aos falantes que falem sobre o mesmo tópico.

Além de controlarmos a voz e o conteúdo, controlamos também a concordância verbal⁴³, para diminuir as chances dos participantes julgarem essa questão ao invés da forma pronominal. Nesse sentido, os verbos que acompanham os pronomes *nói* e *nóis* estão todos com a desinência –mos, havendo apenas o apagamento do -s⁴⁴, e os verbos que acompanham o pronome *a gente* estão conjugados na terceira pessoa do singular, assim como foi possível perceber nas transcrições presentes no Quadro 2.

⁴² Em Pinto (2019), houve apenas três realizações de *nós* que foram excluídas da análise devido à pouca quantidade de dados.

⁴³ Estudos de produção e de percepção sobre a concordância verbal de primeira pessoa do plural serão realizados futuramente.

⁴⁴ A sibilante /S/ foi apagada da desinência –mos quando o sujeito da oração era *nói* ou *nóis* porque, nos dados de produção linguística, ela nunca foi pronunciada nesses casos. Dessa forma, para que os áudios se aproximassem de uma fala espontânea e natural, foi necessário realizar tal supressão.

Por meio desses áudios, iniciamos, então, o segundo momento do questionário. De início, tocamos o áudio 1 e fizemos algumas perguntas aos participantes. Após eles responderem a essas indagações, tocamos o áudio 2, repetindo as mesmas perguntas e, assim, sucessivamente. As perguntas realizadas nesse primeiro momento podem ser observadas a seguir:

1. Pelo modo de falar dessa pessoa, você acha que ela é de Muzambinho ou de Cabo Verde? Por quê?⁴⁵
2. Tem algo em específico que chamou a sua atenção nesse áudio?
3. Se você precisasse descrever essa pessoa a alguém, como você descreveria?

Depois que os participantes responderam a todas essas questões sobre os três áudios escutados, iniciamos o terceiro momento do questionário. Nesse momento, os indivíduos passam a ter consciência da variável que está sendo estudada, para que as suas crenças em relação às variantes possam ser investigadas. Para isso, repetimos cada um dos estímulos e fizemos as seguintes perguntas:

4. Nesse áudio, a pessoa utilizou o *nói/ a gente/nóis* para se referir a ela e mais um grupo de pessoas. Você usa essa forma? Em quais situações?
5. Você acha que as pessoas de Cabo Verde/ Muzambinho usam essa forma?⁴⁶

Antes de realizarmos essas entrevistas com os informantes selecionados, foi realizado um teste piloto com duas pessoas que sabiam do que se tratava esta pesquisa e com duas pessoas que não sabiam, com o intuito de verificar se o questionário estava sendo produtivo e se a entrevista não estava tão longa, já que, a partir dela, foram analisadas tanto questões de produção como também de atitude e percepção. Com base nos resultados deste teste piloto, foram feitas algumas alterações, como a diminuição das perguntas e a reelaboração dos tópicos abordados. Em seguida, começamos, de fato, as entrevistas sociolinguísticas.

É importante ressaltar que essas entrevistas foram coletadas no final de 2020 e início de 2021, durante o período da pandemia do Covid-19. Para evitar a disseminação do vírus, e garantir a segurança e a saúde de todos os participantes, demos duas opções a eles: realizar as

⁴⁵ Essa primeira pergunta foi elaborada porque temos a hipótese de que a diferença no grau de urbanização que há entre essas comunidades se reflita na variedade linguística falada por seus moradores. Assim, através dessa pergunta, pretendemos verificar se os indivíduos que participaram do presente estudo possuem a percepção de que essas cidades, mesmo sendo vizinhas, se diferem em termos linguísticos.

⁴⁶ Nesta pergunta, questionamos apenas sobre a cidade natal do informante.

entrevistas de forma remota por meio da plataforma *Google Meet*, ou realizá-las presencialmente, seguindo todos os protocolos estabelecidos pela OMS (Organização Mundial da Saúde)⁴⁷, como o distanciamento social, e o uso de máscaras e álcool em gel.

A maioria dos participantes preferiu a entrevista presencial por não saberem utilizar o *Google Meet*, porém, é necessário destacar que aquelas entrevistas que foram realizadas remotamente não impediram que o vernáculo dos sujeitos emergisse, uma vez que eles se sentiram confortáveis e não ficaram tímidos diante do computador, o que era um dos nossos receios em usar essa plataforma. Destarte, considera-se que o *Google Meet* pode ser um ótimo recurso para os estudos sociolinguísticos, sobretudo, em tempos pandêmicos.

Após a realização das entrevistas sociolinguísticas, que tiveram duração mínima de 30 minutos e duração máxima de 60 minutos, elas foram transcritas, e os dados coletados e analisados com o auxílio do programa estatístico R (CORE TEAM, 2021). Por fim, os resultados de produção linguística obtidos nessas análises foram interpretados de acordo com as hipóteses subjacentes às variáveis linguísticas (estruturais) controladas e de acordo com os significados sociais das variantes em cada uma das comunidades, os quais foram verificados através do questionário de reações subjetivas.

Por meio dessas análises estatísticas, observamos que, em virtude da pouca quantidade de dados desse fenômeno em Cabo Verde-MG (314 dados) e em Muzambinho-MG (383 dados) e da falta de ortogonalidade entre as variáveis, o mais adequado seria não reportar os resultados das análises multivariadas. Assim sendo, discutiremos, nesta pesquisa, apenas os resultados das análises univariadas, uma vez que, embora essas não nos permitam fazer afirmações categóricas, elas parecem já indicar certas tendências em relação ao fenômeno estudado.

3.3 Envelope de variação

Inicialmente, o nosso envelope de variação é composto pelas variantes *nós* e *a gente*. Assim, em uma primeira análise, investigamos quais são as variáveis linguísticas e sociais que motivam a alternância entre as formas pronominais que representam a primeira pessoa do plural na posição de sujeito. Por isso, neste primeiro momento, as variantes fonológicas (*nóis* e *nói*) foram classificadas como *nós*. A maioria dos estudos sobre esse fenômeno (OMENA, 1986; LOPES, 1993; MENDONÇA, 2010; RUBIO, 2012) analisaram tanto os sujeitos explícitos na oração quanto os sujeitos implícitos, relacionando as desinências verbais – *mos* e \emptyset às formas

⁴⁷ Disponível em: <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019>. Acesso em 01 de agosto de 2020.

pronominais explícitas em orações anteriores. No entanto, considerando que a concordância verbal de primeira pessoa do plural é um fenômeno variável no português brasileiro⁴⁸ (RUBIO, 2012, 2015), analisaremos, no presente trabalho, somente os casos de sujeitos explícitos.

Apesar do fenômeno em questão ter sido alvo de análise de diversos estudos sociolinguísticos realizados em diferentes regiões do país, particularmente nas capitais brasileiras (VIANNA, LOPES, 2015), ele apresenta algumas particularidades nas comunidades de fala investigadas, o que nos motivou a estudá-lo desde a Iniciação Científica (PINTO, 2019). Como mencionado anteriormente, nessa primeira pesquisa, verificamos que, além da variação entre *nós* e *a gente*, há uma variação fonológica, haja vista que os habitantes utilizam as variantes *nóis* e *nói*.

Analisando essas variantes fonológicas, percebe-se que *nós*, forma prescrita pelas gramáticas normativas (ALMEIDA, 1999; CUNHA E CINTRA, 2008), sofreu um processo de ditongação, resultando em *nóis*. Embora esse processo já tenha sido considerado uma característica do falar de classes desprestigiadas, hodiernamente, ele está presente na fala de pessoas de diferentes camadas sociais e com níveis de escolaridade distintos (AMARAL, 2014). Sendo assim, a variante *nóis*, de acordo com Hora e Aquino (2012), tem seu uso bem consolidado no português falado no Brasil, não sendo alvo de estigmatização social.

Ademais, é possível observar que essa variante ditongada pode sofrer a supressão de /S/ em coda, gerando a forma *nói*. Nos estudos sobre o apagamento da sibilante final em lexemas (CALLOU, MARQUES, 1975; GUY, 1981; RIBEIRO, 2006; BRITO, 2020), nota-se que tal processo está associado ao falar de pessoas de classes sociais mais baixas e com um menor nível de escolaridade. Para Amaral (1976 [1920]), esse apagamento é um dos traços típicos do falar caipira. Devido a esses fatores, temos a hipótese de que, nas cidades analisadas, um dos traços que a variante *nói* pode indicar é ruralidade.

Com base nesses aspectos e na distinção entre *traços graduais* e *descontínuos* proposta por Bortoni-Ricardo (2004), podemos considerar que a forma pronominal *nóis* é um *traço gradual*, pois, mesmo que ela não esteja de acordo com a norma padrão da língua, ela está presente no falar de pessoas tanto do meio urbano como do meio rural. Em contrapartida, a variante *nói* pode ser considerada um *traço descontínuo*, já que, possivelmente, não é utilizada por todas as camadas sociais, estando mais presente nas áreas rurais ou *rurbanas* (Bortoni-Ricardo, 2004).

⁴⁸ Conforme Rubio (2012, 2015), a concordância verbal de primeira pessoa do plural é um fenômeno variável no português brasileiro, posto que os pronomes *nós* e *a gente* podem ser acompanhados de verbos na primeira pessoa do plural (*nós vamos/a gente vamos*) ou de verbos na terceira pessoa do singular (*nós vai/a gente vai*).

Portanto, nota-se que, para compreendermos melhor os significados sociais das formas em variação, um dos objetivos desta pesquisa, é necessário verificar quais são as variantes fonológicas que estão por trás dos dados de *nós*. Nesse sentido, investigamos também as quatro formas pronominais: *nós*, *nóis*, *nói* e *a gente*⁴⁹. Ainda que as variantes *nóis* e *nói* sejam de natureza distinta das variantes *nós* e *a gente*, elas foram incluídas em uma mesma análise porque podem se alternar em um mesmo contexto. Assim, as formas analisadas nessa segunda investigação podem ser observadas nos trechos a seguir:

- (3.25) Apesar que eu acho que a internet/ ela\ vamô dizê assim/ ela contaminô demais a nossa humanidade hoje/ mas/ infelizmente/ eu acho que houve uma mudança pra pior e muito grande/ muito acentuada/ uma mudança onde **nós trocamos** os valores pelo consumo/ antes as famílias ensinavam valores/ hoje as famílias ensinam a consumi (MZ, M, F2, ES)
- (3.26) É/ aqui/ só entrava em casa pa comê, né?! / Ia na escola/ chegava da escola e ficava o dia intero pa rua/ brincano/ andano de bicicleta\ jogano futebol na rua/ nos campinho de terra/ hoje/ nem isso existe mais/ então/ nesse sentido/ **nóis aproveitamo** muito como criança (CV, M, F2, ES)
- (3.27) aí **nói vortamo** pa cidade/ eu fiquei cuidano do L. e do Z. na casa deles/ mas depois eles precisaro da casa/ queria vim embora/ morá lá/ eu vim embora traveiz cum o E./ aí puis o E. no pré pra ele podê vim embora porque ele num queria vim/ aí puis o E. no pré/ e viemo pra cá traveiz/ mas aí eu ia daqui panhá café na roça todo dia (MZ, F, F3, SES)
- (3.28) Quando **a gente tava voltano** tipo daqui da cidade e aí um\ meio que um cara apontô a arma pra gente/ só que tipo assim eu tava dormino no banco/ só que aí tipo eu acordei/ assustada/ chorano/ aí eu levantei e aquela foi a imagem que eu tive, entendeu? / Aí eu num parava de chorá/ num parava de chorá/ mas eu tinha tipo/ sei lá/ uns dez/ onze anos (CV, F, F1, ES)

É relevante pontuar que, nessa segunda investigação, analisaremos apenas o papel das variáveis extralinguísticas e da concordância verbal no fenômeno em questão. Como o nosso propósito principal com essa investigação é compreender melhor os significados locais das variantes, consideramos que analisar as demais variáveis linguísticas (*grau de determinação do sujeito, saliência fônica e tempo verbal*) não seria tão produtivo, visto que elas parecem estar mais relacionadas a aspectos estruturais e semânticos do que a aspectos sociais. Em

⁴⁹ É importante ressaltar que, diferentemente de Zilles (2002, 2005), neste trabalho, não houve ocorrências das reduções fonéticas de *a gente* (*ahente*, *a'ente* e *'ente*). Em virtude disso, essas não foram incluídas em nosso envelope de variação.

contrapartida, a concordância verbal pode apontar certas tendências que nos ajudarão a entender mais quais são os valores das formas nessas comunidades, visto que tal variável está muito associada ao nível de escolaridade dos indivíduos (RUBIO, 2012).

Na próxima subseção, falaremos sobre as variáveis independentes analisadas nesta pesquisa, as quais, provavelmente, têm algum efeito no uso das formas em variação. De início, discutiremos as variáveis extralinguísticas e, depois, as variáveis linguísticas, apresentando não só quais serão investigadas, como também as nossas hipóteses principais em relação a cada uma delas.

3.4 Variáveis independentes

3.4.1 Variáveis extralinguísticas

A primeira variável extralinguística analisada neste trabalho é o *local de nascimento* dos informantes, ou seja, se eles nasceram em Cabo Verde-MG ou em Muzambinho-MG. A partir da aplicação do *índice de urbanização* (DIAS, 2021), proposto na subseção 3.1.3, foi possível observar que, mesmo que essas cidades sejam vizinhas e apresentem raízes rurais, há diferenças culturais e educacionais entre elas que se refletem no grau de urbanização. Em virtude desse fato, consideramos que seria produtivo analisar essa variável, a fim de verificar se essas diferenças se refletem também no uso das variantes estudadas.

Segundo a literatura sobre o fenômeno em questão (MAIA, 2003; MENDES, 2007; FOEGER, 2014), áreas rurais ou *rurbanas* (BORTONI-RICARDO, 2004) tendem a ser mais conservadoras em relação aos seus usos linguísticos do que comunidades mais urbanas. Por isso, os estudos mostram que, nesses locais, é mais provável que haja uma maior conservação da variante *nós* e um menor uso de *a gente*, posto que essa última forma parece estar associada ao processo de urbanização e à ideia de modernização (MATTOS, 2013).

Ao contrário desses estudos, o presente trabalho não irá se pautar na dicotomia conservadora *versus* inovadora para interpretar os resultados dessa variável, visto que acreditamos que tais variantes podem indiciar outros significados sociais nessa região, como a noção de ruralidade. Dessa maneira, pretendemos verificar, inicialmente, quais são os valores dessas formas pronominais e, a partir deles, buscar compreender os usos linguísticos dos moradores dessas comunidades.

De um modo geral, há a hipótese de que, como a cidade de Cabo Verde-MG (22%) foi considerada mais rural do que a cidade de Muzambinho-MG (41%), haverá diferenças entre as variedades linguísticas faladas pelos indivíduos. Uma dessas diferenças pode estar no uso da

variante *nói*. Baseando-nos nas pesquisas de Amaral (1976 [1920]) e de Pinto (2019), esperamos que essa forma esteja associada a traços de ruralidade nesses locais. Assim sendo, acreditamos que ela será mais utilizada pelos cabo-verdenses do que pelos muzambinhenses.

A segunda variável investigada é o *sexo/gênero* dos informantes. Desde os primeiros estudos sociolinguísticos, essa categoria social tem sido controlada em interação com diversos fenômenos variáveis. Com a finalidade de compreender o seu papel no estudo desses fenômenos, Labov (1999, 2001) propõe o *Paradoxo do Gênero*, em que ele pontua que as mulheres, por serem mais sensíveis ao prestígio social das formas linguísticas, tendem a liderar processos de mudança que envolvam variantes prestigiadas e assumir uma postura conservadora quando essas são estigmatizadas.

Tal explicação de cunho essencialista ainda tem sido muito utilizada nos estudos sociolinguísticos, principalmente, nos de primeira onda (ECKERT, 2012), que reduzem o falante a categorias macrosociais. Entretanto, de acordo com Freitag (2015), essa explicação não é mais válida, pois, com as mudanças que aconteceram na sociedade, o papel da mulher se modificou, não sendo mais o mesmo dos anos de 1960. Sob essa perspectiva, ela afirma que:

Se a Sociolinguística tem como premissa, em tendência ampla, o estudo da relação entre língua e sociedade, precisa considerar que a sociedade muda; se a sociedade muda, as explicações do modelo teórico-metodológico deveriam, também, mudar. (FREITAG, 2015, p. 18)

Levando em consideração as ideias de Freitag (2015), buscamos, antes de levantar hipóteses em relação a essa variável, compreender não só os valores sociais das formas pronominais, como também o papel da mulher nas comunidades de fala analisadas. Nesse contexto, observamos que a mulher também adquiriu um novo papel, dado que todas as mulheres entrevistadas trabalham ou já trabalharam fora de casa. No entanto, como essas cidades possuem alguns traços típicos da cultura caipira (ver seção 3.1.3), os padrões patriarcais ainda estão muito presentes, fazendo com que o machismo seja algo recorrente.

Para exemplificar esse fato, podemos citar algumas situações descritas no capítulo *Elas* do especial de rádio produzido por Ribeiro (2021). Nesse trabalho, a jornalista retratou, entre outros aspectos, a vida de mulheres cabo-verdenses que trabalham no campo. Muitas dessas mulheres falaram sobre as suas duplas jornadas de trabalho: trabalham exaustivamente na zona rural e, depois, em casa, uma vez que, na maioria das vezes, não há divisão das tarefas domésticas. Além dessa sobrecarga, elas também enfrentam um machismo no ambiente de trabalho. Dentre os relatos apresentados, uma cabo-verdense mencionou que, por trabalhar na

roça, já foi chamada, algumas vezes, de “machona”. Isto porque, possivelmente, essa atividade está associada ao homem, o que ilustra um preconceito por parte da população.

Essas situações, ainda que tenham retratado a vida de mulheres de Cabo Verde-MG que trabalham no campo, também são recorrentes na vida das muzambinhenses e de mulheres que possuem outras ocupações; ou seja, independentemente da cidade e da profissão, as mulheres dessa região ainda sofrem com os padrões patriarcais enraizados na sociedade tanto dentro de casa quanto no trabalho. Sendo assim, acreditamos que elas, para reafirmarem o seu papel e serem mais ouvidas pela comunidade em geral, estejam muito sujeitas às pressões normativas.

Em relação ao fenômeno estudado, é necessário, antes de estabelecer hipóteses sobre o efeito dessa variável, averiguar, por meio do questionário, quais são as formas localmente prestigiadas e estigmatizadas. Além disso, mesmo que tais valores sejam acessados, é relevante cruzar sexo/gênero com outras variáveis sociais para compreender, de fato, o seu papel nessas comunidades, evitando, dessa forma, explicações circulares e de cunho essencialista.

A terceira variável analisada neste estudo é a *escolaridade* dos falantes. Para Bortoni-Ricardo (2004), a escola é um dos principais agentes padronizadores da língua, porque é aonde o aluno tem mais contato com a norma culta. Por isso, nos estudos sociolinguísticos, saber os anos de escolarização de um indivíduo é importante, pois se presume que, quanto mais tempo ele ficou na escola, mais contato ele teve com essa norma, o que pode influenciar no uso de variantes mais ou menos prestigiadas socialmente.

Neste trabalho, considerando que em Pinto (2019) a maior diferença no uso das variantes foi entre aqueles indivíduos que possuíam graduação e aqueles que não possuíam, distinguimos, duas categorias: (i) *com ensino superior*; e (ii) *sem ensino superior*. Através dos resultados do questionário de reações subjetivas, buscaremos acessar quais são as variantes com maior prestígio social nessas comunidades, com a finalidade de verificar se essas estarão mais presentes no uso de falantes com um maior nível de escolaridade.

A quarta variável é a *faixa etária* dos informantes. Essa tem sido bastante investigada nas pesquisas sociolinguísticas, porque, por meio de um estudo em *tempo aparente* (LABOV, 1994), é possível verificar o comportamento linguístico de diferentes gerações em um determinado momento. Nesses estudos, espera-se que os mais velhos utilizem variantes mais formas conservadoras, visto que são mais resistentes ao processo de mudança, enquanto os mais jovens utilizem variantes inovadoras. Caso isso aconteça, pode se evidenciar um processo de mudança linguística em progresso; em contrapartida, se não houver diferenças entre esses grupos etários, a variação é estável (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006 [1968]).

A maioria dos trabalhos sobre a alternância entre *nós* e *a gente* tem mostrado que esse fenômeno está em um processo de mudança (OMENA, 1986; LOPES, 1993; 2003; RUBIO, 2012; MATTOS, 2013; VIANNA, LOPES, 2015). Em virtude desse fato, consideramos necessário investigar se isso se confirma em Cabo Verde-MG e em Muzambinho-MG, em que, possivelmente, há outros valores sociais relacionados ao uso das variantes. Para tanto, distinguimos três faixas etárias distintas e não contínuas, com o objetivo de analisar os diferentes momentos da vida dos habitantes dessas comunidades: (i) *faixa etária 1* (18-25 anos); (ii) *faixa etária 2* (35-50 anos); e (iii) *faixa etária 3* (mais de 60 anos).

A quinta variável analisada é a *relação do informante com o campo*. Com base em uma observação etnográfica das cidades investigadas, verificamos que essa é uma variável localmente relevante. Com o intuito de analisá-la, montamos um índice que varia de 0 a 2 pontos, buscando medir qual é o nível de vínculo do indivíduo com a zona rural. Para tanto, nos baseamos em três informações principais: se os falantes moram, já moraram ou nunca moraram no campo; se os pais deles moram, já moraram ou nunca moraram nesse local; e com que frequência esses informantes vão à zona rural (sempre, todo final de semana ou raramente). A organização desse índice pode ser verificada no Quadro 3:

Quadro 3 - Relação do informante com o campo

0	<ul style="list-style-type: none"> • Falantes que nunca moraram no campo, cujos pais também nunca moraram, e que vão raramente à zona rural;
1	<ul style="list-style-type: none"> • Falantes que nunca moraram no campo, cujos pais já moraram, e que vão raramente ou todo final de semana à zona rural; • Falantes que já moraram no campo, cujos pais também já moraram, e que vão raramente ou todo final de semana à zona rural; • Falantes que já moraram no campo, cujos pais ainda moram, e que vão raramente ou todo final de semana à zona rural; • Falantes que nunca moraram no campo, cujos pais já moraram, e que vão sempre à zona rural;
2	<ul style="list-style-type: none"> • Falantes que já moraram no campo, cujos pais também já moraram, e que vão sempre à zona rural; • Falantes que já moraram no campo, cujos pais ainda moram, e que vão sempre à zona rural; • Falantes que moram no campo, cujos pais já moraram, e que vão sempre à zona rural; • Falantes que moram no campo, cujos pais também moram, e que vão sempre à zona rural;

Fonte: própria

É importante ressaltar que, por não ter sido possível entrevistar o mesmo número de indivíduos em cada uma das categorias desse índice, a amostra não tem uma quantidade balanceada de pessoas em relação a essa variável, havendo mais informantes com pontuação 2 do que 0, o que já era esperado, tendo em vista que essas comunidades são formadas, majoritariamente, por indivíduos que possuem ou já possuíram certo tipo de relação com o campo. No entanto, mesmo que não haja esse balanceamento, é relevante investigar tal variável, posto que, levando em consideração que *nói* pode indicar ruralidade, acreditamos que essa forma será mais usada por aqueles que possuem um maior contato com a zona rural.

3.4.2 Variáveis linguísticas

Baseando-se no trabalho de Rubio (2012), em que há a análise da concordância verbal e da alternância pronominal no português europeu e no português brasileiro, a primeira variável linguística analisada neste estudo é o *grau de determinação do sujeito*. Os diversos trabalhos sobre a alternância entre *nós* e *a gente* apontam que investigar a quem a forma pronominal está se referindo é de extrema importância para compreender esse processo de variação (OMENA, 1986; LOPES, 1993; 2003; RUBIO, 2012; VIANNA, LOPES, 2015).

Lopes (2003), ao falar sobre a inserção de *a gente* no quadro pronominal do português brasileiro, pontuou que essa forma inovadora herdou do substantivo *gente* o seu sentido genérico e indeterminado. Tal fato é evidenciado nos resultados de produção linguística da maioria dos estudos sobre o fenômeno em questão. Omena (1986), assim como Lopes (1993) e Rubio (2012), já tinha mostrado a partir de suas análises, que há uma preferência pelo uso de *a gente* para se remeter a um grupo generalizado e indeterminado de pessoas, enquanto *nós* é mais utilizada para se remeter a um grupo específico e determinado de indivíduos.

Desse modo, considerando o que a literatura tem mostrado sobre este fenômeno, temos a hipótese de que, em Cabo Verde-MG e em Muzambinho-MG, a variante *a gente* também seja mais utilizada para fazer referências genéricas e indeterminadas, ao passo que *nós* e suas variantes fonológicas sejam mais usadas para fazer referências específicas e determinadas, em que o falante claramente se inclui.

A fim de investigar essa variável, adaptamos a proposta de Rubio (2012, p. 145) e distinguimos três categorias: (i) *genérico indefinido*, quando o pronome está se referindo a uma categoria generalizada e indeterminada de indivíduos; (ii) *genérico definido*, quando o pronome também está se referindo a uma categoria generalizada, porém, determinada de indivíduos; e (iii) *específico*, quando o pronome está se referindo a uma categoria específica e determinada

de indivíduos, em que o próprio falante se inclui junto a outro referente específico. Para que essa distinção fique mais compreensível, trouxemos, no Quadro 4, alguns exemplos:

Quadro 4 - Grau de Determinação do Sujeito

<p>Genérico indefinido</p>	<ul style="list-style-type: none"> • É/ muito tranquila/ cê vê/ até uma cidade de nível supe\ e interior ao mesmo tempo/ povo simpes e culto/ num é? / A gente entende que a cidade de Muzambinho oferece tudo isso pro seus munícipes, né?! (MZ, M, F3, ES) • É uai/ então são coisas assim\ pequenas que\ que eu acho que/ nós\ acho que assim a nossa cabeça/ a nossa mentalidade/ nóis fomo criado mais pra reclamá/ do que pra agi (CV, M, F2, ES)
<p>Genérico definido</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Ah/ muito importante/ porque a religião me fez como pessoa/ porque minha família é muito religiosa/ então/ tipo\ eh\ minha família tem esse lado muito bom de querê ajudá as pessoas/ e isso pela religião/ porque a gente tinha um grupo de reza, sabe? / Que ia cada dia na casa de um (MZ, F, F1, ES) • Então/ o salário mínimo\ cê vai me desculpá/ mai num\ num tem como falá que tá bão/ porque num tá/ como é que cê faz?/ Num tem jeito/ aqui em casa mesmo/ eu to cum duas conta pa pagá/ porque num dá pa nói pagá duzentos reais/ trezentos de luz (CV, M, F3, SES)
<p>Específico</p>	<ul style="list-style-type: none"> • De carro/ uma vez nói capotô uma camionete/ eu e o N. voltano do Monte Belo (MZ, M, F1, SES) • Assim/ não todo mundo/ que aí meu pai já num é\ mai quando ele vai lá em casa / às vezes/ a gente assesti um filme junto/ muito raro/ mas às vezes/ sim/ mas sempre é eu/ meu namorado/ a G./ o R./ e minha mãe/ sempre assisti (MZ, F, F1, ES)

Fonte: própria

A segunda variável investigada é a *concordância verbal* de primeira pessoa do plural. Embora, em muitos estudos sobre *nós* e *a gente*, a concordância seja analisada como uma variável dependente (RUBIO, 2012; FOEGER, 2014), nesta pesquisa, ela foi analisada apenas como uma variável independente⁵⁰. De acordo com as gramáticas normativas (ALMEIDA, 1999; CUNHA E CINTRA, 2008), o verbo que acompanha o pronome *nós* deve estar na primeira pessoa do plural, enquanto aquele que acompanha *a gente* deve ser conjugado na terceira pessoa do singular, uma vez que essa forma inovadora herdou do substantivo *gente* o traço neutro de pessoa formal (LOPES, 2003).

⁵⁰ Pretendemos, em trabalhos futuros, dar continuidade a esse estudo, investigando a concordância verbal de primeira pessoa do plural como uma variável dependente.

Contudo, segundo os estudos sociolinguísticos (RUBIO, 2012, 2015; FOEGER, 2014), essa concordância é um fenômeno variável no português brasileiro, visto que os pronomes *nós* e *a gente* podem ser acompanhados de verbos com desinência –mos (*nós vamos/a gente vamos*) ou Ø (*nós vai/ a gente vai*). Tendo isso em vista, hipotetizamos que, nas comunidades de fala investigadas, a concordância verbal também varie, principalmente, a daqueles verbos que acompanham o pronome *nós* e suas variantes fonológicas, assim como em Pinto (2019).

Neste trabalho, para analisar tal variável, propusemos a distinção de duas categorias: (i) *não*, quando o verbo não está concordando com o pronome, isto é, quando o verbo que acompanha *nós* ou suas variantes fonológicas não está na primeira pessoa do plural, e aquele que acompanha *a gente* não está na terceira pessoa do singular; e (ii) *sim*, quando o verbo está concordando com o pronome, seguindo as regras das gramáticas normativas.

É importante ressaltar que, muitas vezes, os verbos que estão junto de *nós* e de suas variantes fonológicas têm a desinência –mos, mas a sibilante –s é apagada. Nesses casos, os dados foram analisados como “*sim*”, já que apresentam o morfema de primeira pessoa plural, ainda que não estritamente padrão. Além disso, os verbos que estão em suas formas nominais (gerúndio ou infinitivo) foram classificados como “não se aplica”, não sendo incluídos em nossa análise. As categorias investigadas podem ser observadas no Quadro 5⁵¹:

Quadro 5 - Concordância verbal

Não	<ul style="list-style-type: none"> ● Aí os nossos representantes abaxa a cabeça lá em cima/ e aí aqui/ nói vai só tomano/ ninguém se une/ “Aí/ e se perdê o emprego?” / Falei: “Gente, nunca na vida/ que todos os professores juntos/ fazeno em prol de alguma coisa/ vai perdê emprego” / Cê acha que ele vai mandá todo mundo embora? (MZ, F, F2, ES) ● Ah/ era/ colonha/ nóis morava na colonha, né?! / Então/ o dia bão/ era o dia que reunia todo mundo (CV, F, F2, SES)
Sim	<ul style="list-style-type: none"> ● Na sala dos milagre/ a gente arrepiã muito e\ e cê vê que é verdadeiro os milagres/ eu acredito muito em milagre (MZ, F, F1, ES) ● Viemo/ aí depoi que robô nosso café na cooperativa/ nói vortamo pa roça uai (MZ, M, F3, SES)

Fonte: própria

Com base em Rubio (2012), a terceira variável analisada neste trabalho é a *saliência fônica*. Para Naro, Gorski e Fernandes (1999), à medida que o nível de saliência entre as formas verbais aumenta, o uso da desinência de primeira pessoa do plural também aumenta, seja com

⁵¹ Neste quadro, não há exemplos de “não” concordância com a variante *a gente* porque não houve ocorrências de *a gente* acompanhado de verbos com a desinência –mos.

a variante *nós* ou com *a gente*. Outrossim, ao considerar a síncope da vogal postônica em proparoxítonas, alguns estudos (COELHO, 2006; RUBIO, 2012) mostram que os falantes tendem a evitar o uso de formas verbais proparoxítonas, que acontecem, em alguns tempos verbais, com a primeira pessoa do plural. Por isso, na maioria das vezes, eles utilizam a desinência verbal de terceira pessoa do singular junto da variante *a gente* ou da variante *nós*. Assim, temos a hipótese de que quanto maior o nível de saliência fônica entre as formas verbais, maior o uso de *nós* e suas variantes fonológicas, com exceção das formas verbais proparoxítonas, que, provavelmente, favorecem o uso de *a gente* ou uso de *nós* com verbos conjugados na terceira pessoa do singular.

Considerando esses aspectos, Rubio (2012, p.149) propôs, em seu trabalho, uma divisão, a qual seguiremos: (i) *saliência esdrúxula*, quando a forma de primeira pessoa do plural é proparoxítona e a oposição vogal/ vogal –mos não é tônica nas duas formas (Ex: fazia/ fazíamos); (ii) *saliência máxima*, quando ocorre uma mudança no radical e a oposição vogal/vogal -mos é tônica em uma ou duas formas (Ex: veio/ viemos); (iii) *saliência média*, quando ocorre uma semivogal na forma de terceira pessoa do singular que não ocorre na forma de primeira pessoa do plural e a oposição vogal/ vogal –mos é tônica nas duas formas (cantou/ cantamos); (iv) *saliência mínima*, quando a oposição vogal/vogal –mos é tônica em uma ou nas duas formas, porém não há mudança no radical (Ex: lê/ lemos).

Além dessas categorias propostas por Rubio (2012), classificamos os verbos que estão em sua forma nominal (gerúndio ou infinitivo) como “não se aplica”, não inserindo esses dados em nossa análise. A divisão de Rubio (2012) pode ser melhor compreendida por meio dos exemplos presentes no Quadro 6:

Quadro 6 - Saliência fônica

<p>Saliência esdrúxula</p>	<ul style="list-style-type: none"> ● Minho vó/ eu ficava muito com a minha vó/ minha mãe trabalhava/ então eu fazia biscoito com a minha vó/ fazia pamonha com a minha vó/ era muito eu e minha vó na minha infância/ a gente ficava muito junto (MZ, F, F2, ES) ● Brincava na rua/ nói brincava pa tudo quanto é lado/ era tudo livre/ cê podia jogá bola na rua, né?! (CV, M, F3, ES)
<p>Saliência máxima</p>	<ul style="list-style-type: none"> ● Sim/ nós somos todos nascidos e criados aqui/ nesse distrito mesmo/ o meu pai um poco mais longe num bairro que se chama Cambuí/ mas nascidos e criados aqui (CV, F, F3, ES) ● Trabaiva/ ele trabaiava/ desde cinco ano e meio/ ele começô na farmácia/ nói viemo da roça/ ele começô (MZ, F, F3, SES)

<p>Saliência média</p>	<ul style="list-style-type: none"> ● Ah/ eu acho uma cidade muito boa de morá/ perto das outras que eu já\ que a gente vai passeá e tal/ eu acho que é uma cidade muito boa de morá (MZ, M, F1, ES) ● Quando eu fui fazê o técnico em enfermagem/ aí eu num sei o qui que aconteceu oto dia eu: “Ah/ minha chinela” / aí ela: “O qui que cê falô?” / “Chinela” / “É chinelo, E.” / aí eu falei que é com “a” / aí nói ficamo brigano/ brigano/ depois que eu vi que era com o “o” (CV, F, F1, SES)
<p>Saliência mínima</p>	<ul style="list-style-type: none"> ● Gosto/ nói planta até hoje/ eu gosto muito de ajudá meu pai a plantá/ plantá milho/ plantá feijão/ arrancá o feijão da terra/ panhá café/ adoro muito panhá café (MZ, F, F1, ES) ● Foi/ foi muito importante/ porque a gente aprende a dá valor/ hoje/ a maioria num qué trabalhá mais (CV, M, F3, SES)

Fonte: própria

A quarta variável investigada nesta pesquisa é o *tempo verbal*. Consoantes às ideias de Omena (1986), a variante *a gente* está relacionada a tempos verbais menos definidos, como o pretérito imperfeito, o presente do indicativo e as formas nominais (gerúndio e infinitivo). Em contrapartida, a variante *nós* está relacionada a tempos verbais com valores mais definidos, como o pretérito perfeito e o futuro. Ademais, para evitar ambiguidade entre o pretérito perfeito (*nós cantamos* ontem) e o presente do indicativo (*nós cantamos* hoje), a desinência –mos parece estar adquirindo a função de morfema de passado, ao passo que a desinência Ø está adquirindo a função de morfema de presente.

Assim sendo, esperamos que, nesta pesquisa, *nós* e suas variantes fonológicas sejam mais utilizadas no pretérito perfeito e no futuro, enquanto *a gente* seja mais usado no presente do indicativo, no pretérito imperfeito e nas formas nominais. Com o objetivo de verificar se essa hipótese se confirma, analisamos todos os tempos verbais dos verbos que estavam ligados aos pronomes de primeira pessoa do plural, e encontramos os seguintes: (i) futuro do indicativo perifrástico; (ii) futuro do pretérito; (iii) futuro do subjuntivo; (iv) gerúndio; (v) infinitivo; (vi) presente do indicativo; (vii) presente do subjuntivo; (viii) pretérito imperfeito do indicativo; (ix) pretérito imperfeito do subjuntivo; (x) pretérito perfeito.

É necessário destacar que, nesta pesquisa, os dados de futuro do pretérito e de presente do subjuntivo foram excluídos. Essa decisão metodológica foi tomada devido à baixa frequência desses dados, já que há apenas um dado de cada tempo verbal, o que nos impede de chegar a conclusões em relação ao papel dessas categorias no uso das variantes estudadas. Os outros tempos verbais foram organizados em cinco categorias: (i) *futuro* (futuro do indicativo perifrástico e futuro do subjuntivo); (ii) *formas nominais* (infinitivo e gerúndio); (iii) *presente* (presente do indicativo); (iv) *pretérito imperfeito* (pretérito imperfeito do indicativo e pretérito

imperfeito do subjuntivo); e (v) *pretérito perfeito*. Tais categorias estão exemplificados no Quadro 7:

Quadro 7 - Tempo verbal

<p>Futuro</p>	<ul style="list-style-type: none"> ● Imagina chega lá e esse pessoal num esperá nós/ como é que nói vamo fazê? / Meu coração quase saiu pra fora/ eu cum o molequinho/ o R. era pequenininho (CV, M, F3, SES) ● Ah/ tê mais lugares, né?! / Pa sai/ até se a gente fô vê/ tinha que tê um clube, né?! / Nossa/ num tem nada aqui/ até aquela Praça Esporte, né?! / Que tinha/ que era gostoso antigamente/ hoje em dia num existe mais (MZ, F, F1, ES)
<p>Formas Nominais</p>	<ul style="list-style-type: none"> ● Que nem a minha menina/ ela tem sete anos/ se ocê conversá com ela/ cê vai se surpreendê/ por quê? / Porque ela só vê a gente conversano dentro de casa de uma maneira\ num digo cem por cento/ mas próxima do correto/ ela \ tanto é que ela tem facilidade nisso/ as concordâncias dela são muito bem feitas (MZ, M, F2, ES) ● Então a maioria tá ficano\ ainda bem que tem esse reforço/ mai capaiç/ televisão? / Deu o que fazê pa nóis arrumá uma televisão véia lá/ Colorado/ num sei qual que é a marca (CV, M, F3, SES)
<p>Presente</p>	<ul style="list-style-type: none"> ● O clima/ o pessoal/ a simplicidade do povo/ então a gente vê que é um povo solidário/ e Muzambinho se cê vai perg\ quando\ os paulista que fala isso/ quando chega em Muzambinho/ pergunta o endereço/ a pessoa fala: “ah/ eu tô ino pra lá/ eu te levo lá” / isso faz toda a diferença, né?! / A pessoa parece que fica à vontade, né?! (MZ, M, F3, ES) ● Aqui em Cabo Verde/ duas coisas que eles trazem\ fazem curso aqui\ tô falano Cabo Verde porque nóis tamo aqui/ é esse negócio de prová café/ ih\ tem ota coisa/ aquela questão de fazê lingerie/ essas fabriquinha (CV, M, F2, ES)
<p>Pretérito Imperfeito</p>	<ul style="list-style-type: none"> ● nói fazia novena nas casa/ de natal, sabe? / aí ia todo mundo pra casa do fulano/ aí todo mundo pra casa do outro, sabe? {risos} / muito legal/ aí eu gostava mais de morá na roça (MZ, F, F1, ES) ● Sabe, L./ isso aí já entra uma série de questões que vão mais afundo/ se a gente fosse emaranhá nisso/ a nossa conversa ia ficá longa (MZ, M, F2, ES)
<p>Pretérito Perfeito</p>	<ul style="list-style-type: none"> ● Sempre xereta, né?! / Aí terminei/ tive que pará de estudá de novo/ mais um ano/ porque eu tinha oito irmãos/ eu era a terceira da família/ situação financera difícil/ como sempre foi difícil/ mas a gente sempre deu a volta por cima (MZ, F, F3, ES) ● Eu acho que nós vivemos\ agora memo eu tava veno um vídeo que um amigo mandô pra mim/ e até vô usá as palavra dele/ nói vivemo uns anos dourados/ uns ano que a juventude\ cêis nem pensa como era bom, entendeu? (CV, M, F3, ES)

Fonte: própria

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção, discutiremos os resultados obtidos em nossas análises. Primeiramente, falaremos sobre os resultados do questionário de reações subjetivas. Após estabelecermos os significados sociais das variantes em cada uma das comunidades de fala investigadas, iremos apresentar e interpretar os resultados de produção linguística, a fim de compreender quais são os padrões de uso desses municípios.

4.1 Questionário de reações subjetivas

Nesta subseção, discutiremos os resultados do questionário de reações subjetivas. De início, falaremos sobre o primeiro momento, em que buscamos investigar como os indivíduos avaliam o seu próprio modo de falar. Posteriormente, apresentaremos os resultados do segundo momento desse questionário. Nesse momento, os participantes escutaram três áudios com as variantes analisadas, para que acessássemos a percepção deles em relação a essas formas.

Em seguida, discutiremos os resultados do terceiro momento, em que os participantes passam a ter consciência do objeto de estudo deste trabalho, com o intuito de analisar as suas atitudes e as suas crenças ao serem expostos a tais traços linguísticos. Por fim, faremos uma síntese dos resultados principais.

4.1.1 Momento 1

No primeiro momento do questionário, em que perguntamos aos indivíduos o que eles acham do modo de falar de sua cidade e o porquê, eles avaliaram a sua própria variedade linguística por meio de diferentes termos, os quais foram organizados em nuvens de palavras. Para montá-las, selecionamos, então, as palavras-chave presentes nas respostas dos informantes⁵², como, por exemplo, no excerto:

- (4.1) Inf: É um minerão mesmo\ **mineiros** mesmo/ a gente num preocupa muito cum falá bonito não/ é o que eu te falei dos meus filhos/ na hora de falá/ fala tudo meio\ meio minero memo do sul, né?! / Mas eu acho **feio**
 Ent: A senhora acha feio?
 Inf: Eu acho/ é muito **relaxado** (MZ, F, F3, ES)

⁵² É importante ressaltar que, mesmo que um termo apareça múltiplas vezes na fala de uma mesma pessoa, ele foi computado apenas uma vez.

Selecionamos os termos “minerês”, “feio” e “relaxado”, posto que esses parecem resumir bem como a participante avalia o modo de falar da sua comunidade. Assim, essas nuvens de palavras têm como finalidade ilustrar visualmente a frequência relativa dos adjetivos associados às perguntas realizadas nesse questionário⁵³. As repostas dadas pelos informantes nessa primeira indagação podem ser observadas na Figura 11:

Figura 11 - Adjetivos que caracterizam o modo de falar das cidades



Fonte: própria

A partir destas nuvens de palavras, foi possível perceber que a maioria dos adjetivos utilizados pelos participantes tanto de Cabo Verde-MG quanto de Muzambinho-MG remetem ao caráter [+ rural] e [- urbano] de seus modos de falar. Tais termos podem indicar que os traços rurais presentes nesses municípios, discutidos na subseção 3.1.3, refletem não só nos seus graus de urbanização, como também na forma como os moradores avaliam as suas próprias variedades linguísticas (exemplos: “caipira”, “rural”, “sertanejo”, “interior de São Paulo”, “calmo”, “tranquilo” e “simples”).

Entretanto, ao comparar o termo mais usado em cada cidade, nota-se que há uma diferença entre elas. Em Cabo Verde-MG, o adjetivo mais utilizado foi “caipira” (5 dados), enquanto, em Muzambinho-MG, foi “rural” (4 dados). Essas palavras, apesar de remeterem ao mesmo traço, parecem se distinguir em termos sociais: “caipira”, mesmo que esteja sendo ressignificada nos últimos anos (ver subseção 2.6), ainda parece ser um estereótipo associado a aspectos negativos de [- desenvolvimento], [- educação] e [+ conservadorismo]; em

⁵³ A frequência relativa dos termos utilizados pelos participantes é representada visualmente por meio do tamanho das palavras, ou seja, quanto maior a palavra, maior será a sua frequência. Ademais, é importante ressaltar que as cores desses termos não possuem relação com a sua frequência.

contrapartida, utilizar mais “rural”, nesta ocasião, pode ser uma tentativa dos muzambinhenses de “amenizar” tais estereótipos, já que a palavra “caipira” foi mencionada apenas duas vezes pelos indivíduos dessa comunidade.

Dessa forma, observa-se que os cabo-verdenses, por meio da escolha do adjetivo “caipira”, enfatizam ainda mais os traços de [+ rural] e [- urbano]. Possivelmente, isso acontece porque, como essa cidade pode ser considerada mais rural do que Muzambinho-MG⁵⁴, os habitantes desse local parecem se identificar mais com a cultura caipira, como pode ser verificado no trecho:

- (4.2) Ent: O que a senhora acha do modo de falar das pessoas de Cabo Verde?
 Inf: **Minero** memo/ eu acho que Cabo Verde é uma cidade bem minera/ bem/ bem/ bem **caipirona** memo
 Ent: Bem caipirona?
 Inf: É/ bem galinha caipira memo/ tem nada de granja não {Risos} (CV, F, F3, SES)

Outro fato que chama a atenção nessas nuvens de palavras é o uso de adjetivos que inferiorizam o modo de falar dessas comunidades, pois, ainda que haja a presença de termos positivos, como “gostoso” e “marcante”, a quantidade de termos negativos é maior. Nessa perspectiva, nota-se que os indivíduos de ambas as cidades caracterizaram o seu falar como “feio” e “relaxado”, alegando que os moradores “falam de qualquer jeito”, haja vista que não seguem as regras da norma culta da língua.

Além desses termos, os cabo-verdenses utilizaram outros adjetivos para descrever o seu modo de falar, como “errado”, “brega” e “raiz”, sendo esse último uma analogia ao *meme* raiz x nutella, que consiste em uma comparação entre como as pessoas faziam as coisas antigamente, de forma rústica e autêntica (raiz), e como elas fazem atualmente, de modo mais “gourmetizado” (nutella). Em Muzambinho-MG, os participantes também usaram outros termos para caracterizar a sua variedade linguística, como “desleixado” e “regionalista”.

Ao analisar essas palavras, é possível perceber que os cabo-verdenses reforçam a avaliação inferior do seu falar quando se compara ao modo como os muzambinhenses avaliam, já que esses procuram modalizar mais o seu discurso. Sendo assim, nota-se que as diferenças que há entre esses municípios parecem se refletir também na forma como os moradores avaliam os seus modos de falar.

⁵⁴ Através do *índice de urbanização* (DIAS, 2021), aplicado na subseção 3.1.3, percebe-se que Cabo Verde-MG (22%) é mais rural do que Muzambinho (41%) devido às diferenças culturais e educacionais que há entre essas cidades.

4.1.2 Momento 2

Neste segundo momento do questionário, o nosso objetivo era captar a percepção dos informantes em relação às variantes analisadas sem que eles tivessem consciência do objeto de estudo desta pesquisa. Para tanto, preparamos três estímulos com as formas pronominais: *nói*, *a gente* e *nóis*. Todos eles foram encenados por um mesmo falante (um homem jovem de Muzambinho-MG) e falam, de modo geral, sobre o clima, a fim de diminuir os efeitos de fatores externos na percepção dos informantes.

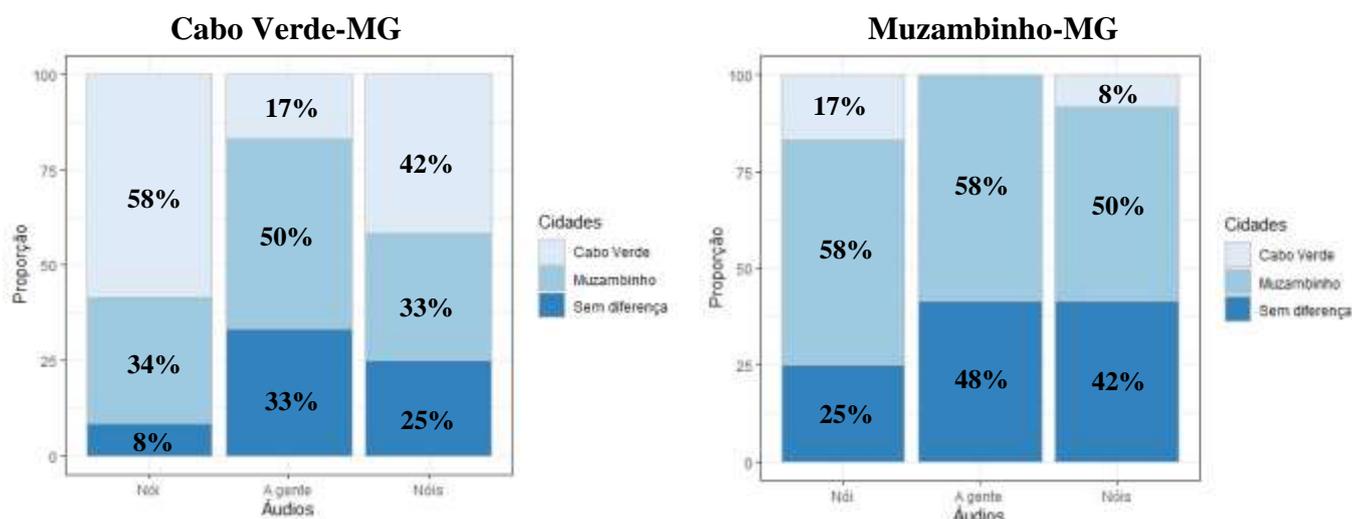
Outra decisão metodológica tomada foi controlar a concordância verbal nesses áudios, com a finalidade de atenuar as chances de os participantes julgarem essa questão ao invés da alternância pronominal. No entanto, temos a consciência de que esses fenômenos estão correlacionados, o que pode fazer com que o informante, ainda assim, avalie as formas verbais, porém, como o foco deste trabalho é o emprego dos pronomes de primeira pessoa do plural, consideramos que tal decisão seria mais produtiva para compreender os significados sociais das variantes analisadas.

Por meio dessas três gravações, iniciamos o segundo momento do questionário. Inicialmente, os participantes escutaram o áudio 1, em que o falante produziu a variante *nói*, e responderam a todas as perguntas. Em seguida, tocamos o áudio 2, com a variante *a gente*, repetindo as questões e, assim, sucessivamente. A primeira pergunta feita aos informantes foi a seguinte:

1. Pelo modo de falar dessa pessoa, você acha que ela é de Muzambinho-MG ou de Cabo Verde-MG? Por quê?

Essa pergunta foi elaborada para verificar se os participantes acham que o uso das variantes estudadas se diferencia de uma cidade para a outra, tendo em vista que essas comunidades, apesar de serem vizinhas, apresentam diferenças entre elas, como pôde ser visto na aplicação do *índice de urbanização* (DIAS, 2021) na subseção 3.1.3. As respostas para essa pergunta podem ser observadas no Gráfico 1:

Gráfico 1 - Análise dos áudios segundo a cidade



Fonte: própria

Com base neste gráfico, percebe-se que 58% (7) dos participantes de ambos os municípios, ao escutarem o estímulo com a variante *nói*, associaram a forma em questão ao falar da sua própria comunidade. Tal resultado sinaliza que os informantes parecem reconhecer, mesmo que de modo inconsciente, que os moradores de suas cidades utilizam essa forma pronominal, o que pode indicar que essa é uma variante que indicia regionalidade nas comunidades de fala investigadas.

Por outro lado, nota-se que, quando tocamos o estímulo com a variante *a gente*, 50% (6) dos cabo-verdenses e 58% (7) dos muzambinhenses afirmaram que o falante é de Muzambinho-MG. Esse resultado nos chamou a atenção, uma vez que esperávamos que a maioria dos moradores de Cabo Verde-MG também relacionasse o uso dessa forma a sua própria variedade linguística. Então, para tentar compreender essa questão, analisamos quais foram as justificativas dos participantes. Algumas delas podem ser verificadas nos seguintes trechos:

- (4.3) Inf: Esse é menos rocero/ então é de Muzambinho
 Ent: Como assim?
 Inf: {Risos} O mai rocero é de Cabo Verde/ o menos rocero é de Muzambinho/ eu acho (MZ, F, F2, ES)
- (4.4) Inf: Ah/ esse daí é Muzambinho, né?!
 Ent: De Muzambinho? / Por quê?
 Inf: Esse aí é mais chiquinho um pouco/ então eu acho que ele é de Muzambinho {Risos} (CV, F, F1, SES)

Através do trecho 4.3, observa-se que a informante de Muzambinho-MG afirmou que esse falante é da sua própria cidade porque ele aparenta ser “menos roceiro” do que o falante do áudio anterior. Assim sendo, é possível dizer que os muzambinhenses se consideram “menos roceiros” do que os cabo-verdenses, possivelmente, em virtude de morarem em um município maior e menos dependente do campo. Além disso, esse excerto pode indicar que os informantes associam o uso de *a gente* ao traço [- rural] e o uso de *nói* ao traço [+ rural], já que o falante do áudio 1 foi caracterizado como “mais roceiro”.

Outrossim, baseando-se no trecho 4.4, nota-se que a cabo-verdense afirmou que esse falante é de Muzambinho-MG, dado que, em relação ao falante do primeiro áudio, ela o considera “mais chiquinho”. Essa percepção aponta que os moradores de Cabo Verde-MG têm a imagem de que Muzambinho-MG é uma cidade mais desenvolvida e, por causa disso, os seus habitantes são “mais chiques”. Tal como aconteceu no trecho 4.3, a participante parece também atribuir significados sociais opostos ao uso das variantes *nói* e *a gente*: enquanto *nói* aparenta estar ligada ao falar de pessoas menos requintadas, *a gente* parece estar vinculada ao falar de pessoas mais requintadas.

Considerando o que foi apresentado nesses excertos, percebe-se que a variante *a gente* pode estar relacionada a valores sociais positivos nessas comunidades. Nesse sentido, os cabo-verdenses, ao afirmarem que o falante desse áudio é de Muzambinho-MG, demonstraram uma certa insegurança linguística, que, para Calvet (2004, p.72), é “[...] quando os falantes consideram seu modo de falar pouco valorizado e têm em mente outro modelo, mais prestigioso”. Contudo, é necessário ter cautela ao fazer essas afirmações, haja vista que não sabemos ao certo se foi a utilização dessa forma pronominal que levou a tais avaliações ou se foram outros aspectos linguísticos.

Quando os participantes escutaram o áudio com a variante *nóis*, eles deram respostas mais diversas do que nos áudios anteriores, mas o resultado que mais se destacou foi que 42% (5) dos participantes de Cabo Verde-MG e 50% (6) dos participantes de Muzambinho-MG relacionaram o uso dessa forma pronominal ao seu próprio modo de falar. Isso mostra que, de certa maneira, eles também se reconhecem quando escutam a variante *nóis*, assim como aconteceu no primeiro áudio.

Por fim, observa-se também que, em todas as gravações, houve participantes que disseram que não há diferenças entre os modos de falar desses municípios. Esses afirmaram que os falantes poderiam ser tanto de Cabo Verde-MG quanto de Muzambinho-MG, visto que essas cidades são vizinhas e possuem características bem semelhantes, inclusive, o seu repertório linguístico.

Após perguntarmos o município do falante de cada áudio escutado, fizemos a seguinte pergunta aos informantes:

2. Tem algo em específico que chamou a sua atenção nesse áudio?

Em relação ao primeiro estímulo, em que o falante utilizou a variante *nói*, alguns participantes de Cabo Verde-MG e de Muzambinho-MG pontuaram que algo que chamou a atenção foi o fato de que essa voz se assemelha ao modo como eles falam, o que pode sinalizar que eles se sentem familiarizados quando escutam a variante em questão, como pode ser observado no trecho a seguir:

(4.5) Inf: Muito parecido com o jeito que a gente fala/ com o jeito que eu falo/ que meus amigo fala (MZ, M, F1, ES)

Outro ponto mencionado foi a ausência de concordância verbal de primeira pessoa do plural. Embora isso tenha sido controlado nos áudios, havendo a desinência – mos em todos os verbos que acompanham as variantes *nói* e *nóis*, foi um aspecto bastante citado pelos participantes. Isso pode ter acontecido por duas razões: (i) porque os indivíduos já associam o uso de *nói* com verbos na terceira pessoa do singular, já que eles citam que esse indivíduo falou “*nói vai*” ou (ii) porque a concordância verbal de primeira pessoa do plural é um traço superavaliado no português brasileiro, sendo alvo de metacomentários⁵⁵. Dessa maneira, podemos pensar que os significados sociais atribuídos pelos informantes podem estar atrelados não só ao emprego do pronome, como também à concordância verbal.

Ademais, os participantes citaram que o falante desse primeiro estímulo fala muito rápido, cortando algumas palavras e sílabas. Para exemplificar tal fato, eles mencionaram alguns aspectos linguísticos, como o verbo “chuvengo”, em que há o apagamento da consoante [d]; e o termo “memo”, que, assim como a variante *nói*, sofre o processo de apagamento da sibilante /S/ em posição de coda.

Levando em consideração os pontos citados pelos informantes, percebe-se que, mesmo que tenham mencionado a variante *nói* para demonstrar a ausência de concordância verbal, eles não falaram, especificamente, sobre o uso dessa forma pronominal, o que indica que ela não é

⁵⁵ Essa superavaliação da concordância verbal de primeira pessoa do plural é evidenciada na conhecida polêmica do material didático, em que o livro *Por uma vida melhor* (RAMOS, 2011), destinado à educação de jovens e adultos, foi amplamente criticado por trazer o seguinte exemplo: “Nós pega o peixe”.

alvo de metacomentários nessas comunidades de fala, e o seu uso parece estar abaixo do nível da consciência.

Do mesmo modo que ocorreu com a variante *nói*, os indivíduos, ao responderem sobre o segundo áudio, não mencionaram, de forma específica, a presença da variante *a gente*, apenas citaram essa forma, ao alegar que, em comparação com o áudio anterior, a pessoa estava falando mais “certo”, já que empregava a concordância verbal de forma adequada, como pode ser verificado no seguinte excerto:

(4.6) Inf: Esse aí/ a concordância dele tá boa / porque ele falô “*a gente foi*” / “*a gente vai*” / aí dá certo/ mai muita gente fala “*a gente vamos*” (CV, M, F3, ES)

Outros informantes disseram que nada em específico chamou a atenção deles nesse áudio, evidenciando, assim, que a variante *a gente* também não é alvo de metacomentários. Destarte, nota-se que, apesar de haver semelhanças com o primeiro áudio, há diferenças entre as respostas dadas; uma delas é que, nesse caso, nenhum falante tentou aproximar o modo de falar em questão ao seu próprio modo de falar, provavelmente, devido a uma insegurança linguística (CALVET, 2004), tendo em vista que essa variante parece possuir um certo prestígio social em relação às variantes fonológicas *nóis* e *nói*. Contudo, é importante ressaltar que, nesse segundo estímulo, não houve a realização de outros fenômenos linguísticos, como o apagamento da consoante [d] em verbos no gerúndio e a supressão de /S/ em coda em lexemas.

Em contrapartida, ao responderem sobre o terceiro áudio, em que o falante utilizou a variante *nóis*, os participantes pontuaram que há uma aproximação entre o modo de falar desse falante ao seu próprio modo de falar, o que indica que eles também se sentem familiarizados quando escutam essa forma, como pode ser visto no trecho:

(4.7) Inf: Ah/ esse fala igual a gente fala aqui memo (CV, M, F1, ES)

Além dessa questão da familiaridade, os participantes mencionaram também que o falante em questão se assemelha muito com o falante do primeiro áudio, argumentando que ambos apresentam um sotaque mais “arrastado”. Essa aproximação entre o primeiro e o terceiro áudio não era algo esperado neste trabalho, haja vista que acreditávamos que essas variantes se diferiam em termos sociais. Nesse sentido, é possível pensar que essa aproximação tenha acontecido porque: (i) essas variantes possuem significados sociais semelhantes; (ii) os

informantes se identificam com o uso das duas formas pronominais; ou (iii) porque, nesse áudio, há também o apagamento da consoante [d] no verbo que está no gerúndio (“chovenó”).

Para finalizar esse primeiro momento do questionário de reações subjetivas, fizemos a seguinte pergunta aos participantes:

3. Se você precisasse descrever essa pessoa a alguém, como você descreveria?

Com a finalidade de descrever o falante do áudio 1, que utilizou a variante *nói*, os indivíduos usaram diversos adjetivos que foram organizados em nuvens de palavras, como pode ser observado na Figura 12:

Figura 12 - Adjetivos utilizados para descrever o falante do primeiro áudio (nói)



Fonte: própria

De certa forma, nota-se que os informantes de cada município compartilharam traços em comum quando responderam a respeito deste primeiro estímulo. Um dos adjetivos mais utilizados por eles foi “familiar”, por acreditarem que, pelo modo de falar, essa pessoa se parece com alguém conhecido ou com eles próprios, visto que, de acordo com esses participantes, o indivíduo pode ser da zona rural, como não ser, que fala dessa maneira. Isso nos mostra que, apesar de eles não citarem explicitamente o uso dessa forma pronominal, eles se reconhecem quando essa é utilizada.

Outro aspecto compartilhado pelos moradores dessas cidades foram os traços de [+ rural] e [-urbano] dessa variante. Tais traços foram evidenciados por meio do uso de diversos termos: aqueles que são mais gerais e se referem à relação com o campo: “rural” e “caipira”; aqueles que fazem referência ao nível de instrução: “pouco estudado” e “informal”; outros que se

referem à personalidade: “simples”, “humilde”, “relaxado” e “deselegante”; e aqueles que se referem a locais onde há esses traços: “interior de São Paulo”, “Gomes” e “São Bartolomeu de Minas”, sendo esses dois últimos nomes de bairros rurais. Dessa forma, nota-se que todos esses adjetivos compõem a imagem do caipira estereotipado como aquele que é atrasado socialmente e que, portanto, possui um baixo nível de escolaridade.

Além desses traços, em Muzambinho-MG, os informantes caracterizaram essa pessoa como “apavorada”, “descontraída”, “ansiosa” e “comunicativa”, justificando que ela fala muito rápido, parecendo que “quer falar tudo de uma vez só”. Essa percepção pode ter ocorrido devido ao processo de apagamento da sibilante /S/ em posição de coda que acontece na variante em questão. Outro aspecto que chama a atenção nesses adjetivos é que “descontraída” e “ansiosa” são termos opostos, o que nos mostra que uma mesma gravação pode gerar diferentes percepções.

Ainda, percebe-se que os muzambinhenses também descreveram esse indivíduo como “molecão” e “malandro”, argumentando que ele aparenta ser mais imaturo e sem responsabilidades. Os informantes podem ter tido essa percepção por dois motivos: (i) porque um dos tópicos abordados nesse primeiro estímulo foi “festa” (ver subseção 3.2); ou (ii) porque eles associaram o uso de *nói* ao falar de pessoas mais jovens, tendo em vista que, em Pinto (2019), verificou-se, em ambas as comunidades, que essa faixa etária tende a utilizar muito tal forma pronominal.

Com base nos adjetivos utilizados pelos participantes para descrever este falante, conclui-se que a variante *nói* não significa uma coisa em particular, mas uma gama de significados sociais que estão ideologicamente relacionados e que são altamente flexíveis, dependendo do contexto em que a forma é utilizada (ECKERT, 2008). Portanto, pode-se dizer que a variante *nói* indicia não só traços de ruralidade, algo que já havíamos hipotetizado, como também outros valores sociais, podendo, assim, ser considerada um índice de enésima ordem, segundo as ideias de Silverstein (2003).

Para descrever o falante do áudio 2, que utilizou a forma *a gente*, os participantes usaram termos que parecem se opor aos que foram apresentados para caracterizar o falante do áudio anterior, como pode ser visto na Figura 13:

Figura 13 - Adjetivos utilizados para descrever o falante do segundo áudio (a gente)



Fonte: própria

Assim como no áudio anterior, nota-se que as respostas dos informantes de ambas as cidades estão, em certa medida, coesas, indicando que eles compartilham os mesmos traços em relação à variante *a gente*. Esses traços foram o oposto daqueles utilizados para descrever a variante anterior: enquanto a forma *nói* foi caracterizada como [+ rural] e [- urbana], a variante *a gente* foi caracterizada como [- rural] e [+ urbana], como pode ser observado se analisarmos os adjetivos usados. Tais adjetivos referem-se ao nível de instrução desse indivíduo: “escolarizado”, “formal”, “culto”, “preparado”; a sua classe social: “classe social alta”, “condomínio fechado” e a sua personalidade: “fino”, “playboy”, “sofisticado”, construindo a imagem de uma pessoa que tem um alto nível de escolaridade e que mora em uma cidade maior. Destarte, percebe-se que os informantes parecem associar a essa variante valores sociais positivos, na medida em que o mesmo homem, antes avaliado como pouco escolarizado, caipira e morador de bairros rurais, agora, é considerado escolarizado, de classe social alta e morador de condomínios fechados.

Outrossim, observa-se que há outros dois traços que se contrapõem aos que foram mencionados no áudio anterior: a calma e a maturidade. Ao mesmo tempo em que o falante do primeiro áudio foi caracterizado como “apavorado”, neste segundo, ele foi descrito como “calmo”, “sereno”, “atento” e “claro”. Segundo os informantes, essa pessoa pode ser descrita desse modo porque ela fala mais pausadamente, facilitando a compreensão do que foi dito. Possivelmente, tal percepção se deve ao fato de que, neste áudio, não houve o apagamento da sibilante final. Outro traço associado ao uso dessa variante foi a maturidade desse indivíduo,

pois os informantes alegaram que, mesmo que esse seja jovem também, ele parece ser alguém mais “maduro”, “sério” e “responsável”.

Logo, percebe-se que *a gente* também aponta, indiretamente, para diferentes significados sociais que estão ideologicamente vinculados (ECKERT, 2008). A maioria desses significados evidenciam tanto uma oposição à variante *nói* quanto um certo prestígio de *a gente* em relação às formas investigadas neste questionário. Esses resultados, então, parecem nos fornecer um excelente panorama sobre a configuração dessas variantes nas comunidades de fala analisadas, permitindo que compreendamos melhor os seus padrões de uso.

Por fim, ao responderem sobre o terceiro áudio, em que o falante utilizou a variante *nóis*, os participantes usaram adjetivos distintos para caracterizá-lo, como pode ser verificado na Figura 14:

Figura 14 - Adjetivos utilizados para descrever o falante do terceiro áudio (nóis)



Fonte: própria

De modo semelhante ao que foi observado no primeiro áudio, os participantes de Cabo Verde-MG e de Muzambinho-MG caracterizaram o falante em questão como “familiar”, justificando que o seu modo de falar se assemelha ao modo como as pessoas com as quais eles convivem falam. Além dessa semelhança, percebe-se que essa forma pronominal também foi associada a traços de [+ rural] e [- urbano], haja vista que esse falante é descrito como “rural”, “caipira”, “informal” e “simples”.

Embora a variante *nóis* pareça ter o seu uso bem consolidado no português brasileiro (HORA, AQUINO, 2012), ela foi associada a traços de ruralidade nessas comunidades, provavelmente, porque os participantes se identificam com uso dessa forma e, também, se

identificam com tais traços, como pôde ser visto no primeiro momento deste questionário. Sendo assim, parece que tudo que esses informantes acreditam que se aproxima do seu modo de falar é vinculado a traços que sinalizam ruralidade, uma vez que é desse modo que eles se reconhecem.

Comparando os resultados de ambas as cidades, percebe-se que os participantes diferiram ao falar sobre o grau de maturidade desse falante, pois os cabo-verdenses descreveram como “maduro” e “responsável”, ao passo que os muzambinhenses descreveram como “molecão”. Desse modo, nota-se que, ao contrário dos áudios anteriores, as respostas não estão tão coesas, havendo algumas divergências entre os municípios. Essa variação nas respostas, possivelmente, se deve ao fato de que essa forma, apesar de não estar de acordo com a norma padrão, está presente na fala da maioria das pessoas, independentemente se essas moram no campo ou na cidade, apontando, assim, para diversos significados sociais.

4.1.3 Momento 3

Neste terceiro momento do questionário, os participantes passam a ter consciência da variável que está sendo estudada, para que possamos verificar como eles avaliam as formas em variação. Para isso, repetimos os três áudios escutados no segundo momento e fizemos algumas perguntas a eles. A primeira pergunta é a seguinte:

4. Nesse áudio, a pessoa utilizou a forma *nói/a gente/nóis* para se referir a ela e mais um grupo de pessoas. Você usa essa forma? Em quais situações?

Ao responderem sobre a variante *nói*, 58% (7) dos participantes de Cabo Verde-MG e 67% (8) dos participantes de Muzambinho-MG disseram que usam essa forma pronominal, fato que se confirma nos resultados de produção, como veremos em 4.2.1. Porém, alguns indivíduos enfatizaram que esse uso, muitas vezes, é inconsciente, e outros pontuaram que ele depende da situação comunicativa, pois, segundo os informantes, essa variante é mais utilizada em contextos informais e com pessoas com quem se tem mais intimidade, como pode ser observado no excerto:

- (4.8) Inf: Uso/ mas eu posso\ tipo assim/ eu acho que tem os locais, né?! / Eu acho que eu posso falá chiquê/ ih\ e certo/ e mais \ mais\ com a voz mais aberta/ se eu for falar com pessoas influentes, né?! / Agora/ se eu fô falá com o povo da minha família/ aí é “*nói*” memo (MZ, F, F1, ES)

Outro aspecto que nos chamou a atenção foi a fala de um participante da faixa etária 1 que sempre morou na zona rural de Muzambinho-MG. Ele afirmou que usa muito essa variante, justificando que, em sua cidade, as pessoas têm uma certa tendência em cortar as palavras. Essa percepção pode indicar que o apagamento da sibilante em coda não ocorre somente na variante *nói*, mas também em outros vocábulos, sendo algo recorrente na variedade linguística dessa comunidade. A fala desse informante está presente no seguinte trecho:

(4.9) Inf: Demais/ todo mundo corta, né?! / No Muzambinho/ todo mundo corta as palavra/ tira a sílaba/ as coisa (MZ, M, F1, SES)

Por outro lado, 42% (5) dos cabo-verdenses e 33% (4) dos muzambinhenses afirmaram não utilizar essa forma pronominal. Em geral, todos esses participantes são da faixa etária 2 e 3, havendo pessoas com e sem ensino superior. Analisando os dados de produção desses indivíduos, percebe-se que essa variante foi utilizada pela maioria, exceto por três pessoas que possuem graduação. Essas pessoas que não utilizaram a variante em questão disseram que não falam desse modo por causa do ambiente de trabalho, que exige que elas utilizem as formas prescritas pelas gramáticas normativas, o que mostra que, em certos locais, essa variante é estigmatizada. Esse estigma é evidenciado no discurso de uma dessas pessoas, que demonstra, de forma clara, um preconceito linguístico com aqueles que utilizam a variante *nói* com ausência de concordância verbal, como pode ser visto a seguir:

(4.10) Inf: Não / eu posso falá do jeito que cê quisé/ mas tenho ódio de falá “*nói vai/ nói foi/ nói tá*” / Eu acho horrível/ é judiá do português/ é maltratá o português no último/ jogá o coitadinho no lixo (MZ, F, F3, ES)

Além disso, houve participantes graduados que citaram que não utilizam a variante *nói*, porque ela é mais usada pelos jovens, haja vista que, de acordo com eles, essa faixa etária fala mais “errado” e com mais gírias. Em contrapartida, os participantes que não têm graduação alegaram que não utilizam a forma *nói* em específico, mas usam outras expressões presentes nesse primeiro áudio, como o termo “memo”, em que também ocorre o processo de apagamento da sibilante /S/ em coda.

Em relação à variante *a gente*, 67% (8) dos participantes tanto de Cabo Verde-MG quanto de Muzambinho-MG afirmaram que utilizam essa forma. Em ambos os municípios, eles mencionaram que esse uso depende também da situação comunicativa, posto que, diferentemente de *nói*, essa variante é mais utilizada em contextos formais, o que nos permite

notar um certo prestígio social dessa forma nas comunidades de fala investigadas. Tal fato pode ser percebido nesse excerto:

(4.11) Inf: Uso só no serviço

Ent: Por quê?

Inf: Porque é mai formal/ aí eu esqueço que eu sô o T./ ih\ baixa o O.A. lá/ às vezes eu falo até paulista/ puxo até o “r” (CV, M, F1, SES)

Ademais, outra fala que nos chamou a atenção foi a de uma muzambinhense graduada da faixa etária 3. Ela disse que prefere utilizar a variante *a gente* em detrimento das outras formas pronominais para evitar desvios de concordância verbal, já que, nesse caso, o verbo costuma ser conjugado na terceira pessoa do singular, como pode ser observado no seguinte trecho:

(4.12) Uso/ porque eu acho que é uma manera assim\ cê usa um plural meio que camuflado/ “*a gente*” qué dizê um grupo/cê relaciona “*a gente*” a um grupo/ num precisa fala “*nóis vai*” / “*a gente vai*” / ou então assim “*a gente vamos*” / porque criança é normal falá “*a gente vamos*”, né?! / Porque eles ainda não amadureceram essa parte aí da\ de que esse “*a gente vamos*” / pra eles tamém é um grupo, né?! (MZ, F, F3, ES)

Em contrapartida, 33% (4) dos cabo-verdenses e 33% (4) dos muzambinhenses disseram não utilizar a variante *a gente*, sendo esses de faixas etárias distintas e todos sem ensino superior. Todavia, analisando os dados de produções desses participantes, nota-se que apenas um muzambinhense, realmente, não utilizou a variante em questão. Esse participante, que é jovem e morou a vida inteira na zona rural, enfatizou que utiliza apenas *nói* e *nóis*. Assim como esse participante, outros indivíduos também disseram que utilizam somente as variantes fonológicas de *nós* porque são “mais caipiras”, o que indica que essas estão mais associadas ao campo do que *a gente*, como pode ser verificado nesse excerto:

(4.13) Inf: Não/ sempre a gente\ eh\ como a gente já é mais caipira, né?!/ O certo\ eu falo “*nóis vamo*” / agora esse aí já fala “*a gente*”, né?!

Ent: Aham/ “*a gente*” você num usa?

Inf: É/ num uso / falo “*nóis*” memo, né?! (CV, F, F3, SES)

É interessante observar nesta fala que a participante, uma cabo-verdense da faixa etária 3 sem ensino superior, nega o uso de *a gente*, mas utiliza essa variante ao fazer tal negação. Isso, provavelmente, acontece devido ao caráter inovador dessa forma pronominal que faz com que

as pessoas da faixa etária 3 tenham uma certa aversão ao seu uso, sendo algo presente também na fala dos muzambinhenses, como pode ser visto a seguir:

- (4.14) Inf: Não/ a gente\ {risos} / menos/ menos um poquinho/eh\ a gente procura falá\ eu falo que eu num uso/ quando vê tô falano, né?!
- Ent: {Risos} É verdade
- Inf: Então eu num posso negá/ eu tenho a impressão eu uso sim (MZ, M, F3, ES)

Enfim, quando os informantes responderam sobre a variante *nóis*, 83% (10) dos cabo-verdenses e 92% (11) dos muzambinhenses afirmaram utilizar essa forma. Analisando esses percentuais, nota-se que eles foram maiores do que os percentuais dos áudios anteriores, sinalizando que, de um modo geral, os participantes parecem não ter tantos receios ao falar que usam essa forma, provavelmente, porque ela está presente na fala da maioria dos brasileiros. Sob essa perspectiva, alguns informantes mencionaram até que essa é a forma pronominal mais utilizada por eles, argumentando que ela parece estar no meio, entre *a gente* e *nói*.

Do mesmo modo que aconteceu com a variante *nói*, esses informantes também citaram que o uso dessa variante depende da situação comunicativa, sendo mais utilizada em situações informais, posto que, em outras situações, há preferência pelo uso das variantes *nós* e *a gente*. Tal fato é destacado na fala dos participantes que disseram que não utilizam a variante *nóis*, sendo essas mulheres das faixas etárias 2 e 3 que possuem ensino superior, visto que elas enfatizaram que não usam essa forma pronominal devido ao ambiente em que trabalham, como pode ser observado no seguinte excerto:

- (4.15) Inf: Eu não uso\ eh\ pode ser que escape, né?! / Mas/ eu procuro falar\ até pelo meio aonde eu trabalho, né?! / Eu já procuro falar/ eh\ da forma considerada correta (CV, F, F3, ES)

Após essa pergunta, para finalizar o terceiro momento do questionário, fizemos a seguinte indagação aos participantes:

5. Você acha que o pessoal de Cabo Verde/ Muzambinho usa essa forma?

Em ambas as comunidades de fala, todos os participantes do questionário afirmaram que os indivíduos de suas cidades utilizam as três formas pronominais: *nói*, *a gente* e *nóis*. Contudo, tal como aconteceu quando fizemos a pergunta anterior, eles fizeram algumas ressalvas. No que

se refere ao uso de *nói*, cabo-verdenses e muzambinhenses disseram que, embora todos os moradores utilizem essa variante, os jovens são os que mais usam, como pode ser visto a seguir:

- (4.16) Inf: A maior parte fala/ principalmente os mai novo/ os menino que vem tudo nadá aí/ tudo quinze ano/ tudo\ agora o N. fez dezesseis/ tudo fala desse jeito (CV, M, F3, ES)

Alguns informantes de Muzambinho-MG também ressaltaram que, ainda que essa forma esteja presente na cidade, o seu uso é ainda maior na zona rural. Esse posicionamento pode ser notado no seguinte trecho:

- (4.17) Inf: Usa/ não/ pelo menos o povo da roça usa/ os da cidade tamém/ mas o povo da roça usa muito/ porque minha família fala assim (MZ, F, F1, ES)

Por outro lado, há participantes que disseram que esse uso é comum tanto por pessoas da cidade quanto por pessoas da zona rural, enfatizando que ele depende somente da situação comunicativa, como pode ser observado no trecho a seguir:

- (4.18) Inf: Usa/ usa sim/ hoje a gente confunde muito zona rural/ urbana/ porque hoje o povo da ci\ da roça tudo tá estudano também, né?! / A gente vê gente na roça que tem nível superior/ então\ mas aí eles conserva o lado culto com o lado simples/ com o lado rústico/ com o lado caipira/ então as pessoa\ dependeno da situação/ a gente fala (MZ, M, F3, ES)

Sobre a variante *a gente*, um informante muzambinhense com ensino superior afirmou que o seu uso é tão grande que deveria haver uma mudança na língua portuguesa: a substituição de *nós* por *a gente* no quadro pronominal. No entanto, para outro participante, jovem sem graduação que mora no campo, esse uso é moderado em Muzambinho-MG, pois depende da criação do morador, dado que, se ele sempre morou na zona rural, a utilização dessa forma será menor. Tal colocação pode indicar que essa variante está mais vinculada ao meio urbano, como pode ser verificado no seguinte excerto:

- (4.19) Inf: Muita gente sim/ e muita gente não tamém/ porque é igual\ igual eu tô te falano/ depende muito de onde que foi criado, entendeu? / Porque eu vejo que os que\ tipo tem pai que trabalha na cidade/ mãe que trabalha na cidade/ que é professora/ que é assim/ então eu acho que a cultura já foi mudano, né?! / Porque é o certo, né?! / Num é igual nói fala, né?! / O certo é isso/ aí mudô (MZ, M, F1, SES)

Em Cabo Verde-MG, alguns indivíduos pontuaram que, mesmo que *a gente* esteja presente no falar dessa cidade, o uso dessa forma não é tão grande, já que os moradores tendem a utilizar mais as variantes fonológicas de *nós*, como pode ser visto a seguir:

(4.20) Inf: Poco

Ent: Poco? / Por quê?

Inf: Aqui fala mais “*Nóis vamo lá*” / “*nói vem cá*” / “*nói vamo pra lá*” (CV, M, F2, SES)

(4.21) Inf: Muito difícil

Ent: Por quê?

Inf: Até os playboy daqui usa “*nóis*” (CV, M, F1, SES)

No excerto 4.21, é importante observarmos que, além do informante mencionar que é difícil os moradores de Cabo Verde-MG usarem *a gente*, ele cita o fato de que até os playboys utilizam *nóis*. Através dessa fala, podemos, então, verificar que há uma certa expectativa de que playboys utilizem mais *a gente* do que *nóis*, destacando algo que foi evidenciado nos resultados do momento 1 deste questionário: a variante *a gente* parece estar vinculada a valores mais positivos na comunidade em questão. Outro ponto mencionado por uma cabo-verdense, informante da faixa etária 3 que mora na zona rural e que não possui graduação, foi que o uso dessa forma varia em seu município, estando mais presente no falar de jovens.

Em contrapartida, um participante de Cabo Verde-MG da faixa etária 2 que mora na cidade afirmou que variante *a gente* é muito utilizada por todos os indivíduos, porém, ela é mais comum com verbos conjugados na primeira pessoa do plural. Entretanto, esse fato não foi verificado nos resultados de produção linguística, como poderá ser visto na próxima subseção. O posicionamento desse indivíduo está exposto no seguinte trecho:

(4.22) Inf: Usa/ só que o pessoal costuma\ porque quando a gente fala “*a gente*” / a gente tá sempre falano no singular, né?! / Aí as pessoas falam “*a gente vamos*” / pega o “*a gente*” com o plural/ então isso daí eu vejo que tem muito erro/ mas esse “*a gente*” é muito comum/ eu acho que todo mundo usa (CV, M, F2, ES)

Quanto ao uso de *nóis*, a maioria dos informantes tanto de Cabo Verde-MG quanto de Muzambinho-MG afirmaram que essa é a variante mais utilizada pelos moradores de sua cidade, indicando que essa forma parece ser bem aceita socialmente nesses locais. Todavia, há aqueles que fizeram ressalvas em relação a esse uso. Em Muzambinho-MG, uma participante

da faixa etária 2 sem ensino superior destacou que os jovens são os que mais utilizam essa forma, justificando que eles falam “mais errado” do que as demais faixas etárias, o que sinaliza que tal variante pode ser estigmatizada por alguns membros dessa comunidade.

Esse estigma parece também estar presente na fala de uma cabo-verdese da faixa etária 3 com graduação, que pontuou que muitos moradores usam o pronome *nóis*, mas que há certos grupos sociais que não o utilizam, como os profissionais da educação. Tal avaliação está exposta a seguir:

(4.23) Inf: Ah/ muita gente

Ent: Muita gente fala assim?

Inf: Muita gente fala assim/ exceto os profissionais mesmo da educação/ ih\ e algumas poucas outras pessoas/ mas a maioria fala assim (CV, F, F3, ES)

A partir dos resultados obtidos neste questionário de reações subjetivas, fica claro o modo como os indivíduos avaliam e percebem as formas em variação. Apesar das limitações da metodologia aqui utilizada⁵⁶, conseguimos acessar os diferentes significados sociais das variantes nas comunidades de fala investigadas. Isso nos permitirá compreender melhor não só o funcionamento de tais comunidades, como também o comportamento linguístico de seus habitantes.

4.1.4 Síntese dos resultados

Em síntese, foi possível observar que essas formas não são marcadas socialmente, visto que não foram alvo de metacomentários no segundo momento do questionário. Sendo assim, pode-se dizer que elas estão abaixo do nível de consciência dos indivíduos, não podendo ser consideradas, portanto, estereótipos (LABOV, 2008 [1972]). Além disso, percebeu-se, por meio dos adjetivos usados para descrever o falante de cada um dos estímulos, que as variantes *nói* e *a gente* são percebidas de maneira oposta em ambas as cidades, indiciando diversos significados sociais que se contrapõem.

Dentre eles, vamos citar apenas alguns que mais nos chamaram a atenção, como a questão da maturidade. Considerando o que a literatura tem mostrado sobre a variante *a gente* (OMENA, 1986; LOPES, 2002, 2003, 2007; VIANNA, LOPES, 2015), poderíamos esperar

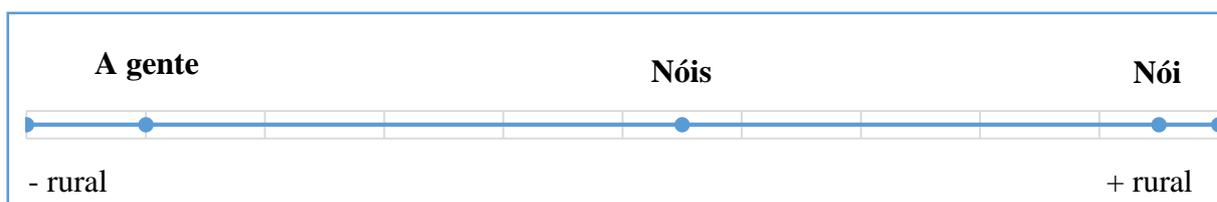
⁵⁶ A formulação de perguntas explícitas no roteiro de entrevistas não nos permite captar as reações encobertas dos indivíduos em relação às variantes analisadas, sendo, portanto, uma das limitações dessa metodologia. Para solucioná-la, pretendemos, em estudos futuros, aplicar um experimento com base na técnica de *matched-guise* (LAMBERT et al., 1960).

que essa forma fosse mais associada ao falar de jovens, tendo em vista que essa é apontada pelos estudos como a forma inovadora. No entanto, ela foi vinculada ao falar de pessoas “mais responsáveis” e “maduras”, se contrapondo à variante *nói*, que foi associada ao falar de pessoas “moleconas” e “sem responsabilidades”. Desse modo, nota-se que, nessas comunidades, o pronome *a gente* não é tido como o mais inovador, pelo contrário, ele parece ser visto como mais conservador do que *nói*.

Outra questão que se destacou foi a ruralidade. Enquanto o falante do primeiro áudio, que utilizou a variante *nói*, foi caracterizado com vários adjetivos que construía a imagem do caipira estereotipado, o falante do segundo áudio, que usou a forma *a gente*, foi descrito com diversos termos que formavam a imagem de um morador de uma cidade maior e mais urbanizada. Em outros momentos do questionário, quando os participantes fizeram as suas ressalvas em relação ao uso de tais formas, essas associações de *nói* com o meio rural; e de *a gente* com o meio urbano também foram evidenciadas.

No que se refere à variante *nóis*, foi possível perceber que essa não se opõe, de forma clara, às outras formas pronominais. De um modo geral, ela também parece estar vinculada aos traços [+ rural] e [-urbano], porém, diferentemente de *nói*, os adjetivos usados para caracterizar o falante do terceiro áudio não construíram a imagem do caipira estereotipado, dado que esses foram mais genéricos. Assim, pode-se dizer que a variante *nóis* está menos ligada ao campo do que *nói*, mas mais ligada a esse espaço do que *a gente*, como pode ser observado no *Continuum de ruralidade* presente na Figura 15:

Figura 15 - Continuum de ruralidade



Fonte: própria

Além desses significados sociais, essas formas parecem estar vinculadas a valores positivos e negativos nessas cidades. Levando em consideração que a variante *a gente* está sendo associada ao falar de pessoas com “classes sociais mais altas”, “com um maior nível de escolaridade” e “sofisticadas”, podemos pensar que essa é mais prestigiada do que as variantes fonológicas. Entretanto, tal forma aparenta ter menos prestígio do que *nós*, pois, mesmo que essa não tenha sido incluída no questionário, ela foi mencionada diversas vezes pelos

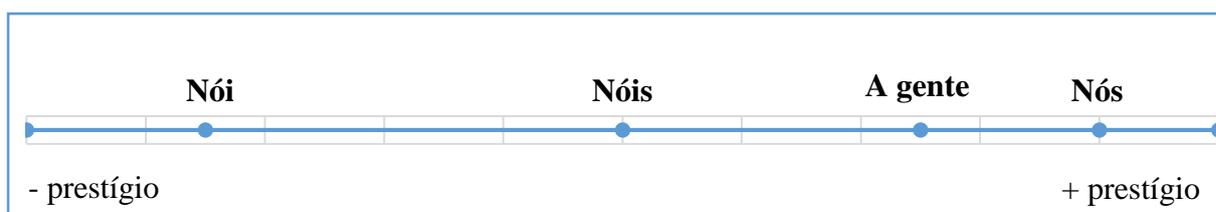
participantes como uma variante “mais correta”, que está restrita a certos grupos sociais, como os professores. Tal posicionamento pode ser verificado nos seguintes excertos:

- (4.24) As amigas da minha mãe falam bem mais correto/ usam só *nós*/ ainda mais que elas são tudo professora, né?! (MZ, F, F2, SES)
- (4.25) Aqui em Cabo Verde/ só professora fala *nós*/ o resto tudo fala *nóis* memo (CV, M, F1, SES)

Quanto às variantes fonológicas, percebeu-se que *nói* é pouco prestigiada nessa região, uma vez que é vinculada ao falar de pessoas “pouco estudadas”, “deselegantes” e “relaxadas”, adjetivos que se contrapõem aos que foram usados para descrever o falante do segundo áudio que utilizou *a gente*. Já a forma *nóis* parece ser um pouco mais prestigiada do que *nói*, visto que não é associada a tais traços negativos e é bem aceita pelos moradores das comunidades em questão. Contudo, ela tem menos prestígio que as variantes *a gente* e *nós*, posto que também não é ligada a valores sociais positivos.

Baseando-se nessas discussões, essas quatro formas pronominais foram organizadas em um *Continuum de prestígio social*, para que os seus valores ficassem mais claros, como pode ser verificado na Figura 16:

Figura 16 - Continuum de prestígio social



Fonte: própria

No terceiro momento do questionário, em que os indivíduos comentam explicitamente sobre o uso das variantes analisadas, observou-se que a maioria deles aponta que utiliza essas três formas e que elas também estão presentes na variedade linguística de suas cidades natais. A principal ressalva feita pelos participantes em relação a esse uso foi sobre o grau de formalidade dos pronomes, pois eles pontuaram que *a gente* é mais usada em situações formais, com pessoas com as quais eles não possuem tanta intimidade, ao passo que *nói* e *nóis* são mais usadas em ocasiões informais, com pessoas mais íntimas.

Considerando esses resultados, nota-se que foi possível estabelecer os diversos significados e valores sociais das formas em variação nas comunidades de fala investigadas, o que nos permitiu verificar que tais comunidades se diferenciam de outras que analisaram o mesmo fenômeno, apresentadas na subseção 2.2. Logo, percebe-se que Cabo Verde-MG e Muzambinho-MG possuem suas tendências próprias, e identificar quais são elas pode nos ajudar a compreender os padrões de uso desses municípios.

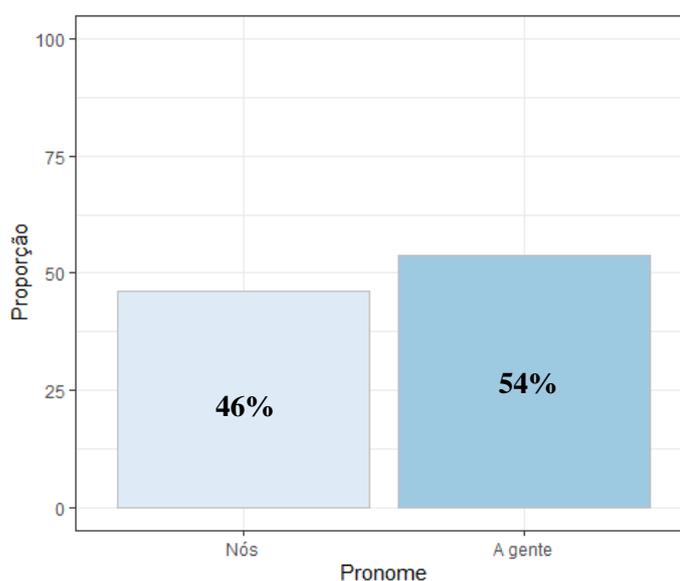
4.2 Produção linguística

Nesta subseção, apresentaremos os resultados de produção linguística de Cabo Verde-MG e de Muzambinho-MG. Para tanto, dividimos essa subseção em três partes. Inicialmente, traremos uma visão geral dos resultados com as proporções de uso das variantes da variável resposta. Posteriormente, discutiremos os resultados de análises univariadas, em que cada variável independente foi analisada em relação ao fenômeno em estudo. Para finalizar essa subseção, apresentaremos uma síntese dos principais resultados.

4.2.1 Visão geral dos resultados

Primeiramente, é importante destacar que, no total, obtivemos 697 ocorrências do fenômeno linguístico analisado neste trabalho, sendo 322 ocorrências de *nós* e 375 ocorrências de *a gente*. A distribuição geral desses resultados pode ser vista no Gráfico 2:

Gráfico 2 - Proporção do uso dos pronomes

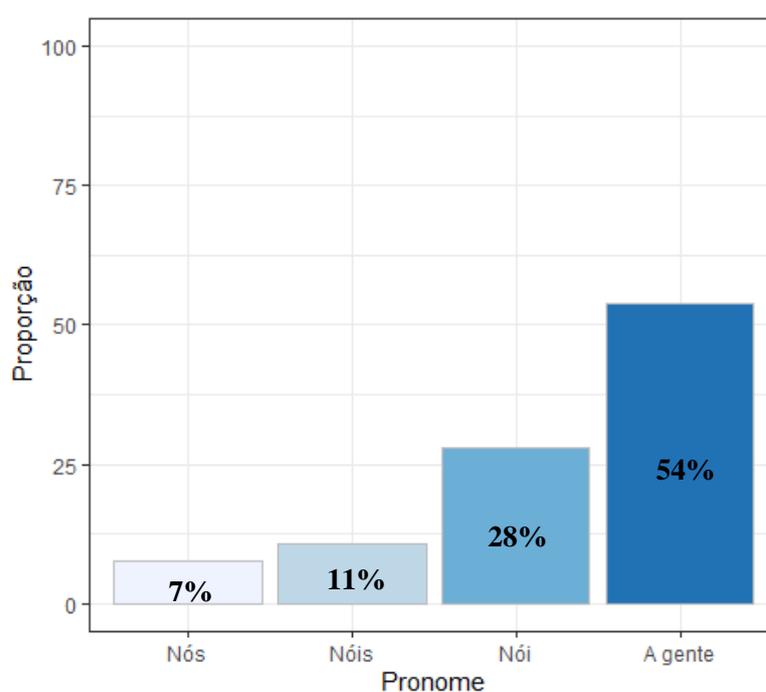


Fonte: própria

A partir deste gráfico, percebe-se que a variante *a gente* (54%) é mais utilizada nas comunidades de fala analisadas do que a variante *nós* (46%), assim como ocorre na maioria das regiões do país (OMENA, 1996; LOPES, 1993, 2003; MENDES, 2007; MENDONÇA, 2010; RUBIO, 2012; MATTOS, 2013). No entanto, observa-se que, ao contrário do que os estudos sobre o fenômeno em questão têm mostrado, a diferença entre as proporções das variantes não é acentuada. Tendo em vista os resultados da aplicação do *índice de urbanização* (DIAS, 2021), apresentados na subseção 3.1.3, nota-se que Cabo Verde-MG e Muzambinho-MG estão mais próximas do polo de [- urbanização] do que do polo de [+ urbanização], já que apresentam algumas características de *áreas rurbanas* (BORTONI-RICARDO, 2004). Essa relação com o campo, provavelmente, está se refletindo no uso das variantes estudadas, uma vez que, nessas áreas, os falantes tendem a utilizar com menos frequência a variante *a gente* do que em áreas mais urbanizadas.

Analisando as variantes fonológicas de *nós* para compreender melhor tais resultados, observamos que, das 322 ocorrências da variante *nós*, 195 são de *nói*, 74 são de *nóis* e apenas 53 são de *nós*. Essa distribuição pode ser verificada no Gráfico 3:

Gráfico 3 - Proporção do uso dos pronomes (variável quaternária)



Fonte: própria

Com base neste gráfico, nota-se que, dentre as variantes fonológicas de *nós*, a forma mais usada é *nói* (28%). Como pôde ser visto no questionário, essa forma é a que está mais próxima

do polo [+ rural], posto que ela indicia uma série de significados sociais que ajudam a construir a imagem do caipira estereotipado. Assim sendo, podemos pensar que essa variante é a mais utilizada nessas comunidades porque os seus moradores parecem, mesmo que de forma inconsciente, se identificar com aspectos rurais. Tal identificação pode ser observada, por exemplo, quando eles descrevem as suas variedades linguísticas por meio de adjetivos que remetem aos traços [+ rural] e [- urbano].

Além disso, este gráfico mostra que a segunda variante fonológica mais utilizada por esses indivíduos é *nóis* (11%), e a variante menos usada por eles é *nós* (7%), assim como foi visto em Pinto (2019), em que houve apenas 3 ocorrências dessa forma pronominal na fala de jovens dessa região. Esse baixo percentual de uso de *nós* pode estar relacionado ao fato de que essa forma está restrita a certos grupos sociais. Isto porque, no questionário, os participantes mencionaram que essa forma é “mais correta”, sendo mais utilizada por profissionais da educação, sinalizando um prestígio da variante em questão.

Logo, é possível perceber que, em virtude das variantes *nóis* e *nós* serem pouco utilizadas pelos habitantes dessas cidades, o embate para representar a primeira pessoa do plural na posição de sujeito parece ser entre as variantes *nói* e *a gente*. Para compreender quais são os fatores que motivam esse fenômeno, discutiremos, a seguir, os resultados de análises univariadas, em que cada variável foi analisada de forma independente.

4.2.2 Análises univariadas

Inicialmente, nesta subseção, serão apresentados os resultados das variáveis extralinguísticas e, em seguida, os resultados das variáveis linguísticas. É importante destacar que, no presente trabalho, reportaremos somente os resultados das variáveis que se mostraram estatisticamente significativas na análise da variação entre *nós* e *a gente* em cada cidade estudada⁵⁷. Embora a *faixa etária* não tenha sido significativa nessa primeira investigação, reportaremos também os seus resultados porque queremos averiguar a hipótese de que estaria ocorrendo uma mudança em progresso nas formas pronominais que representam a primeira pessoa do plural na posição de sujeito.

Ademais, é relevante pontuar que, na discussão das variáveis extralinguísticas e da concordância verbal, falaremos também sobre os resultados da segunda análise, em que investigamos as quatro formas pronominais: *nós*, *nóis*, *nói* e *a gente*. Para verificar se as

⁵⁷ Nessa primeira investigação, os valores de significância de cada uma das variáveis sobre o fenômeno em questão foram calculados por meio de um teste de qui-quadrado global. Esses valores estarão presentes embaixo de cada um dos gráficos apresentados.

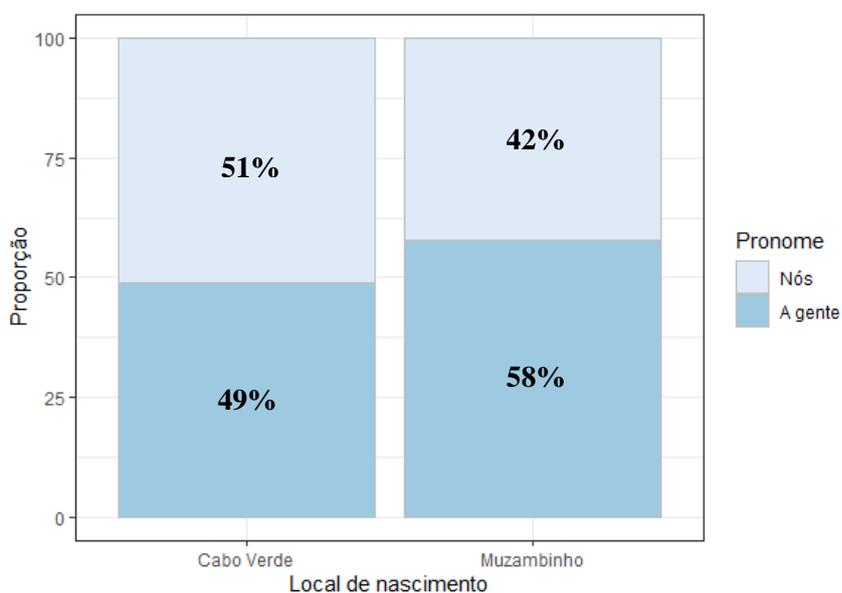
variáveis são estatisticamente significativas nessa investigação, realizamos um teste de qui-quadrado entre as linhas da tabela. Os resultados desse teste estarão reportados no próprio gráfico por meio de asteriscos⁵⁸.

4.2.2.1 Variáveis extralinguísticas

a) Local de nascimento

Baseando-se nos resultados do *índice de urbanização* (DIAS, 2021), proposto na subseção 3.1.3, nota-se que, apesar de Cabo Verde-MG e de Muzambinho-MG serem cidades vizinhas e apresentarem raízes rurais, há diferenças culturais e educacionais entre elas que se refletem no grau de urbanização, visto que Cabo Verde-MG foi considerada mais rural do que Muzambinho-MG. Nesse sentido, esperamos que essas diferenças se reflitam também na variedade linguística falada pelos moradores. A nossa hipótese principal é a de que os cabo-verdenses, por se identificarem mais com traços rurais (ver subseção 3.1.3), utilizem variantes que estejam mais vinculadas ao campo do que os muzambinhenses. Os resultados da análise dessa variável estão no Gráfico 4:

Gráfico 4 - Proporção do uso dos pronomes segundo o local de nascimento



Fonte: própria

$$\chi^2 = 5.3309 (1), p = 0.02095$$

⁵⁸ Os asteriscos estarão entre as barras do gráfico, próximos de cada uma das variantes analisadas. Para compreendê-los, é necessário ter em mente que: sem asteriscos $p > 0.05$; * $p < 0.05$; ** $p < 0.01$; e *** $p < 0.001$.

Este gráfico mostra que o uso das variantes estudadas difere de acordo com o local de nascimento dos informantes. Em Cabo Verde-MG, onde houve 314 ocorrências do fenômeno em questão, os falantes utilizam as variantes equilibradamente, 51% de *nós* e 49% de *a gente*. Tal resultado indica que o uso de *a gente* nesse município é menos frequente do que em algumas regiões do Brasil, em que o percentual de uso dessa forma se aproxima ou ultrapassa os 70% (OMENA, 1996; LOPES, 1993, 2003; MENDES, 2007; MENDONÇA, 2010; RUBIO, 2012; MATTOS, 2013). Por outro lado, na cidade de Muzambinho-MG, em que houve 383 ocorrências dessa variável, observa-se que, embora o uso de *a gente* também seja menos frequente em relação a outras localidades do país (58%), essa variante é mais utilizada pelos muzambinhenses do que pelos cabo-verdenses.

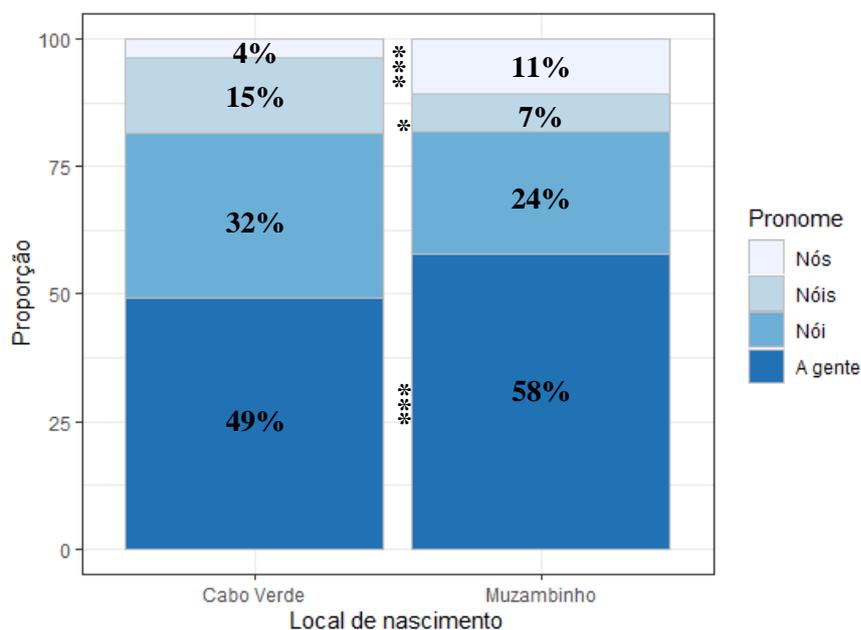
Retomando os resultados do questionário de reações subjetivas (ver subseção 4.1) para interpretar melhor essa diferença entre as cidades analisadas, verifica-se que a variante *a gente* está mais próxima do polo [- rural] no *Continuum de ruralidade*, dado que indicia, nessas comunidades, uma gama de significados sociais que estão ligados à ideia de urbanização. Levando isso em consideração, pode-se pensar que os habitantes de Muzambinho-MG, por acreditarem que Cabo Verde-MG possui mais traços rurais, como pôde ser verificado durante as entrevistas sociolinguísticas (ver subseção 3.1.3)⁵⁹, se identifiquem mais com aspectos urbanos do que os cabo-verdenses, tendendo a utilizar o pronome *a gente* com maior frequência.

Destarte, percebe-se que as diferenças culturais e educacionais que há entre esses municípios, observadas nos resultados da aplicação do *índice de urbanização* (DIAS, 2021), refletem não só no grau de urbanização dessas comunidades, como também no uso das variantes investigadas: os falantes de Muzambinho-MG, mesmo que estejam há apenas 24 quilômetros de distância de Cabo Verde-MG, utilizam mais a forma *a gente* do que os cabo-verdenses, possivelmente, porque moram em uma cidade maior e mais urbanizada; e se identificam mais com os traços [- rurais] e [+ urbanos] indiciados pelo uso dessa variante.

Com o objetivo de analisar se tais diferenças entre as comunidades também irão se refletir no uso das variantes fonológicas de *nós*, apresentaremos também a proporção dessas formas segundo o local de nascimento dos informantes, como pode ser visto no Gráfico 5:

⁵⁹ Nas entrevistas sociolinguísticas, quando perguntamos aos indivíduos qual cidade eles consideravam que possuía mais traços rurais, 20 dos 24 informantes responderam que Cabo Verde-MG apresenta mais aspectos associados ao campo do que Muzambinho-MG.

Gráfico 5 - Proporção do uso dos pronomes segundo o local de nascimento (variável quaternária)



Fonte: própria

Por meio deste gráfico, nota-se que tanto em Cabo Verde-MG, quanto em Muzambinho-MG, a variante fonológica mais utilizada pelos indivíduos é *nói*, 32% e 24%, respectivamente. Como tal forma está associada a traços [+ rurais] e [- urbanos] nessa região, estando mais próxima do polo [+ rural] no *Continuum de ruralidade*, ela pode ser usada com maior frequência pelos moradores de ambos os municípios porque eles se identificam mais com esses aspectos. Até os muzambinhenses, que se consideram menos rurais do que os cabo-verdenses, descrevem a sua variedade linguística com adjetivos que remetem a tais traços, como “rural” e “simples”. Sob essa perspectiva, verifica-se que o uso da variante *nói* pode ser, mesmo que sem consciência, uma marca de regionalidade das comunidades de fala analisadas, indiciando, entre outros significados, ruralidade.

Ainda que haja semelhança entre as cidades em questão, observa-se que há uma diferença entre elas no que se refere à segunda variante fonológica mais utilizada. Em Cabo Verde-MG, os indivíduos usam mais *nóis* (15%), ao passo que, em Muzambinho-MG, eles usam mais *nós* (11%). Tal fato, provavelmente, se deve às diferenças que há entre esses municípios: os cabo-verdenses, por acreditarem que estão mais vinculados ao campo, utilizam mais as variantes que apontam para significados rurais, como a forma *nóis*, que, assim como *nói*, está, nessas comunidades, mais próxima do polo [+ rural] no *Continuum de ruralidade*. Em contrapartida, os muzambinhenses, apesar de também terem um vínculo com o campo, se consideram menos

rurais, utilizando formas que se afastam um pouco desse polo do contínuo, como a variante *nós*, que parece estar restrita ao falar de certos grupos com maior domínio da norma culta da língua.

Com base nos resultados dessa análise, é possível perceber a importância de olhar mais a fundo as comunidades que serão investigadas nos estudos sociolinguísticos, visto que, por mais que sejam vizinhas, pode haver diferenças entre elas que se refletem na variedade linguística falada por seus moradores. Neste estudo, foram tais diferenças que nos motivaram a compará-las, mas, se não tivéssemos observado minuciosamente as características presentes nesses locais, poderíamos ter analisado os dois municípios conjuntamente, o que nos faria “perder” informações tão ricas como essas que nos ajudaram a compreender melhor os padrões de uso dessa região e os seus diferentes significados sociais.

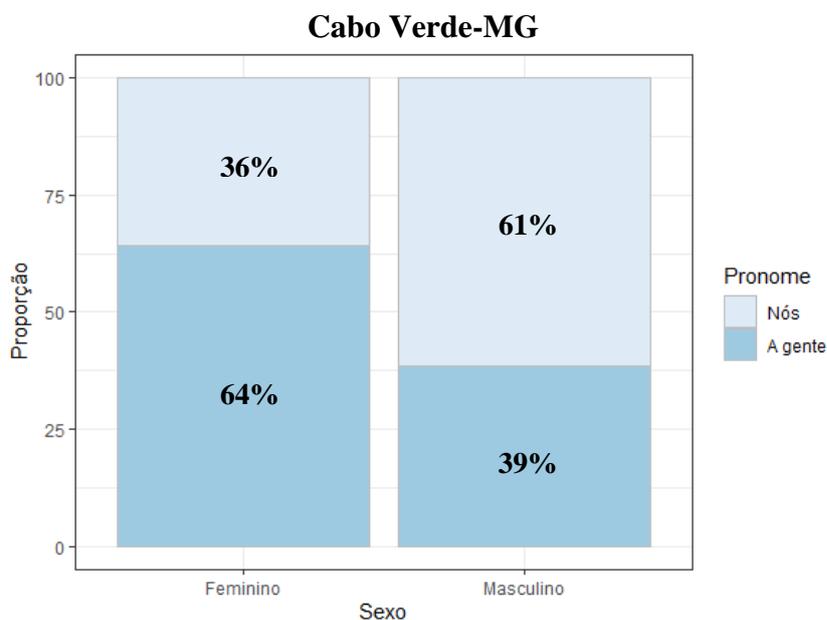
b) Sexo/ gênero

Com as mudanças que aconteceram na sociedade, principalmente, a partir do século XX, o papel da mulher se modificou. Por conseguinte, as explicações para compreender a relação entre a variável sexo/gênero e os fenômenos em variação estão, aos poucos, se modificando também (FREITAG, 2015), não ficando mais restritas a interpretações circulares ou de cunho essencialista, como “mulheres são mais sensíveis ao prestígio social das formas linguísticas” (LABOV, 1990, 2001). Neste trabalho, com o objetivo de evitar tais tipos de explicações, buscamos compreender o papel da mulher nas comunidades de fala investigadas. Através das entrevistas sociolinguísticas, observamos que todas as mulheres que participaram deste estudo trabalham ou já trabalharam fora de casa, o que indica que, realmente, esse papel tem se modificado ao longo dos anos. Todavia, como foi possível perceber nos relatos apresentados por Ribeiro (2021), essas mulheres ainda sofrem com o machismo enraizado em nossa sociedade não só em casa, como também no ambiente de trabalho.

Assim sendo, temos a hipótese de que as mulheres cabo-verdenses e muzambinhenses estão mais sujeitas às pressões normativas do que os homens, o que pode levá-las a reafirmarem o seu papel social de forma a serem mais ouvidas pela sociedade. E para isso, podem fazer um maior uso de formas linguísticas localmente prestigiadas. Para verificar se tal hipótese se confirma, analisamos essa variável e percebemos que ela foi estatisticamente significativa somente em Cabo Verde-MG. Os resultados dessa análise⁶⁰ no município em questão estão presentes no Gráfico 6:

⁶⁰ Para compreender melhor o papel dessa variável na comunidade em questão, realizamos cruzamentos com todas as outras variáveis sociais, mas o único que deu estatisticamente significativo foi com a variável *relação do informante com o campo*. Esse cruzamento será discutido no item “e”.

Gráfico 6 - Proporção do uso dos pronomes segundo o sexo/gênero



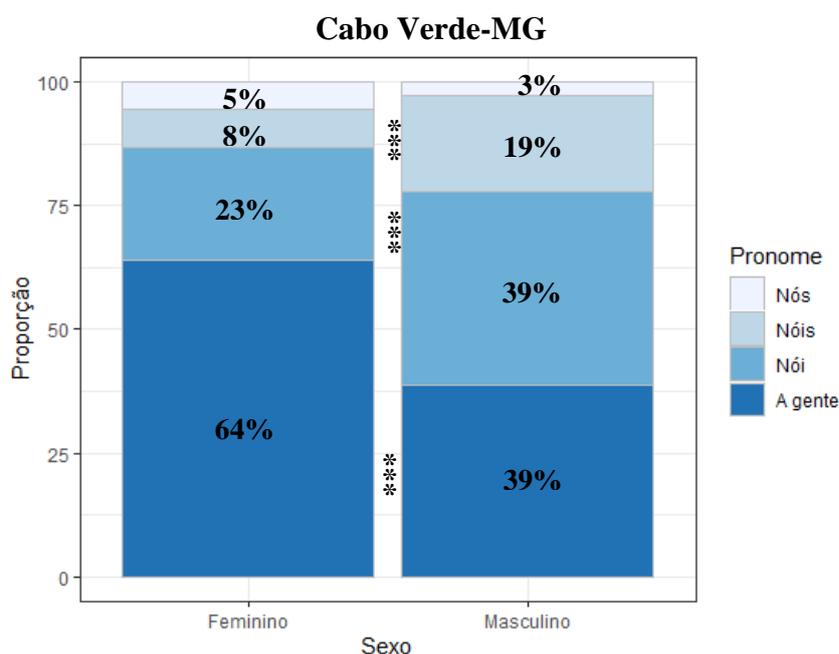
Fonte: própria

$$\chi^2 = 18.5(1), p < 0.001$$

Analisando este gráfico, é possível observar que, em Cabo Verde-MG, as mulheres utilizam mais a variante *a gente* (64%), enquanto os homens utilizam mais a variante *nós* (61%). Para compreender melhor esses resultados, é necessário verificar quais são os valores sociais das formas em variação, já que há a hipótese de que isso tenha algum efeito no uso de tais pronomes. No entanto, é importante atentar-se ao fato de que a presença das variantes fonológicas na variedade linguística dessa comunidade faz com que outros valores sejam atribuídos às variantes, diferentemente daqueles presentes em outras localidades do país, em que não houve esse olhar morfofonológico (OMENA, 1996; LOPES, 1993, 2003; RUBIO, 2012; VIANNA, LOPES, 2015).

Dessa maneira, é preciso retomar os resultados do questionário de reações subjetivas para acessar os valores locais dessas formas. Através deles, nota-se que, nessa região, tanto *nós* quanto *a gente* estão associadas a valores positivos, sendo mais prestigiadas socialmente do que as variantes fonológicas de *nós*. Nesse sentido, observa-se a relevância de analisar quais são as formas que estão por trás das ocorrências de *nós*, a fim de entender, de fato, o papel da variável sexo/gênero no fenômeno em questão. Essa investigação pode ser vista no Gráfico 7:

Gráfico 7 - Proporção do uso dos pronomes segundo o sexo/ gênero (variável quaternária)



Fonte: própria

Este gráfico mostra que homens e mulheres cabo-verdenses utilizam com maior frequência a mesma variante fonológica: *nói*. Contudo, nota-se que há uma diferença entre as proporções de uso dessa forma, visto que homens (39%) tendem a utilizá-la mais do que as mulheres (23%). Ao analisar os valores sociais que estão vinculados a essa variante, percebe-se que ela é o pronome menos prestigiado nessa comunidade, haja vista que aponta para valores negativos, como a noção de pouca escolaridade. Assim, pode-se pensar que as mulheres evitam mais o uso de *nói* do que os homens, possivelmente, porque, para serem mais ouvidas em casa e no ambiente de trabalho, costumam se policiar mais linguisticamente, mesmo que isso seja feito de forma inconsciente.

Ademais, observa-se que *nóis* é a segunda variante fonológica mais usada por homens (19%) e por mulheres (8%) de Cabo Verde-MG, sendo ainda mais frequente entre indivíduos do sexo masculino. Revisando o *Continuum de prestígio social*, presente na subseção 4.1.4, verifica-se que *nóis* está situada no meio desse contínuo, posto que, durante o questionário, não foi relacionada, de modo específico, nem a valores positivos e nem a valores negativos. Já no *Continuum de ruralidade*, essa variante está mais próxima do polo [+ rural], indiciando uma série de significados associados ao campo. Levando isso em consideração, é possível dizer que os homens utilizam mais *nóis* do que as mulheres devido ao fato de que possuem uma maior relação com a zona rural, uma vez que a maioria dos entrevistados trabalha ou já trabalhou no

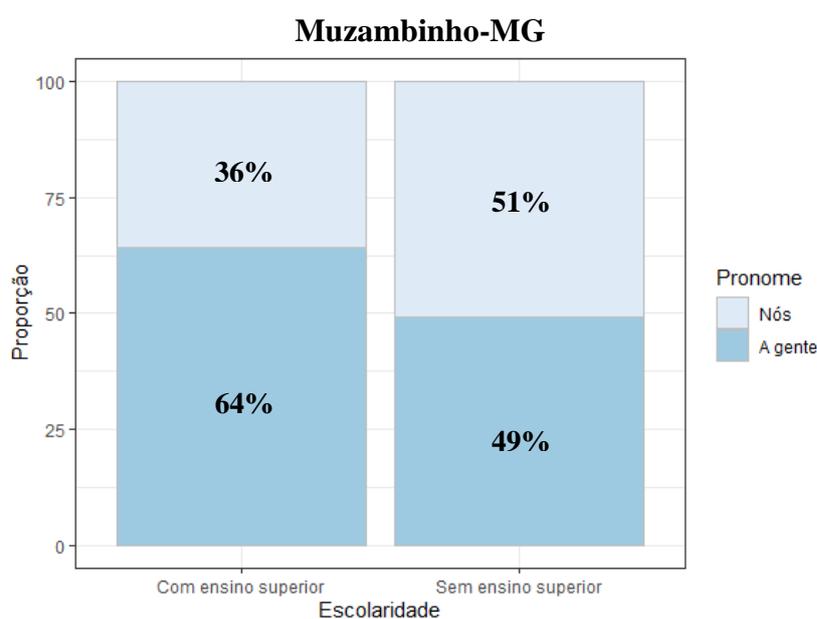
campo, enquanto as mulheres possuem outras ocupações, havendo apenas uma que trabalha na zona rural durante a época da colheita do café.

Outro aspecto que pode ser notado neste gráfico é que a forma menos usada pelos caboverdenses de ambos os sexos é *nós*, não havendo diferença significativa estatisticamente entre homens e mulheres. Logo, baseando-se nesses resultados, nota-se que a análise morfofonológica e a retomada dos valores locais das variantes foram essenciais para nos ajudar a compreender o porquê, na primeira análise, os homens estavam utilizando mais *nós* do que as mulheres, permitindo, de um modo geral, que entendêssemos mais o papel da variável sexo/gênero em Cabo Verde-MG.

c) Escolaridade

Como a escola é um dos principais locais onde o indivíduo tem contato com a norma padrão da língua, espera-se que os falantes que possuem um maior nível de escolaridade utilizem comparativamente mais variantes chanceladas pela norma gramatical, veiculadas pela escola, ao passo que aqueles que têm um menor nível de escolaridade utilizem mais formas com menor prestígio social associado à norma padrão, ainda que possam fazer uso de variantes que têm um certo prestígio local. A fim de verificar se tais hipóteses se confirmam, investigamos essa variável e notamos que ela foi estatisticamente significativa somente em Muzambinho-MG. Os resultados dessa investigação estão presentes no Gráfico 8:

Gráfico 8 - Proporção do uso dos pronomes segundo a escolaridade



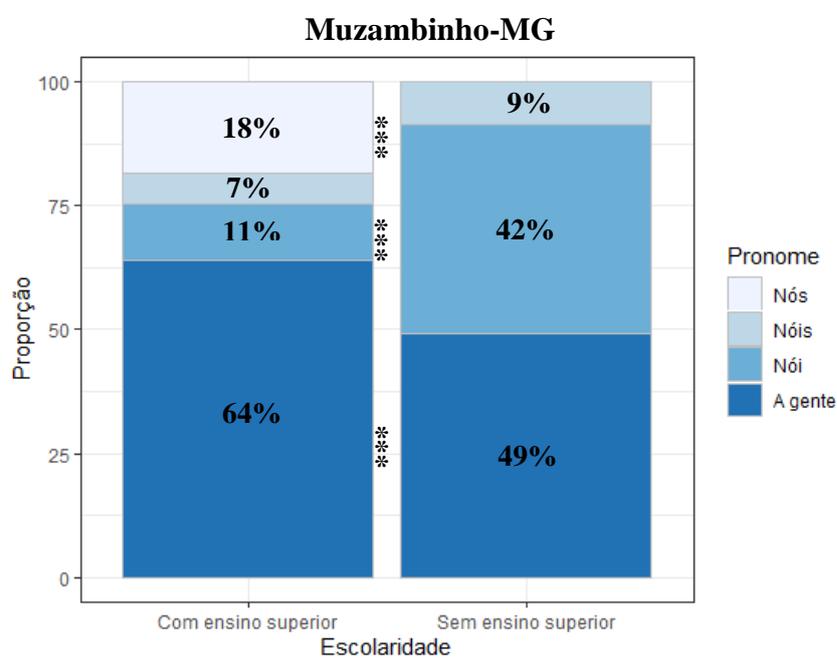
Fonte: própria

$$\chi^2 = 7.8844 (1), p = 0.004986$$

A partir deste gráfico, é possível observar que os muzambinhenses com ensino superior utilizam mais a variante *a gente* (64%). Em contrapartida, aqueles que não possuem graduação usam as variantes em proporções equilibradas, 51% de *nós* e 49% de *a gente*. Tendo em vista o modo como os indivíduos avaliam e percebem as formas, verifica-se que *a gente* está próxima do polo de [+ prestígio] no *Continuum de prestígio social* (ver subseção 4.1.4), porque foi associada ao falar de pessoas com classes sociais mais altas e com maior nível de escolaridade. Possivelmente, por causa de ela ter esse certo prestígio na comunidade em questão, os indivíduos com ensino superior tendem a utilizá-la com mais frequência; ou pode-se pensar que essa variante tem esse prestígio justamente porque tende a ser mais usada pelos falantes que possuem um maior nível de escolaridade.

Em relação aos muzambinhenses sem ensino superior, é necessário analisar quais são as variantes *fonológicas* que estão por trás dessas ocorrências de *nós*; e retomar quais são os seus valores sociais, com a finalidade de compreender o uso equilibrado das variantes. Para tanto, realizamos uma análise com as quatro formas, como pode ser visto no Gráfico 9:

Gráfico 9 - Proporção do uso dos pronomes segundo a escolaridade (variável quaternária)



Por meio deste gráfico, nota-se que a variante fonológica mais utilizada pelos muzambinhenses que possuem graduação é *nós* (18%). Analisando o *Continuum de prestígio social*, proposto na subseção 4.1.4, é possível observar que essa forma é a que está mais próxima do polo de [+ prestígio] nessas comunidades, porque, segundo alguns informantes, ela é “mais

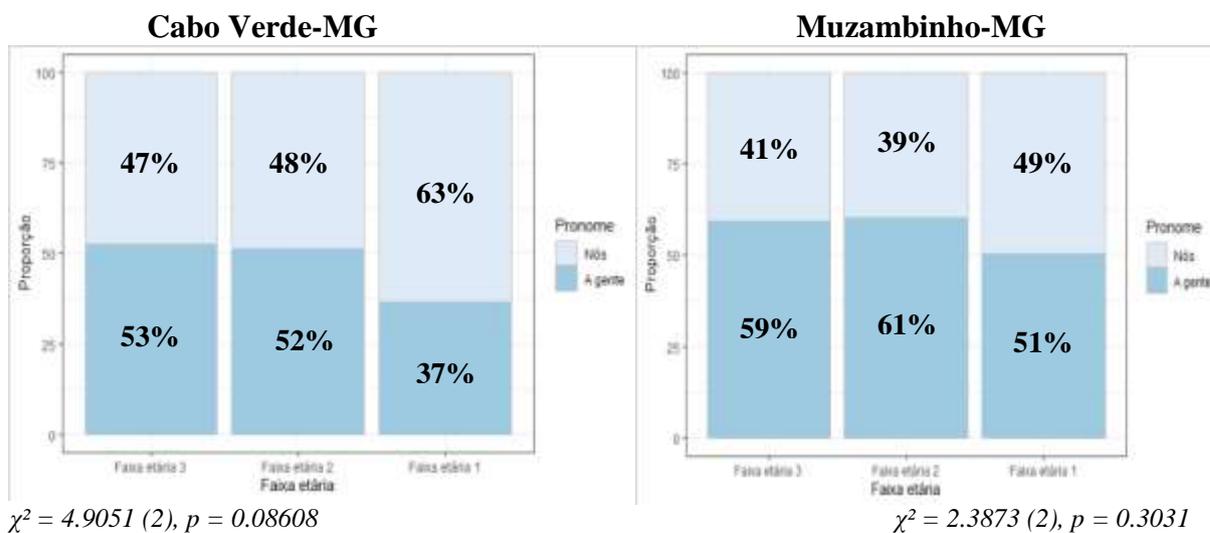
correta”, estando presente apenas no falar de pessoas que eles julgam ter maior conhecimento da norma culta da língua, como os professores. Assim sendo, pode-se pensar que, devido a esse prestígio, os moradores de Muzambinho-MG que fizeram graduação preferem utilizar *nós* em detrimento das outras variantes fonológicas. Outro fato que pode ser observado em relação a essa forma é que ela não é utilizada por indivíduos sem ensino superior, o que mostra que, realmente, tal variante está restrita ao uso de certos grupos sociais.

Além disso, percebe-se que a variante fonológica mais utilizada por esses muzambinhenses sem graduação é *nói* (42%). Tal resultado pode estar relacionado ao fato de que, no *Continuum de prestígio social* (ver subseção 4.1.4), essa forma é a que mais se aproxima do polo de [- prestígio], pois é vinculada ao falar de pessoas pouco estudadas e mais simples, sendo, portanto, a variante menos prestigiada socialmente nas comunidades de fala investigadas. Desse modo, nota-se que os valores positivos e negativos localmente atribuídos às formas durante o questionário de reações subjetivas nos ajudaram a compreender melhor as diferenças que há entre aqueles moradores com e sem ensino superior.

d) Faixa etária

Considerando o que a literatura sobre o fenômeno em questão tem mostrado (OMENA, 1986; LOPES, 1993; 2003; RUBIO, 2012; VIANNA, LOPES, 2015), verifica-se que, na maioria das regiões do Brasil, a variação entre *nós* e *a gente* está em um processo de mudança linguística, em que os jovens utilizam mais a variante *a gente*, enquanto os mais velhos utilizam mais a variante *nós*. Com o objetivo de analisar se isso está acontecendo também em Cabo Verde-MG e em Muzambinho-MG, onde outros valores sociais são atribuídos às formas, investigamos essa variável social.

Os resultados da primeira investigação, em que analisamos apenas a variação entre *nós* e *a gente*, mostraram que tal variável não foi estatisticamente significativa nas comunidades de fala estudadas, porém, esses serão reportados para discutir questões relacionadas à mudança linguística. No Gráfico 10, é possível observar os resultados de ambos os municípios:

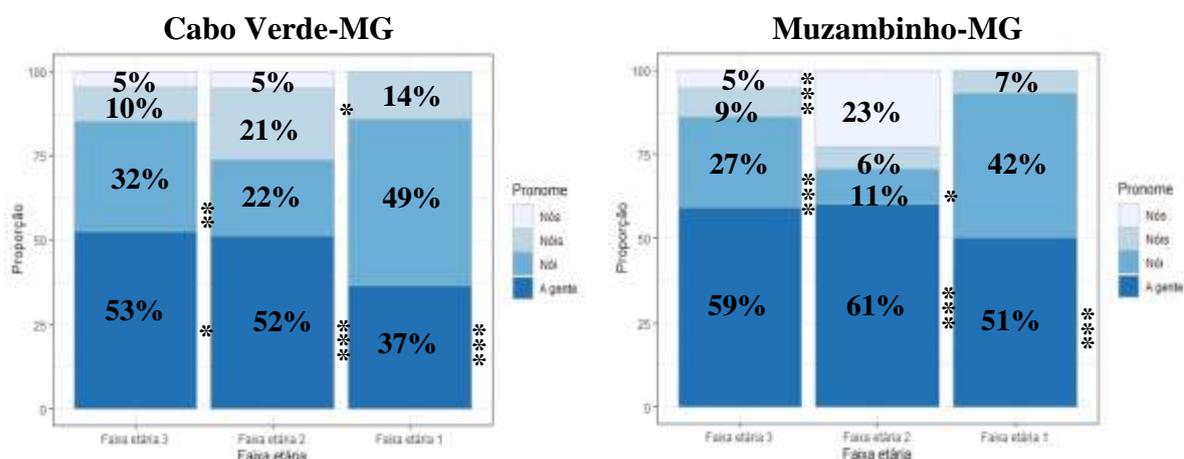
Gráfico 10 - Proporção do uso dos pronomes segundo a faixa etária

Fonte: própria

Em Cabo Verde-MG, percebe-se que os indivíduos da faixa etária 1 (18-25 anos) utilizaram mais a variante *nós* (63%), ao passo que aqueles das faixas etárias 2 (35-50 anos) e 3 (mais de 60 anos) usaram as variantes equilibradamente. Já em Muzambinho-MG, os informantes da faixa etária 1 (18-25 anos) usaram as variantes de forma equilibrada, enquanto aqueles das faixas etárias 2 (35-50 anos) e 3 (mais de 60 anos) usaram mais a variante *a gente*, 61% e 59%, respectivamente. Tais resultados sinalizam que não está acontecendo uma mudança em progresso na direção que havíamos hipotetizado em ambas as cidades, já que os jovens (18-25 anos) são os que mais estão utilizando *nós*; e os que menos estão usando *a gente*.

Com base nos resultados obtidos em Pinto (2019), há a hipótese de que isso esteja ocorrendo por causa das variantes fonológicas de *nós*, haja vista que, nessa pesquisa anterior, a proporção de uso de *nói* por jovens foi alta. Para verificar se isso se confirma neste trabalho, analisamos essas variantes tanto em Cabo Verde-MG quanto em Muzambinho-MG, como pode ser visto no Gráfico 11:

Gráfico 11- Proporção do uso dos pronomes segundo a faixa etária (variável quaternária)



A partir do gráfico de Cabo Verde-MG, nota-se que a variante mais utilizada pelos jovens (faixa etária 1- 18 a 25 anos) foi *nói* (49%), ao passo que a variante *nós* não foi utilizada por esses falantes, estando presente apenas na fala de indivíduos da faixa etária 2 (5%) e da faixa etária 3 (5%). Conforme foi visto no questionário de reações subjetivas, a forma *nói* está associada ao falar de pessoas “moleconas” e “sem responsabilidades”, podendo ser considerada mais inovadora do que *a gente*, visto que essa última está vinculada ao uso de pessoas mais “maduras” e “responsáveis”. Possivelmente, em virtude desses valores sociais localmente estabelecidos, os jovens desse município estão utilizando mais *nói* do que *a gente*. Quanto à variante *nóis*, acredita-se que ela é menos frequente no falar desses indivíduos, porque parece estar restrita ao uso de certos grupos que aparentam ser mais velhos.

Outro fato que pode ser observado neste gráfico é que os cabo-verdenses da faixa etária 2 (35 a 50 anos) foram os que menos utilizaram a variante *nói* (23%) e os que mais utilizaram a variante *nóis* (21%). Para interpretar esse resultado, analisamos os perfis sociais desses falantes e notamos que todos eles estão inseridos no mercado de trabalho. Nesse sentido, devido às pressões sociais presentes nesse meio, pode-se pensar que os indivíduos da faixa etária 2 (35 a 50 anos) evitam mais utilizar a forma *nói*, buscando substituí-la por *nóis*, já que essa parecer ser menos estigmatizada nessa região do que aquela, como se verificou no *Continuum de prestígio social* proposto na subseção 4.1.4.

No gráfico de Muzambinho-MG, é possível perceber que os jovens (faixa etária 1- 18 a 25 anos) foram os que mais utilizaram a variante *nói* (42%), e assim como aconteceu em Cabo Verde-MG, não houve ocorrências de *nós* produzida por esse grupo. Esses resultados podem ser interpretados com base nos significados sociais indicados por essas variantes nas

comunidades em questão, posto que a forma *nói* é a que está mais relacionada a pessoas mais novas, enquanto *nós* parece estar relacionada ao uso de apenas alguns indivíduos, sendo esses, majoritariamente, mais velhos e que possuem um maior acesso à norma padrão.

Por outro lado, *nós* foi a variante fonológica mais utilizada pelos indivíduos da faixa etária 2 (23%). Tal fato pode ter acontecido porque, como todos eles trabalham fora de casa, estão mais sujeitos às pressões normativas do que os outros falantes, utilizando, mesmo que de modo inconsciente, a forma que possui maior prestígio social nessa região. Essas pressões parecem também influenciar no uso da variante *nói* (11%), que, provavelmente, por ser a forma menos prestigiada localmente, tende a ser a mais evitada por esses indivíduos. Da mesma maneira que os adultos (faixa etária 2- 35 a 50 anos), percebe-se que os idosos de Muzambinho-MG (faixa etária 3 – mais de 60 anos) também utilizaram a variante *nós* (5%), porém, diferentemente deles, a variante fonológica mais utilizada foi *nói* (27%).

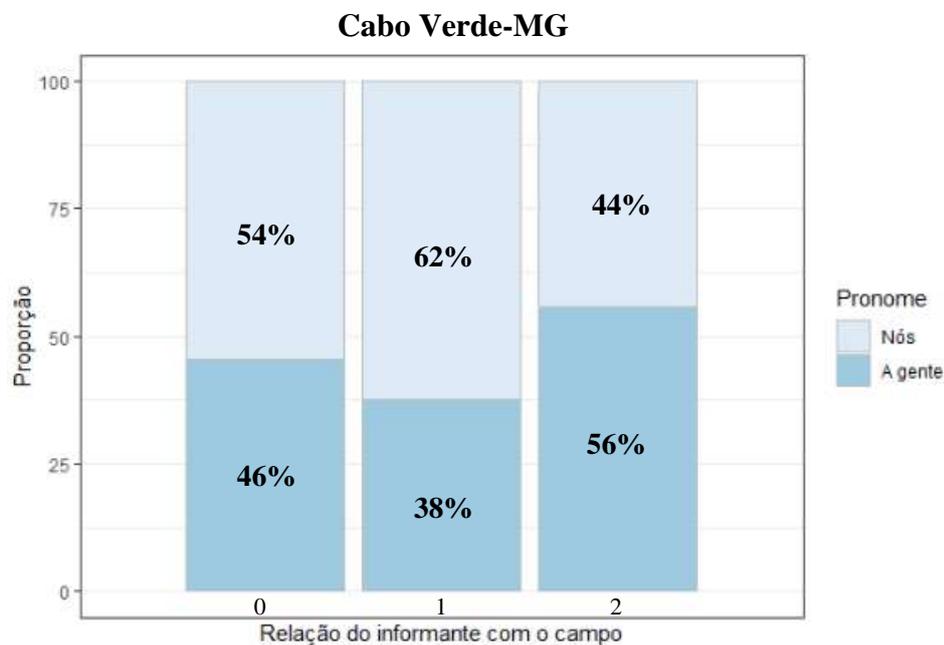
A partir desses resultados, nota-se que, em ambas as cidades, não está ocorrendo uma mudança linguística em favor da implementação de *a gente*. Aventamos duas possibilidades de interpretação: (i) estaria acontecendo um processo de mudança, mas em direção oposta à tendência geral, já que os jovens estão usando mais *nói* e menos *a gente* do que os mais velhos, possivelmente, como uma forma de marcarem a sua identidade local; ou (ii) esse fenômeno está em variação estável nas comunidades, configurando-se como um caso de gradação etária ligado ao mercado de trabalho. Os jovens, ao começarem a trabalhar, podem deixar de usar *nói*, visto que ela é a forma que mais se afasta do polo de maior prestígio social. No entanto, é importante ressaltar que, para comprovar se, de fato, trata-se de uma mudança ou variação estável, seria necessário realizar um estudo em tempo real nessas comunidades.

e) Relação do informante com o campo

Através de uma análise etnográfica das cidades estudadas, verificou-se que investigar o nível de relação do informante com o campo pode ser importante para compreender a variação que há entre as formas pronominais de primeira pessoa do plural. Essa importância advém, sobretudo, do fato de que algumas variantes indiciam, nessa região, traços de ruralidade. Nesse contexto, espera-se que os falantes que possuem um maior vínculo com a zona rural utilizem mais as formas que estão associadas a esse meio e, em contrapartida, aqueles que não são tão ligados ao campo utilizem variantes que estão vinculadas ao meio urbano.

Ao analisar essa variável social, observou-se que ela foi estatisticamente significativa apenas em Cabo Verde-MG. Os resultados dessa análise na cidade em questão podem ser vistos no Gráfico 12:

Gráfico 12 - Proporção do uso dos pronomes segundo a relação do informante com o campo

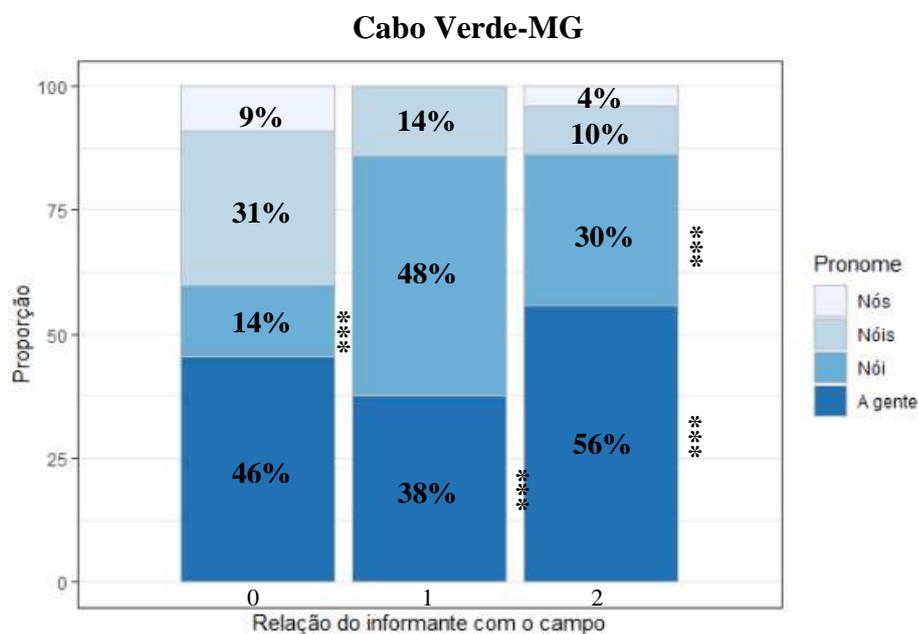


$$\chi^2 = 7.8298 (2), p = 0.01994$$

Este gráfico mostra que tanto os cabo-verdenses que possuem pouca relação com o campo (0) quanto aqueles que possuem uma relação média (1) utilizam mais a variante *nós*, 54% e 62%, respectivamente. Tal resultado vai no sentido oposto à hipótese inicial, dado que esperávamos que os falantes com menor vínculo com a zona rural utilizassem mais a forma *a gente*, pois essa indicia traços [- rurais] e [+ urbanos] nessa comunidade, estando mais próxima do polo [- rural] no *Continuum de ruralidade* (ver subseção 4.1.4).

Outro resultado que se opõe à nossa hipótese é daqueles indivíduos que possuem uma forte relação com o campo (2). Como pode ser observado no Gráfico 12, esses falantes estão usando mais *a gente* (56%) do que *nós* (44%). Entretanto, esperávamos que eles utilizariam mais *nós*, porque, no questionário de reações subjetivas, notou-se que as formas que mais se aproximam do polo [+ rural] são as variantes fonológicas *nóis* e *nói*. Assim, com a finalidade de investigar quais são as variantes que estão por trás dessas ocorrências de *nós*, analisamos as quatro formas pronominais, como pode ser verificado no Gráfico 13:

Gráfico 13 - Proporção do uso dos pronomes segundo a relação do informante com o campo (variável quaternária)

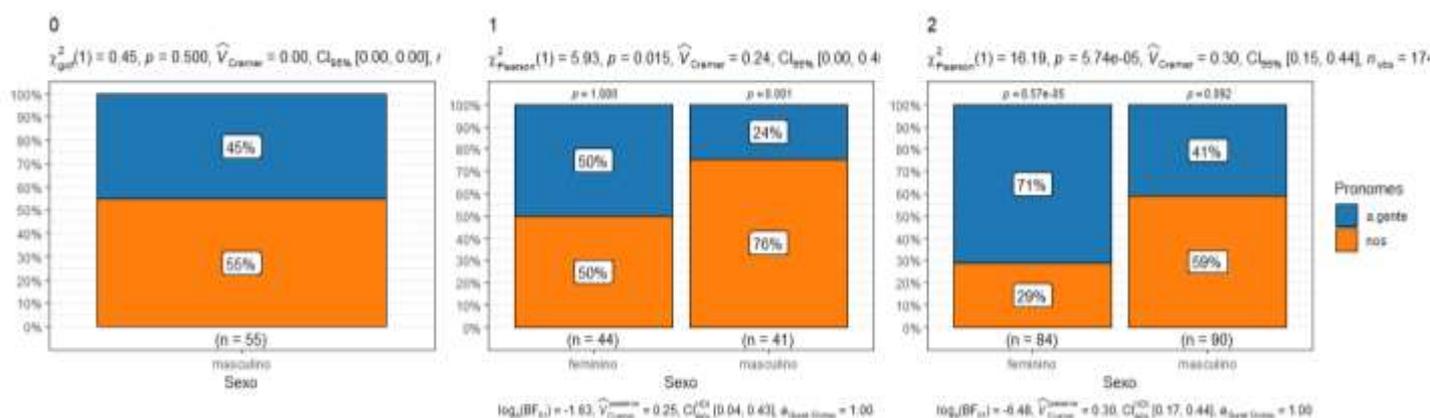


Por meio deste gráfico, percebe-se que a variante fonológica mais utilizada pelos indivíduos que possuem um menor contato com a zona rural (0) é *nóis* (31%), enquanto aqueles que têm um contato médio (1) ou forte (2) utilizam mais a variante *nói*, 48% e 30%, respectivamente. Retomando o *Continuum de ruralidade*, proposto na subseção 4.1.4, observa-se que a forma *nói* está mais próxima do polo [+ rural] do que *nóis*, visto que aponta para uma série de significados sociais que ajudam a construir a imagem do caipira estereotipado. Sendo assim, pode-se pensar que os falantes que possuem maior vínculo com o campo (1; 2) utilizam mais *nói* porque essa variante, em relação às outras, é a que está mais associada à zona rural. Em contrapartida, aqueles que possuem pouca relação com esse meio (0) podem estar usando mais *nóis* como uma maneira de amenizar esse tipo de associação.

Considerando essas discussões, nota-se que as nossas hipóteses iniciais estão, em certa medida, sendo confirmadas nesse município. No entanto, o maior uso de *a gente* por aqueles falantes que têm um maior contato com o campo (2) nos chamou a atenção, uma vez esperávamos que eles fossem os que menos utilizariam essa forma. Para compreender melhor tal resultado, cruzamos essa variável com todas as outras variáveis sociais; e observamos que pode haver uma relação com o sexo/ gênero dos informantes que têm esse vínculo forte com a zona rural (2). O cruzamento entre essas duas variáveis pode ser verificado no Gráfico 14:

Gráfico 14 - Cruzamento entre o sexo/ gênero e a relação do informante com o campo

Cabo Verde-MG



Analisando este gráfico, nota-se que, os indivíduos que têm um maior vínculo com a zona rural (2) se diferenciam no uso das variantes *nós* e *a gente* de acordo com o seu sexo/ gênero: enquanto as mulheres utilizam mais *a gente* (71%), os homens utilizam mais *nós* (59%). Isso, possivelmente, ocorre porque essas mulheres, para serem mais ouvidas nesse meio rural em que o machismo é tão recorrente, como pôde ser verificado nos relatos de Ribeiro (2021), estão mais sujeitas às pressões normativas do que os homens, buscando, ainda que de modo inconsciente, utilizar mais *a gente* do que as variantes fonológicas de *nós*, visto que essa forma se aproxima mais do polo de [+prestígio] nessas comunidades, o que pode explicar o grande uso de *a gente* por indivíduos que possuem uma forte relação com a zona rural. Tal situação também pode ser observada nos demais graus de relação do informante com o campo, uma vez que, independentemente se é pouca (0) ou se é média (1), os homens tendem a usar mais *nós* do que as mulheres.

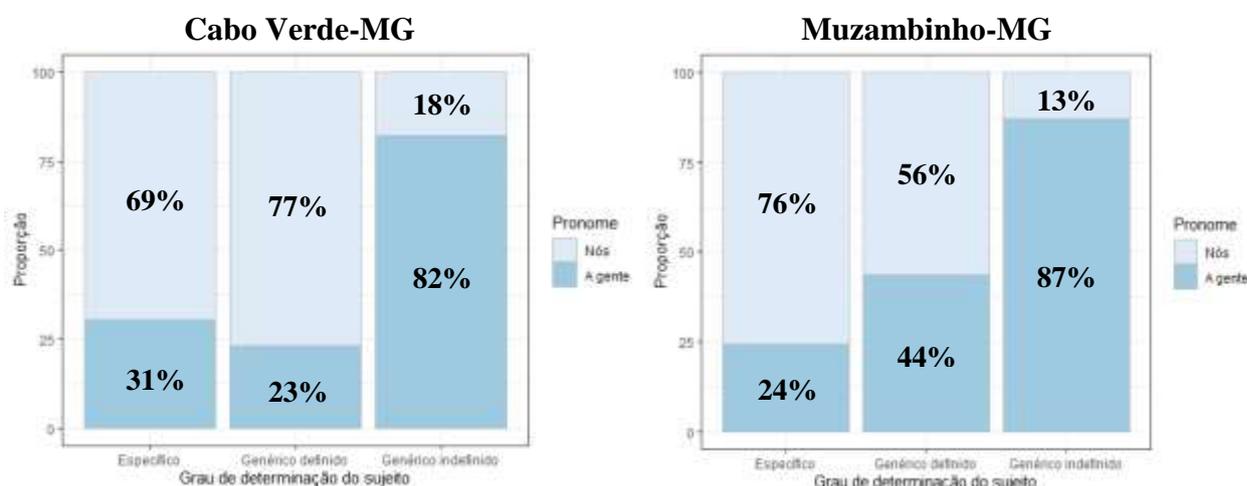
4.2.2.2 Variáveis linguísticas

a) Grau de determinação do sujeito

A literatura sobre a alternância entre *nós* e *a gente* aponta que investigar o grau de determinação do sujeito é necessário para compreender esse processo de variação (OMENA, 1986; LOPES, 1993, 2003; RUBIO, 2012; VIANNA, LOPES, 2015). De acordo com o que esses estudos têm mostrado, a variante *a gente* é mais utilizada para fazer referências genéricas e indeterminadas, ao passo que *nós* é mais usada para fazer referências específicas e determinadas, em que o falante claramente se inclui. Para verificar se tal distribuição também é observada nas comunidades de fala analisadas, investigamos essa variável e percebemos que

ela foi estatisticamente significativa em ambas comunidades. Os resultados dessa análise estão no Gráfico 15:

Gráfico 15 - Proporção do uso dos pronomes segundo o grau de determinação do sujeito



$$\chi^2 = 92.521 (2), p < 0.001$$

Fonte: própria

$$\chi^2 = 112.54 (2), p < 0.001$$

Em Cabo Verde-MG, percebe-se que os falantes utilizam mais a variante *nós* não só para se remeter a uma categoria generalizada, mas determinada de indivíduos (77%), como também para se referir a uma categoria específica de indivíduos, em que o falante se inclui junto a outro referente específico (69%). Assim como em Rubio (2012), observa-se, então, que a variante *nós* é utilizada com maior frequência nessa comunidade para fazer referências mais determinadas. Por outro lado, a variante *a gente* é mais utilizada pelos cabo-verdenses para se referir a uma categoria generalizada e indeterminada de indivíduos (82%), possivelmente, porque esse pronome herdou do substantivo *gente* o seu traço de indeterminação (LOPES, 2003). Portanto, nota-se que esses resultados confirmam a nossa hipótese inicial, mostrando uma oposição binária entre sujeitos definidos e indefinidos⁶¹.

Analisando o gráfico de Muzambinho-MG, nota-se que os falantes também utilizam mais a variante *nós* para se referir a um grupo específico de indivíduos (76%) e a um grupo generalizado e determinado (56%). No entanto, ao contrário dos cabo-verdenses, o uso dessa variante é maior para reportar sujeitos específicos do que para reportar sujeitos genéricos definidos. Em relação ao uso da variante *a gente*, do mesmo modo que em Cabo Verde-MG, há uma preferência de usar essa forma para remeter a uma categoria generalizada e indeterminada

⁶¹ É possível dizer que há essa oposição binária entre sujeitos definidos e indefinidos porque, ao fazer testes de qui-quadrado apenas sobre os dados de específico e de genérico definido, verificou-se que não há diferenças significativas entre essas duas variáveis.

de indivíduos (87%). Neste contexto, percebe-se que tais resultados apontam uma certa gradação, já que, à medida que o sujeito se torna mais genérico (específico > genérico definido > genérico indefinido), os muzambinhenses tendem a utilizar mais a variante *a gente*.

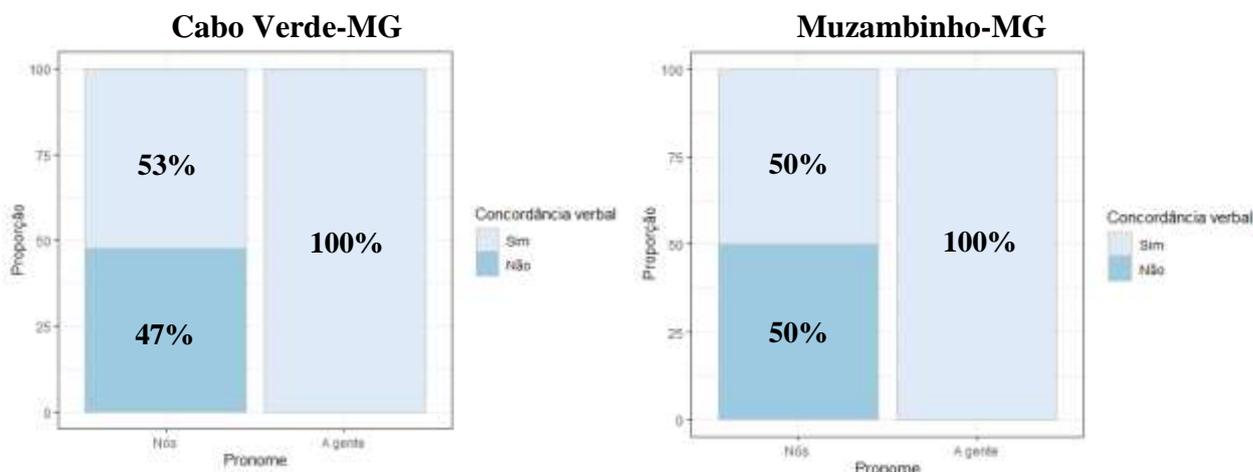
Tendo em vista o que a literatura sobre a história desses pronomes nos revela, vemos que forma *a gente* ainda é utilizada nas comunidades estudadas, preferencialmente, em contextos em que veicula seu valor de origem. Porém, seguindo tendências observadas nos estudos sobre a alternância *nós/ a gente* em outras comunidades (OMENA, 1986; LOPES, 1993, 2003; RUBIO, 2012; VIANNA, LOPES, 2015, constatamos que, em Cabo Verde-MG e em Muzambinho-MG, *a gente* já avança para contextos em que o referente é mais definido, ainda que esse movimento não seja tão acentuado como o que se vê em outras regiões do país.

b) Concordância verbal

As gramáticas normativas (ALMEIDA, 1999; CUNHA E CINTRA, 2008) prescrevem que o verbo que acompanha o pronome *nós* deve ser conjugado na primeira pessoa do plural. Em contrapartida, o verbo que acompanha *a gente* deve ser conjugado na terceira pessoa do singular, já que essa forma herdou do substantivo *gente* o traço neutro de pessoa formal (LOPES, 2003). Todavia, segundo a literatura (RUBIO, 2012, 2015; FOEGER, 2014), essa concordância é um fenômeno variável no português brasileiro, posto que os pronomes *nós* e *a gente* podem ser acompanhados de verbos com desinência – mos ou Ø.

Levando isso em consideração, hipotetizamos que, nas comunidades de fala investigadas, a concordância verbal de primeira pessoa do plural também varie, principalmente, a daqueles verbos que acompanham o pronome *nós* e suas variantes fonológicas. Ademais, tendo em vista que essas cidades podem ser consideradas áreas *rurbanas* (BORTONI-RICARDO, 2004), acreditamos que a proporção de verbos sem a concordância verbal de acordo com a norma seja maior do que em comunidades com características mais urbanas, uma vez que, de acordo com Foeger (2014), a ausência de concordância, embora seja recorrente tanto no campo quanto na cidade, parece ser um dos traços típicos do falar rural.

Para investigar se esses aspectos também serão observados neste estudo, analisamos essa variável e verificamos que ela foi estatisticamente significativa nos dois municípios, como pode ser visto no Gráfico 16:

Gráfico 16 - Proporção do uso dos pronomes segundo a concordância verbal

$$\chi^2 = 84.184 (1), p < 0.001$$

Fonte: própria

$$\chi^2 = 129.97(1), p < 0.001$$

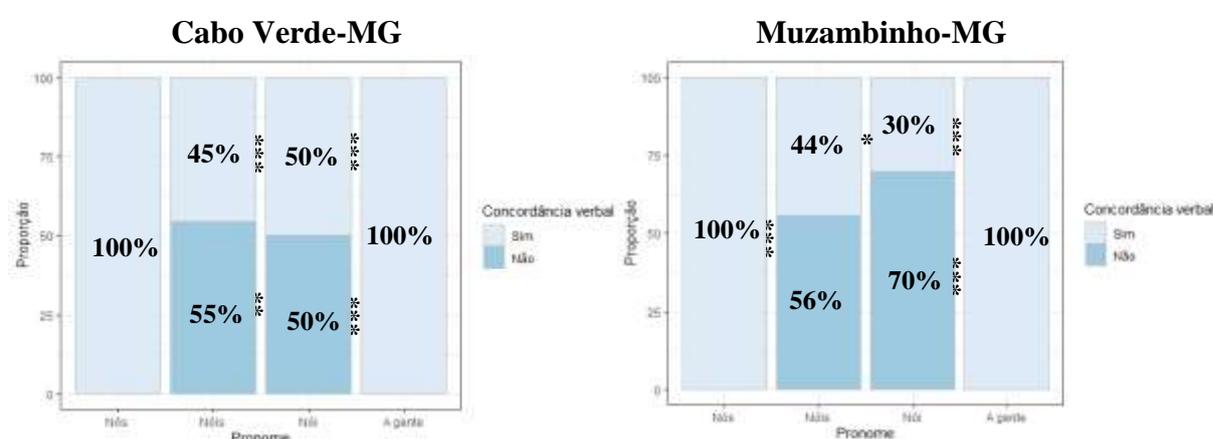
O gráfico de Cabo Verde-MG mostra que, quando os falantes utilizam a variante *nós*, 53% fazem a concordância verbal de acordo com o que prescrevem as gramáticas normativas (ALMEIDA, 1999; CUNHA E CINTRA, 2008), conjugando os verbos na primeira pessoa do plural, ao passo que 47% não fazem a concordância verbal seguindo a prescrição dessas gramáticas. Já quando os cabo-verdenses utilizam a variante *a gente*, a concordância verbal é realizada de forma categórica com verbos na terceira pessoa do singular.

Semelhante ao que foi observado em Cabo Verde-MG, percebe-se que, em Muzambinho-MG, a concordância verbal também é variável quando os indivíduos utilizam a variante *nós*: 50% concordam o verbo com o pronome conforme as gramáticas normativas prescrevem (ALMEIDA, 1999; CUNHA E CINTRA, 2008), enquanto 50% não realizam a concordância de acordo com tais prescrições. Além disso, verifica-se que os muzambinhenses também realizam a concordância verbal categoricamente com verbos na terceira pessoa do singular quando utilizam a variante *a gente*.

Analisando tais resultados, nota-se que o percentual de não concordância com a variante *nós* é muito elevado nessas cidades, ainda mais se compararmos com outras regiões do Brasil, como o interior do estado de São Paulo, em que o percentual é de apenas 15,8% (RUBIO, 2012). Sob essa perspectiva, pode-se pensar que, devido ao caráter *rurbano* (BORTONI-RICARDO, 2004) dessas comunidades, a variedade linguística falada pelos seus moradores apresenta alguns traços típicos do falar rural, como a grande presença de verbos com ausência de concordância junto ao pronome *nós* (AMARAL, 1976 [1920]; FOEGER, 2014).

Outro aspecto que pode estar relacionado a esse alto percentual de não concordância com o pronome *nós* é a presença das variantes fonológicas nessas comunidades. Sendo assim, acreditamos que será importante analisá-las, pois há a hipótese de que a concordância verbal com *nós* varia de acordo com a variante fonológica utilizada, visto que os perfis sociais que usam essas formas são bem distintos, como pôde ser observado na subseção anterior; e isso pode estar se refletindo no uso da concordância verbal. As análises com as quatro formas pronominais em Cabo Verde-MG e em Muzambinho-MG estão presentes no Gráfico 17:

Gráfico 17- Proporção do uso dos pronomes segundo a concordância verbal (variável quaternária)



Fonte: própria

Através destes gráficos, é possível observar que há certas semelhanças e diferenças no comportamento linguístico das duas cidades estudadas. Em ambas, os falantes concordam categoricamente o verbo com o pronome de modo adequado quando usam a variante *nós*. Isso pode estar relacionado ao perfil social dos indivíduos que utilizam essa forma, haja vista que, de acordo com os resultados extralinguísticos, *nós* está restrita ao falar de pessoas das faixas etárias 2 ou 3 que possuem ensino superior. Essas evitam conjugar o verbo na terceira pessoa do singular quando usam *nós*, provavelmente, porque esse fenômeno é estigmatizado no português brasileiro (RUBIO, 2012).

Quanto à variante *nóis*, verifica-se que, tanto em Cabo Verde-MG quanto em Muzambinho-MG, o percentual de não concordância verbal é maior do que o de concordância, 55% e 56%, respectivamente. Além dessas semelhanças, verifica-se que há diferenças entre essas comunidades em relação à concordância com a variante *nói*. Em Cabo Verde, há um equilíbrio: 50% concordam adequadamente o verbo com esse pronome; e 50% não concordam

esses termos. Em contrapartida, em Muzambinho-MG, o percentual de ausência de concordância verbal é mais elevado, 70%.

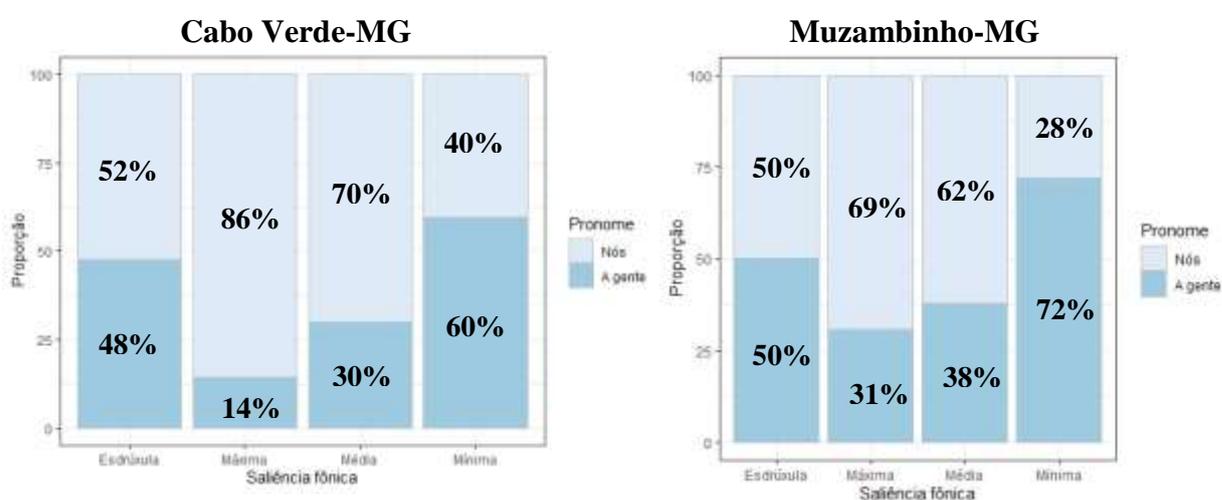
Baseando-se nesses resultados, percebe-se que, apesar de haver algumas diferenças, os percentuais de ausência de concordância com as variantes *nóis* e *nói* são bem elevados em ambos os municípios. Considerando que essas formas pronominais estão mais vinculadas ao campo, como pôde ser visto no questionário de reações subjetivas, acredita-se que os indivíduos tendem a utilizá-las mais com verbos na terceira pessoa do singular, posto que isso também parece ser um traço associado à zona rural nessas cidades.

c) Saliência fônica

Segundo Naro, Gorski e Fernandes (1999), à medida que o nível de saliência entre as formas verbais aumenta, o uso da desinência verbal de primeira pessoa do plural também aumenta, podendo ser com a variante *nós* ou com *a gente*. Contudo, em contextos de saliência esdrúxula, em que as formas verbais são proparoxítonas, os falantes tendem a evitar o uso da desinência da primeira do plural (RUBIO, 2012). Desse modo, nesses contextos, há uma preferência pelo uso da desinência verbal de terceira pessoa do singular junto do pronome, seja com a forma *nós* ou com *a gente*.

Com o objetivo de investigar se isso será observado também nas comunidades estudadas, analisamos essa variável e percebemos que, em ambas, ela foi estatisticamente significativa. Os resultados dessa análise podem ser vistos no Gráfico 18:

Gráfico 18 - Proporção do uso dos pronomes segundo a saliência fônica



$$\chi^2 = 24.36 (3), p < 0.001$$

$$\chi^2 = 34.963 (3), p < 0.001$$

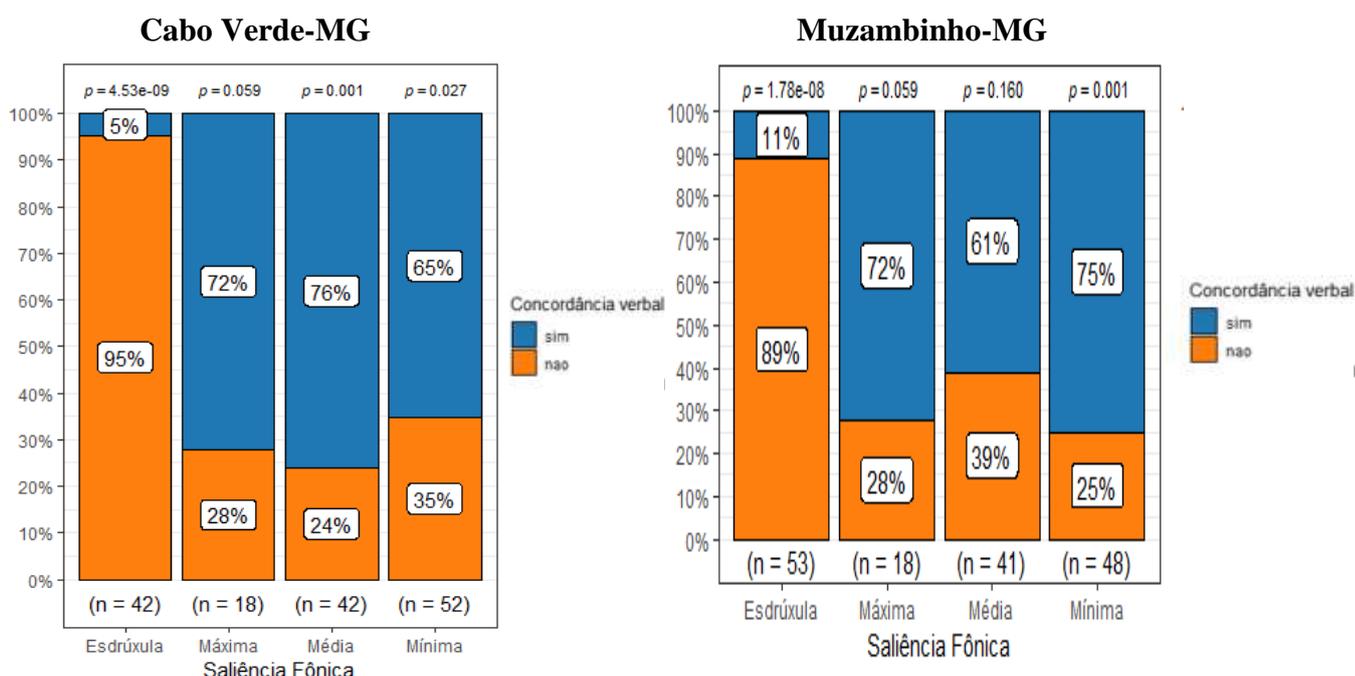
Fonte: própria

Em Cabo Verde-MG, verifica-se que a nossa hipótese inicial se confirma, dado que, nos casos de maior saliência fônica, saliência máxima (Ex: veio/viemos) e média (Ex: cantou/cantamos), há uma preferência pela variante *nós*, 86% e 70%, respectivamente. Por outro lado, nos casos de menor saliência fônica, saliência mínima (Ex: lê/ lemos), há um favorecimento de *a gente* (60%). Ademais, observa-se que, nas ocorrências de saliência esdrúxula (Ex: fazia/ fazíamos), as proporções de uso das variantes estão equilibradas, havendo 52% de *nós* e 48% de *a gente*.

Assim como foi em Cabo Verde-MG, nota-se que, em Muzambinho-MG, a variante *nós* é mais utilizada nos casos de saliência máxima (69%) e de saliência média (62%), ao passo que a variante *a gente* é mais usada nas ocorrências de saliência mínima (72%). Outra semelhança entre os municípios em questão são os casos de saliência esdrúxula, em que as proporções das variantes estão equilibradas, 50% de *nós* e 50% de *a gente*.

Considerando que os falantes buscam evitar formas verbais proparoxítonas (RUBIO, 2012), acreditamos que esse uso equilibrado entre as variantes nos casos de saliência esdrúxula se deva ao fato de que os verbos poderão estar conjugados na terceira pessoa do singular. A fim de verificar se essa hipótese se confirma, realizamos um cruzamento entre saliência fônica e concordância verbal, como pode ser visto no Gráfico 19:

Gráfico 19 - Proporção do uso de *nós* segundo a saliência fônica e a concordância verbal



Fonte: própria

A partir do gráfico de Cabo Verde-MG, percebe-se que, nos casos de saliência esdrúxula, os verbos que acompanham a variante *nós*, na maioria das ocorrências (95%), não estão conjugados de acordo com o que prescrevem as gramáticas normativas (ALMEIDA, 1999; CUNHA E CINTRA, 2008), sendo flexionados na terceira pessoa do singular. Investigando o perfil social dos falantes que empregaram essa estratégia, verificou-se que eles são de diferentes níveis de escolaridade e possuem diversos tipos de vínculo com o campo, o que pode sinalizar tal tipo de construção seja comum no falar dessa comunidade.

Em contrapartida, notou-se que houve apenas um cabo-verdense que realizou a concordância verbal de forma adequada nessas ocorrências, sendo esse um homem adulto (faixa etária 2- 35 a 50 anos) com ensino superior. Ao analisar qual variante fonológica foi utilizada nesses casos, percebeu-se que esse informante usou somente *nós*, o que reforça, ainda mais, que essa forma está restrita ao uso de certos grupos sociais nas comunidades em questão.

Em Muzambinho-MG, observa-se também que, nos casos de saliência esdrúxula, a maioria das ocorrências de *nós* (89%) são com verbos que não estão conjugados conforme a prescrição das gramáticas normativas (ALMEIDA, 1999; CUNHA E CINTRA, 2008). Do mesmo modo que foi verificado em Cabo Verde-MG, os muzambinhenses que usaram essa estratégia possuem características sociais distintas, opondo-se àquele que conjugou os verbos na primeira pessoa do plural. Esse indivíduo possui o mesmo perfil que o cabo-verdense que realizou a concordância de forma adequada, um homem da faixa etária 2 (35 a 50 anos) com graduação; e utilizou a mesma variante fonológica nessas ocorrências: *nós*⁶².

Portanto, com base nesses resultados, conclui-se que, nas comunidades de fala investigadas, à medida que o nível de saliência fônica entre as formas verbais aumenta, aumenta também o uso da forma pronominal *nós*, sendo essa favorecida pelas saliências máxima e média, como tem mostrado a literatura sobre o fenômeno em questão (OMENA, 1986; LOPES, 1993; RUBIO, 2012; VIANNA, LOPES, 2015). Por conseguinte, quanto menor o nível de saliência fônica entre as formas verbais, maior o uso da variante *a gente*, sendo essa favorecida pela saliência mínima.

Nos casos de saliência esdrúxula, ao contrário do que Rubio (2012) observou na fala do interior paulista, percebe-se que, apesar do percentual de uso de *a gente* ser maior do que nos casos de saliências média e máxima, não há favorecimento dessa variante para evitar verbos proparoxítonos, visto que *nós* e *a gente* estão sendo usadas de forma equilibrada nas duas

⁶² O fato de que há indivíduos específicos que estão influenciando esses resultados tanto em Cabo Verde-MG quanto em Muzambinho-MG aponta para a necessidade de se desenvolver modelos de efeitos mistos em estudos futuros, a partir de um *corpus* mais robusto.

idades analisadas. Isso acontece, possivelmente, porque os verbos que acompanham o pronome *nós* estão, em sua maioria, conjugados na terceira pessoa do singular, tornando indiferente a escolha das variantes do ponto de vista da forma verbal.

Entretanto, há uma diferença de valores sociais que parecem estar vinculados a essas estratégias: a opção pelo emprego da variante *a gente* junto de verbos com saliência esdrúxula é mais usada por indivíduos de comunidades com características mais urbanas, já que, para eles, o emprego de *nós* com verbos na terceira pessoa do singular é estigmatizado socialmente (RUBIO, 2012). Logo, como uma forma de evitar desvios de concordância verbal, eles tendem a utilizar mais *a gente*. Por outro lado, moradores de áreas rurais ou *rurbanas* (BORTONI-RICARDO, 2014) simplesmente utilizam mais *nós* com verbos conjugados na terceira pessoa do singular, pois, nesses locais, parece não haver tanto estigma associado ao uso dessa estratégia, como foi possível observar em Cabo Verde-MG e em Muzambinho-MG.

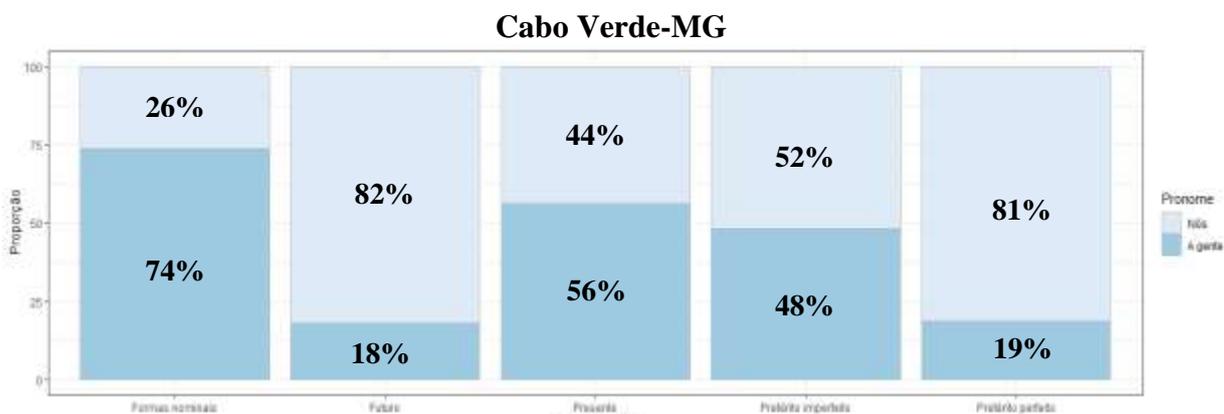
d) Tempo verbal

De acordo com Omena (1986), a variante *a gente* está relacionada a tempos verbais menos definidos, como o pretérito imperfeito, o presente do indicativo e as formas nominais (gerúndio e infinitivo). Em contrapartida, a variante *nós* está relacionada a tempos verbais com valores mais definidos, como o pretérito perfeito e o futuro. Outrossim, é importante ressaltar que a literatura sobre o fenômeno em questão (OMENA, 1986; RUBIO, 2012) aponta que, para desfazer a ambiguidade entre as formas verbais de primeira pessoa do plural no presente e no pretérito, está ocorrendo uma certa especialização dos pronomes: a variante *a gente* está sendo mais utilizada no tempo presente, ao passo que o *nós* está sendo mais usada no pretérito.

Para verificar se essas distribuições também estarão presentes nos municípios estudados, investigamos essa variável e observamos que ela foi estatisticamente significativa em ambas comunidades. O Gráfico 20 mostra os resultados de Cabo Verde-MG⁶³:

⁶³ Na discussão dessa variável, não apresentaremos os gráficos de Cabo Verde-MG e de Muzambinho-MG lado a lado, porque isso estava interferindo na resolução das imagens.

Gráfico 20 - Proporção do uso dos pronomes segundo o tempo verbal

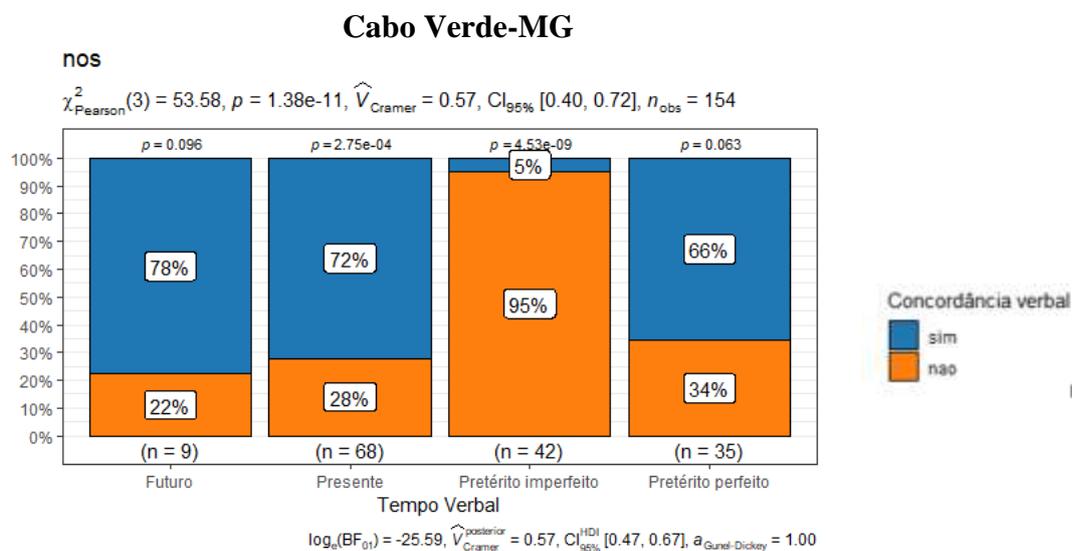


Fonte: própria

$$\chi^2 = 29.24 (4), p < 0.001$$

Por meio deste gráfico, percebe-se que, assim como em Omena (1986), a variante *nós* é favorecida por tempos verbais com valores mais definidos: futuro e pretérito perfeito, 82% e 81%, respectivamente. Em relação à variante *a gente*, nota-se que as formas nominais e o presente do indicativo, tempos verbais com valores menos definidos, favorecem o uso desse pronome, 74% e 56%, respectivamente, como havia sido previsto pela nossa hipótese inicial. No entanto, ao contrário do que foi observado em outros estudos sobre o fenômeno em questão, as variantes são usadas de forma equilibrada quando o verbo está no pretérito imperfeito, 52% de *nós* e 48% de *a gente*.

De acordo com a literatura (OMENA, 1986; RUBIO, 2012), o pretérito imperfeito favoreceria o uso de *a gente* não só porque ele é um tempo verbal com um valor menos definido, mas também porque os falantes tendem a evitar utilizar formas verbais proparoxítonas. Nesse sentido, como a maioria dos verbos conjugados na primeira pessoa do plural nesse tempo verbal seria proparoxítona, os indivíduos evitam utilizar a desinência -mos. Levando isso em consideração, esperamos que, no pretérito imperfeito, os verbos que acompanham a variante *nós* estejam conjugados na terceira pessoa do singular. Para verificar tal hipótese, realizamos o cruzamento entre tempo verbal e concordância verbal, como pode ser observado no Gráfico 21:

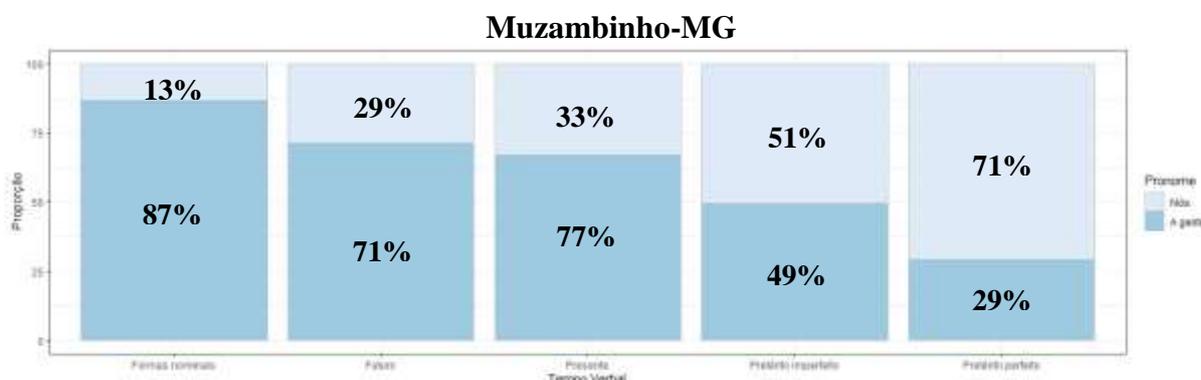
Gráfico 21 - Proporção do uso do *nós* segundo o tempo verbal e a concordância verbal

Fonte: própria

Este cruzamento mostra que, no pretérito imperfeito, os cabo-verdenses, ao utilizarem a variante *nós*, não realizam a concordância verbal conforme a prescrição das gramáticas normativas (ALMEIDA, 1999; CUNHA E CINTRA, 2008) em 95% das ocorrências, conjugando os verbos na terceira pessoa do singular. Tal fato pode explicar o porquê, nesse tempo verbal, há um uso equilibrado das variantes *nós* e *a gente*, já que os verbos, na maioria das ocorrências, apresentam a mesma desinência para ambas as formas.

Em Muzambinho-MG, essa variável também foi significativa do ponto de vista estatístico. O Gráfico 22 mostra os resultados dessa análise na cidade em questão:

Gráfico 22 - Proporção de uso dos pronomes segundo o tempo verbal



Fonte: própria

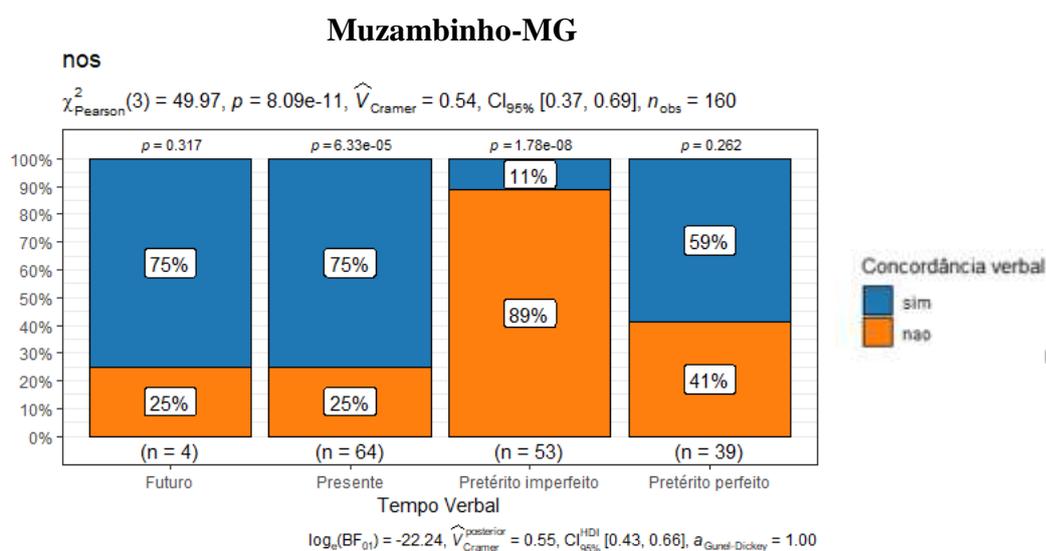
$$\chi^2 = 34.448 (4), p < 0.001$$

Neste município, nota-se que somente o pretérito perfeito favorece o uso da variante *nós* (71%), tempo verbal que, para Omena (1986), possui um valor mais definido. Outro tempo verbal que tem esse valor é o futuro, porém, ele está favorecendo o uso de *a gente* (87%), o que vai no sentido oposto ao que foi observado na cidade anterior. Em relação ao papel desse tempo verbal no fenômeno em questão, não podemos fazer afirmações categóricas, uma vez que a sua frequência foi muito baixa tanto em Cabo Verde-MG (9) quanto em Muzambinho-MG (4).

Outrossim, percebe-se que a variante *a gente* foi favorecida, nessa comunidade, por tempos verbais com valores menos definidos, como as formas nominais (87%) e o presente (77%). Contudo, tal como foi observado em Cabo Verde-MG, no pretérito imperfeito, tempo verbal que também possui esse valor, há uma distribuição equilibrada das variantes, 51% de *nós* e 49% de *a gente*. Tendo em vista que, nesse tempo verbal, quando os verbos são conjugados na primeira pessoa do plural, eles se tornam proparoxítonos, há uma tendência dos falantes de evitarem utilizar a desinência – mos e conjugar o verbo na terceira pessoa do plural. Por isso, esperamos que a variante *nós* esteja acompanhada de verbos com desinência Ø.

Com o objetivo de verificar se isso será verificado em Muzambinho-MG, tal como já observamos em Cabo Verde, cruzamos essa variável com a concordância verbal, como pode ser observado no Gráfico 23:

Gráfico 23 - Proporção do uso do nós segundo o tempo verbal e a concordância verbal



De modo semelhante ao que foi verificado em Cabo Verde-MG, este cruzamento indica que, no pretérito imperfeito, o pronome *nós* está acompanhado de verbos que não estão conjugados de acordo com as normas prescritas pelas gramáticas normativas (ALMEIDA,

1999; CUNHA E CINTRA, 2008) em 89% das ocorrências. Sendo assim, tais resultados mostram a possível causa de haver um uso equilibrado das variantes nesse tempo verbal, haja vista que, na maioria das vezes, os verbos apresentam a mesma desinência.

Considerando esses aspectos, conclui-se que, em ambas comunidades, o presente favorece o uso da variante *a gente*, ao passo que o pretérito perfeito favorece o uso de *nós*. Esses resultados confirmam a hipótese inicial de que, para desfazer a ambiguidade entre as formas verbais de primeira pessoa do plural no presente (Ex: *nós cantamos* hoje) e no pretérito perfeito (Ex: *nós cantamos* ontem), está acontecendo uma certa especialização dos pronomes nesses municípios.

4.2.3 Síntese dos resultados

Em resumo, pode-se perceber que, embora essas análises univariadas não nos permitam fazer afirmações categóricas sobre a variação na expressão da primeira pessoa do plural nas comunidades de fala investigadas, elas nos permitiram observar algumas tendências em relação ao comportamento linguístico desses moradores. De um modo geral, observou-se que estabelecer localmente os significados sociais das formas em variação foi fundamental para compreender os padrões de uso dessas cidades; e verificar que eles são diferentes daqueles constatados em outras regiões do país (OMENA, 1986; LOPES, 2002, 2003, 2007; RUBIO, 2012; VIANNA, LOPES, 2015).

Quanto às variáveis extralinguísticas, percebeu-se que Cabo Verde-MG e Muzambinho-MG, apesar de serem cidades bem próximas, se diferenciam no uso das variantes analisadas, o que nos motivou a estudá-las separadamente. Possivelmente, as diferenças culturais e educacionais que há entre elas, se refletem não só grau de urbanização, como também na variedade linguística falada pelos indivíduos. Nesse contexto, observou-se que, em Muzambinho-MG, o uso de *a gente* é mais frequente do que em Cabo Verde-MG. Isso pode estar acontecendo porque essa cidade é maior e mais urbanizada; e os seus moradores, em relação aos cabo-verdenses, se reconhecem mais com os traços [- rurais] e [+ urbanos] associados ao uso de *a gente*, mesmo que isso ocorra de modo inconsciente.

Além disso, verificou-se que, em ambas cidades, a variante *nós* é pouco utilizada, estando restrita ao falar de pessoas com ensino superior das faixas etárias 2 (35- 50 anos) e 3 (mais de 60 anos). No que se refere à variante *a gente*, notou-se que ela é mais utilizada por indivíduos das faixas etárias 2 (35- 50 anos) e 3 (mais de 60 anos) tanto em Cabo Verde-MG quanto em Muzambinho-MG. Por outro lado, a variante *nói* é mais utilizada pelos jovens (faixa etária 1-

18 a 25 anos), o que pode sinalizar que está ocorrendo, nessa região, uma mudança em progresso no sentido contrário ao que foi observado em outros estudos sociolinguísticos (OMENA, 1986; LOPES, 2002, 2003, 2007; RUBIO, 2012; VIANNA, LOPES, 2015); ou um caso de gradação etária ligado à inserção no mercado de trabalho. Entretanto, para verificar se o fenômeno está em processo de mudança ou em variação estável, é necessário realizar um estudo em tempo real nessas comunidades.

Como foi possível notar nos resultados do questionário de reações subjetivas, as variantes *nói* e *a gente* parecem se opor também no *Continuum de prestígio social*: *a gente* está mais próxima do polo de [+ prestígio], enquanto *nói* está mais próxima do polo de [- prestígio]. Essa oposição nos ajuda a compreender o uso de tais formas por homens e mulheres cabo-verdenses, visto que as mulheres, por estarem mais sujeitas às pressões normativas tanto em casa quanto no trabalho, tendem a usar mais *a gente*; e os homens usam mais *nói*. Em Muzambinho-MG, esses valores sociais atribuídos às variantes nos permitiram entender o comportamento de indivíduos mais ou menos escolarizados: aqueles sem ensino superior utilizam mais *nói*, ao passo que aqueles com graduação usam mais *a gente*.

Sobre as variáveis linguísticas, percebeu-se que, em ambas as comunidades, a variante *nós* é mais utilizada pelos indivíduos para fazer referências específicas ou genéricas definidas. Em contrapartida, a forma *a gente*, apesar de já estar sendo usada em contextos em que o referente é mais definido, ainda é mais utilizada para se referir a sujeitos genéricos indefinidos, veiculando o seu valor de origem. Em relação à concordância verbal, verificou-se que, nessa região, não houve casos de *a gente* com a desinência – mos, portanto, apenas a concordância com *nós* foi variável, havendo diferenças dependendo da variante fonológica usada.

Outrossim, observou-se que, à medida que o nível de saliência fônica entre as formas verbais aumenta, aumenta também o uso de *nós* nas duas comunidades de fala investigadas. Em consequência disso, quanto menor o nível de saliência fônica entre os verbos, maior o uso da variante *a gente* pelos indivíduos. Nos casos de saliência esdrúxula, as variantes *nós* e *a gente* estão sendo usadas equilibradamente; e os verbos que acompanham a forma *nós* estão, sobretudo, conjugados na terceira pessoa do singular.

Por fim, constatou-se que, em Cabo Verde-MG, há um favorecimento de *nós* quando os verbos estão no futuro e no pretérito perfeito, enquanto *a gente* é favorecida quando eles estão em suas formas nominais e no presente. Já quando os verbos estão no pretérito imperfeito, há um uso equilibrado das variantes. Tais distribuições também foram observadas em Muzambinho-MG, com exceção do futuro, pois esse tempo verbal favoreceu o uso de *a gente*.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, foi possível perceber que, embora a alternância entre *nós* e *a gente* já tenha sido amplamente estudada nos últimos trinta anos (VIANNA, LOPES, 2015), nas comunidades em questão, ela apresenta contornos específicos, o que nos motivou a investigá-la. Por meio de uma análise etnográfica dessa região, verificamos que elas apresentam alguns traços rurais, os quais se refletem tanto no grau de urbanização dessas cidades, como também na variedade linguística falada pelos seus moradores.

Essa relação com a zona rural também pôde ser verificada durante vários momentos das entrevistas sociolinguísticas. No questionário de reações subjetivas, os informantes usaram diversos adjetivos associados ao campo para descrever o seu modo de falar (Momento 1) e os falantes dos estímulos apresentados (Momento 2). Nesse contexto, observamos que houve uma oposição entre as variantes *nói* e *a gente*: enquanto, no primeiro áudio, em que houve a produção de *nói*, o falante foi descrito como pouco escolarizado, caipira e morador de bairros rurais, no segundo, ao usar *a gente*, ele passa a ser caracterizado como escolarizado, de classe social alta e morador de condomínios fechados.

Ademais, nota-se que, ao mesmo tempo que, no primeiro áudio (*nói*), esse falante foi descrito como apavorado e molecão, no segundo (*a gente*), ele foi caracterizado como sereno e maduro. Em relação ao terceiro áudio, em que a variante *nóis* foi utilizada, observa-se que os adjetivos usados para descrever o falante não parecem se opor às outras formas pronominais. De um modo geral, eles remetem aos traços [+ rural] e [-urbano], mas foram mais genéricos do que aqueles usados para caracterizar o falante do primeiro áudio (*nói*). Logo, percebe-se essas variantes apontam, indiretamente, para uma gama de atribuições sociais que estão ideologicamente relacionadas (ECKERT, 2008).

No terceiro momento do questionário, em que analisamos as crenças dos indivíduos em relação ao uso dessas formas, verificou-se que todos eles disseram que as três variantes são utilizadas pelos moradores de suas cidades natais. Entretanto, de acordo com os participantes, *a gente* é mais usada em situações formais e com pessoas com as quais eles não têm tanta intimidade, ao passo que *nói* e *nóis* são mais usadas em contextos informais e com pessoas mais íntimas. Ainda que a variante *nós* não tenha sido analisada nesse questionário, os informantes falaram sobre ela, afirmando que essa forma está restrita ao falar de pessoas que possuem um maior conhecimento da norma padrão da língua.

Com base nesses significados e valores localmente estabelecidos, investigamos os padrões de uso das comunidades em questão. A partir dessa investigação, percebemos algumas

tendências sociais que parecem se diferenciar daquelas apontadas por outros estudos sociolinguísticos (OMENA, 1986; LOPES, 2002, 2003, 2007; RUBIO, 2012; VIANNA, LOPES, 2015) sobre a variação na expressão da primeira pessoa do plural. Tais tendências se devem, principalmente, ao fato de que essas cidades podem ser consideradas *áreas rurbanas* (BORTONI-RICARDO, 2004); e a maioria de seus moradores parecem se identificar, de certo modo, com o meio rural.

Em relação ao local de nascimento dos informantes, verificou-se que, os muzambinhenses utilizam mais *a gente* do que os cabo-verdenses. Tal fato pode estar ocorrendo porque Muzambinho-MG é uma cidade maior e com características mais urbanas do que Cabo Verde-MG, por isso, os seus moradores se identificam, mesmo que inconscientemente, mais com os traços [- rurais] e [+ urbanos] associados ao uso de *a gente*. Desse modo, percebe-se que, apesar de esses municípios serem vizinhos, eles se diferem quanto ao uso das variantes estudadas.

Outro fato observado é que, em ambas as cidades, não está ocorrendo uma mudança em progresso em favor da implementação de *a gente*, visto que essa forma é mais usada por indivíduos das faixas etárias 2 (35- 50 anos) e 3 (mais de 60 anos), enquanto *nói* é mais utilizada pelos jovens (faixa etária 1- 18 a 25 anos). Esses resultados podem mostrar que: (i) está acontecendo uma mudança em progresso no sentido contrário ao que foi hipotetizado; ou (ii) é um caso de gradação etária que está relacionado à inserção do indivíduo no mercado de trabalho. No entanto, para poder fazer afirmações categóricas quanto ao papel da faixa etária nessa região, é importante realizar estudos em tempo real.

No que se refere à variante *nós*, notou-se que ela está restrita ao falar de pessoas das faixas etárias 2 (35- 50 anos) e 3 (mais de 60 anos) que possuem ensino superior, sendo a forma com maior prestígio social nessas comunidades. Assim como *nós*, *a gente* também está mais próxima do polo de [+ prestígio] e, por outro lado, *nói* está mais próxima do polo de [-prestígio] no *Continuum de prestígio social*. Essa oposição entre as variantes nos auxiliou a entender o motivo pelo qual as mulheres de Cabo Verde-MG usam mais *a gente* do que os homens, já que elas, devido ao machismo presente tanto em casa quanto no ambiente trabalho, estão mais sujeitas às pressões normativas do que eles. Em Muzambinho-MG, tais valores nos ajudaram a compreender o papel da variável escolaridade, em que observamos que pessoas sem graduação usam mais *nói*, ao passo que aquelas com graduação usam mais *a gente*.

Quanto às variáveis linguísticas, verificou-se que, tanto em Cabo Verde-MG quanto em Muzambinho-MG, *nós* é mais utilizada para se referir a sujeitos específicos ou genéricos definidos, enquanto *a gente* é mais usada para se referir a sujeitos genéricos e indefinidos. Sobre a concordância verbal, percebeu-se que não houve realizações da variante *a gente* acompanhada

de verbos com a desinência – mos em ambas as cidades. Em contrapartida, a concordância verbal com as variantes fonológicas de *nós* foi variável: *nós* foi utilizada categoricamente com verbos conjugados na primeira pessoa do plural; e *nói* e *nóis* foram acompanhadas de verbos com e sem a desinência – mos.

Além disso, notou-se que, quanto menor o nível de saliência fônica entre os verbos, maior o uso de *a gente* pelos indivíduos. Quando a saliência é esdrúxula, cabo-verdenses e muzambinhenses usam as variantes de forma equilibrada, mas os verbos que acompanham a forma *nós* estão, majoritariamente, na terceira pessoa do singular. Quanto ao tempo verbal, observou-se que a variante *nós* é mais usada, em Cabo Verde-MG, quando os verbos estão no futuro e no pretérito perfeito; e *a gente* é mais utilizada quando eles estão em suas formas nominais e no presente. Em Muzambinho-MG, essas distribuições também foram observadas, com exceção do futuro, visto que, nesse tempo verbal, os indivíduos usaram mais *a gente*.

Portanto, observa-se que, apesar das diferenças sociais, Cabo Verde-MG e Muzambinho-MG apresentam comportamentos linguísticos semelhantes. Outrossim, por mais que esse fenômeno já tenha sido extensivamente analisado no português brasileiro, investigá-lo nessas comunidades nos permitiu perceber certos aspectos que ainda não haviam sido apontados pela literatura sociolinguística, como os olhares para as variantes fonológicas e os seus diferentes significados sociais.

6. REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, N. M. de. *Gramática metódica da Língua Portuguesa*. 44^a. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.
- ALMEIDA, C. F. de; PEREIRA, RENATA, B. A rede urbana no oeste do Rio Sapucaí - Cabo Verde: arraial, freguesia e vila. *Urbana* - Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de estudos da cidade, v. 10, p. 131-159, 2018.
- AMARAL, A. *O Dialeto caipira: gramática e vocabulário*. 3. Ed. São Paulo: HUCITEC-SCET-CEC, [1920] 1976. 195 p.
- AMARAL, M. Ditongação diante de S. In: BISOL, L.; BATTISTI, E. (Org.). *O português falado no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014, p. 79-88.
- AQUINO, M. de. F. *A ditongação na comunidade de João Pessoa: uma análise variacionista*. 1988. 84f. Dissertação (Mestrado em Letras) -Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, João Pessoa, 1998.
- _____. Uso variável do ditongo em contexto sibilante. In: HORA, D. da. (Org.). *Estudos sociolinguísticos: perfil de uma comunidade*. Santa Maria: Palotti, 2004. p. 45-54.
- BATTISTI, E. Redes sociais, identidade e variação linguística. In: FREITAG, R. M. K. (ed.), *Metodologia de coleta e manipulação de dados em Sociolinguística*, São Paulo: Blucher, 2014, p. 79-98.
- BENFICA, S. de. A. *Os “nós” da concordância verbal na fala capixaba*. Artigo apresentado como requisito parcial de nota para conclusão de disciplina de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal do Espírito Santo. 2013.
- BISOL, L. *Ditongos derivados*. DELTA, São Paulo, v.10, n.esp., p.123-140, 1994.
- BRITO, E. P. O apagamento do /s/ pós-vocálico numa favela do Rio de Janeiro. *A Cor das Letras, [S. l.]*, v. 21, n. 1, p. 155-171, 2020.
- BORTONI-RICARDO, S.M. *Educação em língua materna: A Sociolinguística na sala de aula*, São Paulo: Parábola, 2004.
- _____. *Nós chegemu na escola, e agora?* Sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola, 2005.
- _____. *Do campo para a cidade: Estudo sociolinguístico de migração e redes sociais*, São Paulo: Parábola, 2011.
- BOURDIEU, P. *Outline of a theory of practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.
- _____. *A distinção: Crítica social do julgamento*. São Paulo: EDUSP; Porto Alegre: Zouk, 2015 [1979/1982].
- BUCHOLTZ, M.; HALL, K. Theorizing identity in language and sexuality research. In: *Language in Society*. 33(4): 2004. p. 469-515.

CABO Verde Oficial. Instagram: @caboverdemgoficial. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CHi2qH6Dwzf/>. Acesso em: 10 set. 2021.

CALLOU, D.; LEITE, Y.; MORAES, J. Processos em curso no Português do Brasil: a ditongação. In: HORA, D. da; COLLISCHONN, G. *Teoria lingüística: fonologia e outros temas*. João Pessoa: Editora Universitária, 2003. p. 232-250.

CALLOU, D.; MARQUES, M. H. D. O s implosivo na pronúncia do Rio de Janeiro. *Littera*, v. 5, p. 9-137, 1975.

CALVET, L. J. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2004.

CÂMARA Jr, J. M. Morfologia Pronominal. In: CÂMARA Jr, J. M. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1976. p. 89-113.

_____. *Dicionário de linguística e gramática: referente à língua portuguesa*. 13.ed. Petrópolis: Vozes, 1986

_____. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 34. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

CAMPBELL-KIBLER, K. The nature of sociolinguistic perception. *Language Variation and Change*, v. 21, n. 1, p. 135-56, abr. 2009.

_____. Sociolinguistics and perception. *Language and Linguistics Compass* 4(6). 377-389, 2010.

CANDIDO, A. *Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. 12. ed. São Paulo: Edusp, 2017, 334 p.

CARDOSO, S. A. M. A dialectologia no Brasil: Perspectivas. *Delta*. vol. 15. Nº Especial, p. 233-255, 1999. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44501999000300010&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 01 dez. 2021.

CARVALHO, A. de. *A Freguesia de Nossa Senhora da Assumpção do Cabo Verde e sua história*. Cabo Verde: Edição do autor/Gráfica Jundiaí, 1998, p. 342.

CHAVES, R. G. *A Redução/ Desnasalização de Ditongos Nasais Átonos Finais e a Marcação Explícita de CVP6: Um Estudo de Correlação*. 2017. Tese (Doutorado) –Universidade Federal de Santa Catarina.

CHAMBERS, J. K. "Patterns of Variation including Change." In: CHAMBERS, J.K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N (eds). *The Handbook of Language Variation and Change*. Blackwell Publishing, 2003.

COELHO, R.F. *É nós na fita! Duas variáveis linguísticas na periferia de São Paulo*. (O pronome de primeira pessoa do plural e a marcação do plural no verbo). Dissertação de mestrado. USP: 2006.

COELHO, I. et al. *Para conhecer a Sociolinguística*, São Paulo: Contexto, 2015.

CUNHA, C; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2008.

CYRANKA, L. F. M. Evolução dos estudos linguísticos. *Revista Práticas de Linguagem*. v. 4, n. 2, jul./dez. 2014. p. 161-198.

DIAS, V. H. S. *Variação semântico-lexical de atividades agropastoris em área fronteira entre São Paulo e Minas Gerais*. 118 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa), Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2021.

ECKERT, P. & McCONNELL-GINET, S. “Think practically and look locally”. *Annual Review of Anthropology*, vol. 21(21), 461-90, 1992.

ECKERT, P. Variation and the indexical field. *Journal of Sociolinguistics*, v. 12, n. 4, p. 453-476, 2008.

_____. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of variation. *Annual Review of Anthropology*, vol. 41, p. 87–100, 2012.

FARACO, C. A. Estudos Pré-saussureanos. In: MUSSALIM, F. e BENTES, A. C. *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2004.

FOEGER, C. C. *A primeira pessoa do plural no português falado em Santa Leopoldina*, 2014. 158 fls. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

FREITAG, R. M. K. Uso, crença e atitudes na variação na primeira pessoa do plural no Português Brasileiro. *D.E.L.T.A.*, n. 32, v.4, p. 889-917, 2016.

FREITAG, R. M. K.; MARTINS, M. A.; TAVARES, M. A. 2012. *Banco de dados sociolinguísticos do português brasileiro e os estudos de terceira onda: potencialidades e limitações*, Alfa, 56: 917-944.

FREITAG, R. M. K. (Re)discutindo sexo/gênero na sociolinguística. In: FREITAG, R.M.K.; SEVERO, C. G. (orgs.). *Mulheres, linguagem e poder*. Estudos de gênero na sociolinguística brasileira. São Paulo: Blucher, p. 17–73, 2015.

GARCIA, B. L. *Identidade social e atitude linguística: um estudo da fala de Bonfim Paulista*. 157 f. 2018. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2018.

GASPAR, T. de S. *A escravidão em Cabo Verde, em Muzambinho e em outras localidades da Freguesia de N. S. da Assumpção na segunda metade do século XVIII*. Anais do I Colóquio de História Local e Regional. Muzambinho, 2017 (a). No Prelo.

_____. *A propósito da obra ‘Freguesia de Nossa Senhora da Assumpção do Cabo Verde e sua história*. Anais do I Colóquio de História Local e Regional. Muzambinho, 2017 (b). No Prelo.

_____. Origens de Muzambinho: disputas passadas, conflitos presentes. *Muzambinho Notícias*, Muzambinho-MG, 04 jun. 2018. Disponível em:

https://www.academia.edu/37172403/Origens_de_Muzambinho_disputas_passadas_conflitos_presentes. Acesso em: 01 jul. 2021.

_____. *Sertões do Cabo Verde, do Jacuí e do Rio Pardo: quilombos, conquista e colonização na segunda metade do século XVIII* – notas de uma pesquisa em andamento. Anais do XXII Encontro Regional da ANPUH-MG. 2020. (No prelo). Disponível em: https://www.academia.edu/44446009/SERT%C3%95ES_DO_CABO_VERDE_DO_JACU%C3%8D_E_DO_RIO_PARDO_quilombos_conquista_e_coloniza%C3%A7%C3%A3o_na_segunda_metade_do_s%C3%A9culo_XVIII_notas_de_uma_pesquisa_em_andamento. Acesso em: 01 jul. 2021.

GRYNER, H.; MACEDO, A. V. T. de. A pronúncia do –s pós-vocálico na região Cordeiro – RJ. In: MOLLICA, M. C.; MARTELOTTA, M. E. (orgs.). *Análises lingüísticas: a contribuição de Alzira Macedo*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.

GUIA Muzambinho. Instagram: @muzambinhoguia. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CEzHtDQDf3I/>. Acesso em 10 de setembro de 2021.

GUY, G. R. *Linguistic Variation in Brazilian Portuguese: aspects of phonology, syntax and language history*. Philadelphia, 1981.391f. Dissertação (Doutorado em Linguística) – University of Pennsylvania.

HAUPT, C. *Sibilantes coronais - o processo de ditongação e palatalização em sílabas travadas na fala de florianopolitanos nativos: uma análise baseada na Fonologia de Geometria de Traços*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.126f. dissertação. Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2007.

HEINE, B.; KUTEVA, T. *World Lexicon of Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

HOPPER, P. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. *Approaches to Grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1991.

HORA, D.; AQUINO, M. de F. de S. Da fala para a leitura: análise variacionista. *ALFA: Revista de Linguística*. Vol. 56, N. 3, 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA: *Cidades*. Disponível em: <http://mapasinterativos.ibge.gov.br/sigibge/>. Acesso em: 13 jul. 2017.

KIESLING, S. F. Constructing identity. In: CHAMBERS, J. K.; SCHILLING, Natalie (eds.), *The handbook of language variation and change*. 2 ed. Malden, MA: Wiley-Blackwell, 2013, p. 448–467.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

_____. *Principles of Linguistic Change*. Vol. 1: Internal Factors. Cambridge, MA/Oxford: Blackwell Publishers. 1994

_____. *Principles of Linguistic Change*. Vol. 2: Social Factors. Cambridge, MA/Oxford: Blackwell Publishers. 2001.

_____. *Principles of Linguistic Change*. Vol. 3: Cognitive Factors. Cambridge, MA/Oxford: Blackwell Publishers. 2010.

LAMBERT, W. E. et al. Evaluational reactions to spoken languages. *The Journal of Abnormal and Social Psychology, American Psychological Association*, v. 60, n. 1, 1960.

LAMBERT, W. W.; LAMBERT, W. E. *Psicologia social*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972. v. 3.

LEIRIA, L. L. A ditongação variável em sílabas tônicas finais travadas por /S/. *Organon*. Porto Alegre: UFRGS, v. 14, n. 28 e 29, 2000.

LEMONS, W. P. *A Escola Superior de Educação Física de Muzambinho no Contexto da Educação Física Brasileira*. Dissertação de Mestrado. Campinas, UNICAMP, 1999.

LOPES, C. R. dos S. *Nós e a gente no português falado culto do Brasil*. Rio de Janeiro, 1993. 189f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

_____. (2002). De gente para a gente: o século XIX como fase de transição. In: ALKMIM, T. M. (org.). *Para a História do Português Brasileiro – Novos Estudos*. São Paulo, Humanitas /FLP/USP, p. 25-46.

_____. *A inserção de ‘a gente’ no quadro pronominal do português*. Frankfurt am Main/Madrid: Vervuert/Iberoamericana, 2003, v.18. p.174.

_____. Pronomes pessoais. In: BRANDÃO, Silvia Figueiredo, VIEIRA, Silvia Rodrigues. (Orgs.). *Ensino de gramática: descrição e uso*. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2007, v. 1, p. 103-114.

LORENGIAN-PENKAL, L., ANGELO, C. M. P. *A reorganização do sistema pronominal do português do Brasil*. In: Guairacá. Guarapuava, Paraná. n. 23. p.22-110, 2007.

MAIA, F. P. S. *A variação “nós” / “a gente” no dialeto mineiro: investigando a transição*. 2003. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

MAGALHÃES, O. L.C. S. de. *O papel da educação e do Lyceu dirigido pelo prof. Salathiel de Almeida na configuração do contexto geopolítico, social e econômico de Muzambinho (MG)*. Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, 2008. Dissertação de Mestrado em Educação Matemática.

MARROQUIM, M. *A língua do nordeste*. São Paulo: Nacional, 1934.

MATTOS, S. E. R. *Goiás na primeira pessoa do plural*. Tese de doutorado. UnB: 2013.

MENDES, R. P. S. *O perfil da alternância do sujeito nós e a gente em Santo Antônio de Jesus: um recorte no português popular do interior da Bahia*. 2007. 141f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

MENDONÇA, A. K. *Nós e a gente em Vitória: uma análise sociolinguística da fala capixaba*. Vitória, 2010. 100f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo.

MENDOZA-DENTON, N. Language and Identity. In: CHAMBERS, J.K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (eds) *The Handbook of Language Variation and Change*. Blackwell Publishing, 2002. Blackwell Reference Online.

MENON, O. P. da S. *O Sistema Pronominal do Português do Brasil*. Letras, Curitiba, n. 44, p.91-106, jan. 1995.

MICRORREGIÃO São Sebastiao do Paraíso. Disponível em: <https://www.diretorioderuas.com/BR/Minas-Gerais/Mesorregiao-Sul-Sudoeste-De-Minas/Microrregiao-Sao-Sebastiao-Do-Paraiso/Mapa-Da-Cidade/>. Acesso em: 08 set. 2021.

MILROY, L. *Language and social networks*. Oxford: Blackwell, 1980.

MOTA, J; SILVA, A. O vertical e o horizontal no português falado nas capitais das regiões Sul e Sudeste do Brasil: a ditongação diante de /S/. In: CARDOSO, S; MOTA, J; PAIM, M. (Org.) *Documento 3: Projeto Atlas Linguístico do Brasil*. Salvador, Vento Leste: Universidade do Estado do Federal da Bahia/Instituto de Letras, 2012. p. 117- 135.

NARO, A.J.; GORSKI, E.; FERNANDES, E. *Change without Change*. Language Variation and Change, v.11, n.2, p. 197-211, 1999.

OCHS, E. Indexing Gender. In: A. Duranti and C. Goodwin (eds.), *Rethinking Context: Language as an Interactive Phenomenon*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992. p. 335–358.

OLIVEIRA E SILVA, G.M.; SCHERRE, M.M.P. *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

OMENA, N. P. de. A referência variável da primeira pessoa do discurso no plural. In: Naro, A. J. et al. Relatório final de pesquisa: Projeto Subsídios do Projeto Censo à Educação. Rio de Janeiro: UFRJ. 1986. P.286-319.

OUSHIRO, L. *Identidade na Pluralidade: Avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo*. 2015. 372 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Linguística, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Cap. 2.

_____. *Introdução à Estatística para Linguistas (1.0.0)*. Zenodo. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.5281/zenodo.822070>. Acesso em: 10 jun. 2021.

_____. Conceitos de identidade e métodos para seu estudo na sociolinguística. *Estudos linguísticos e literários*. Salvador, n.62, p. 304-325, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/ell.v0i63.33777>. Acesso em: 20 jul. 2020.

_____. Avaliações e percepções sociolinguísticas. *Estudos Linguísticos* (São Paulo. 1978), [S. l.], v. 50, n. 1, p. 318–336, 2021. DOI: 10.21165/el.v50i1.3100. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/3100>. Acesso em: 20 set. 2021.

PÁGINA Oficial da Prefeitura Municipal de Cabo Verde-MG. Disponível em: <https://www.facebook.com/prefeituracaboverde>. Acesso em: 08 set. 2021.

PICINATO, P.B. “*O novo caipira*”: o olhar do “eu” e do “outro”. 2013 (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara.

_____. *Diga-me como falas e eu direi quem és*: um estudo Sociolinguístico da fala “caipira” na cidade de Sales Oliveira-SP. 2018. 331.f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2018.

PINTO, L.G. *A gente vai, nós vamos, nós vai*: Variação Pronominal e Identidade na região de Muzambinho-MG. 50 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) - Curso de Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2019.

PREFEITURA Municipal de Cabo Verde-MG. Disponível em: <https://www.caboverde.mg.gov.br/>. Acesso em: 08 set. 2021.

PREFEITURA Municipal de Muzambinho-MG. Disponível em: <https://www.muzambinho.mg.gov.br/conheca-a-cidade>. Acesso em: 08 set. 2021.

R Core Team (2021). *R: A language and environment for statistical computing*. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria, 2018. Disponível em: <https://www.R-project.org/>.

RAMOS, H. *Por uma vida melhor*: Coleção Viver e Aprender. São Paulo: Editora Global, 2011.

RIBEIRO, S. R. *Apagamento da sibilante final em lexemas*: uma análise variacionista do falar pessoense. 2006. 111 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.

RIBEIRO, M. P. *lugar*. Youtube, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rQUnXT066Kc>. Acesso em: 01 dez. 2021.

ROCHA, M; SILVA, A; NEVES, F. Uma análise sobre a ditongação das vogais tônicas finais seguidas de /S/. *Revista Digital*. Buenos Aires. 2015. p. 2-3.

RUBIO, C. F. *Padrões de concordância verbal e de alternância pronominal no português brasileiro e europeu*: estudo sociolinguístico comparativo. 2012. 393f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. São José do Rio Preto. 2012.

_____. Concordância verbal de terceira pessoa do plural no português europeu: variação ou regra semicategórica? *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v.12, n.3, p.786-806, 2015.

SANCHES, R. D.; NUNES PEREIRA, A. Ditongação de vogais diante de /S/ no português falado no Amapá. *Porto das Letras*, v. 6, n. 1, p. 74-92, 17 abr. 2020.

SANTOS, K. C. dos R. *O monitoramento da escrita e a valorização da norma-padrão nas redes sociais*. 2017. 21f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Revisão de Textos) – Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2017.

SAUSSURE, F. de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Editora Cultrix, 2006 [1916].

SENE, M. G. Percepções sociolinguísticas, avaliações subjetivas e atitudes linguísticas: três domínios complementares. *Revista todas as letras* (MACKENZIE. Online), v. 21, p. 304-323, 2019.

SILVA, T. T. da. A produção social da identidade e da diferença. IN: SILVA, T. T. da (org); HALL, S.; WOODWARD, K. *Identidade e diferença a perceptiva dos estudos culturais*. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 73- 102.

SILVA, A. dos. R. *A ditongação em sílabas fechadas por /S/ nas trilhas das capitais brasileiras*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2014. 282f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, Salvador, 2014.

_____. Ditongação diante de <S> em áreas baianas: Sudoeste e Centro-sul. *Rev. Digital: A cor das Letras*. 2018, n. Especial, v.19. p. 95-96.

SILVA, T. C. *Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2017. 288 p.

SILVERSTEIN, M. Indexical order and dialectics of sociolinguistic life. *Language & communication*, University of Chicago, n.23, p.193-229, 2003.

TAMANINE, A. M. B. *Curitiba da gente: um estudo sobre a variação pronominal NÓS/ A GENTE e a gramaticalização de A GENTE na cidade de Curitiba-PR*. Tese de doutorado. UFPR: 2010.

TASCA, M. A inserção de glide em sílaba travada por /S/. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 40, n. 3, p. 137-162, 2005.

TOLEDO, M. Em Minas, Muzambinho dobra a sua população durante o carnaval. *Folha de São Paulo*. São Paulo, mar. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/03/em-minas-muzambinho-dobra-sua-populacao-durante-o-carnaval.shtml>. Acesso em: 10 set. 2021.

TRUDGILL, P. Sex, covert prestige and linguistic change in the urban British English of Norwich. *Language in society*, v. 1, p. 179-196, 1972.

VEIGA, J. E. A relação rural-urbano no desenvolvimento regional. In: *II Seminário Internacional sobre Desenvolvimento Regional*. Santa Cruz do Sul, RS. Anais do II Seminário Internacional sobre Desenvolvimento Regional, 2004.

VELOSO, R. *As três ondas da sociolinguística e um estudo em comunidades de prática*. Alfa, João Pessoa, 2014.

VIANNA, J. S.; LOPES, C. R. dos S. Variação dos Pronomes "NÓS" e "A GENTE". In: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 109-132.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. IN: SILVA, T. T. da (org); HALL, S.; WOODWARD, K. *Identidade e diferença a perspectiva dos estudos culturais*. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 7- 72.

ZILLES, A. M. S. Grammaticalization of ‘a gente’ in Brazilian Portuguese. *University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics*, v. 8, n. 3, p. 297- 310, 2002.

_____. The development of a new pronoun: the linguistic and social embedding of a gente in Brazilian Portuguese. *Language Variation and Change*, v. 17, n. 1, p. 19-53, 2005.

_____. O que a fala e a escrita nos dizem sobre a avaliação social do uso de a gente? *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 27-44, jun. 2007.

ZILLES, A.; GUY, G. R. *Sociolinguística quantitativa – Instrumental de análise*. São Paulo: Parábola, 2007. 239. p.

7. APÊNDICES

APÊNDICE I

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você, _____ está sendo convidado (a) para participar da pesquisa “A gente vai, nós vamos, nós vamos: Um estudo sociolinguístico na região de Muzambinho (MG)” de forma apropriada, voluntária e gratuita, portanto, sua participação não é obrigatória. O objetivo dessa pesquisa é analisar questões de identidade linguística nos falantes das cidades Muzambinho e Cabo Verde. A pesquisa consiste em uma entrevista sociolinguística com a pesquisadora, que abordará perguntas pessoais sobre assuntos diversos, como infância, atividades profissionais, lazer, dentre outros. Após a entrevista, os dados obtidos são descritos, transcritos e quantificados. É necessário ressaltar que os dados pessoais como nome e filiação serão sigilosos e que a sua identificação será feita de forma implícita, revelando apenas o sexo, a profissão, o grau de escolaridade, a região de origem e a faixa etária, religião e práticas sociais. Desta forma, sua identificação será mantida em completo sigilo, durante a pesquisa e após a publicação dos resultados. Qualquer citação de dados, que não os acima citados, só serão feitos mediante seu conhecimento e anuência prévios. A pesquisa comporta riscos mínimos para o participante, como possíveis desconfortos ou constrangimentos, e o pesquisador tomará todas as providências para minimizar ao máximo a possibilidade de eles ocorrerem. No caso de algum dano eventual decorrente da pesquisa, o pesquisador assumirá toda a responsabilidade e o encargo de indenizá-lo e você (entrevistado) também poderá se comunicar com o Comitê de Ética.

O resultado dessa pesquisa traz um benefício para a coletividade, pois permitirá chegar a um conhecimento sobre o fenômeno investigado que pode contribuir para o combate ao preconceito linguístico e social. Sua participação nessa pesquisa não lhe acarretará nenhum custo financeiro, mas caso ocorra alguma despesa imprevista, oriunda das gravações, o pesquisador ressarcirá todos os seus gastos.

A qualquer momento você poderá desistir de participar, não acarretando nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição à qual essa está vinculada. Durante todos os momentos da pesquisa você poderá ter acesso às informações. Para isso, você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço da pesquisadora principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Letícia Gaspar Pinto – RG:

Rua:

CEP:

Cidade: Muzambinho-MG

Telefone:

Instituição: Faculdade de Ciências e Letras do Campus de Araraquara - UNESP, localizada à Rodovia Araraquara-Jaú, Km 1 – Caixa Postal 174 – CEP: 14800-901 – Araraquara – SP – Fone: (16) 3334-6263

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar. O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Faculdade de Ciências e Letras do Campus de Araraquara - UNESP, localizada à Rodovia Araraquara-Jaú, Km 1 – Caixa Postal 174 – CEP: 14800-901 – Araraquara – SP – Fone: (16) 3334-6263 – endereço eletrônico: comitedeetica@fclar.unesp.br

Local e data:

Assinatura do sujeito da pesquisa

APÊNDICE II

Roteiro de entrevista

Cidade

1. Você sempre morou em Muzambinho/Cabo Verde? 2. Você gosta de morar aqui? Por quê? Se tivesse a oportunidade de mudar para outra cidade, você se mudaria? Para qual? 3. Você acha que Muzambinho/ Cabo Verde proporciona uma boa qualidade de vida aos seus moradores? O que poderia ser melhorado? 4. O que você mais gosta em Muzambinho/Cabo Verde e o que você menos gosta? 5. Se você precisasse falar para alguém sobre como é morar em Muzambinho/ Cabo Verde, o que você diria?

Rural

1. Você mora na cidade ou no campo? Se você não mora no campo, você já morou em alguma época de sua vida? E os seus pais? E avós? 2. Você tem muito contato com o campo? Com que frequência você vai à zona rural? 3. Você gosta de ir ao campo? Por quê? 4. Você acha que em Muzambinho/Cabo Verde há muitas pessoas que ainda vivem no campo? Como você acha que isso influencia no modo de vida dos habitantes da cidade? 5. Você considera que Muzambinho/Cabo Verde apresenta alguns traços rurais? Quais? 6. Você acha que Muzambinho/ Cabo Verde apresenta mais traços rurais do que Muzambinho/Cabo Verde? Por quê?

Infância

1. Na escola, que matéria te agradava (ou agrada?). Por quê? 2. Você gostava de estudar? Qual a importância que o estudo tem hoje em dia? 3. Você seria capaz de lembrar o dia mais feliz de sua infância? Conte como foi. E o mais triste? 4. O que você sente ao falar daqueles tempos? Gostaria que voltassem? Acha que eram melhores que hoje? Tinha muitos amigos? Brincava muito com eles? 5. Quais brincadeira você fazia com seus amigos? 6. O que você acredita que as crianças de hoje querem/pensam? 7. Você passou a maior parte de sua infância na cidade ou na zona rural? Você ia ao sítio visitar algum familiar ou amigo? Quais brincadeiras você fazia quando ia ao sítio?

Atividades profissionais

1. Você trabalha? (Onde? Com quê? Gosta do que faz? Já trabalhou em uma profissão diferente? Por que mudou? Com que idade você começou a trabalhar? Por quê?) 2. Gostaria de trocar de profissão? Em que profissão você gostaria de trabalhar? Por quê? 3. Você acha que as pessoas devem começar a trabalhar cedo? Por quê? Acha difícil trabalhar em grupo?

Lazer

1. Costuma ver televisão com a família? Que programas preferem? Que programas vocês não gostam? Por quê? 3. Prefere ficar em casa ou sair com amigos, família etc? O que vocês fazem? 4. Você gosta de viajar? Para qual lugares você já viajou? Que lugares gostaria de conhecer? 5. Você acha que as pessoas de Muzambinho/Cabo Verde têm muitas opções de

lazer? Quais são elas? O que poderia ser melhorado? 6. Quais são os lugares que você e seus amigos/família mais frequentam aqui?

Comidas e gostos

1. Qual a sua comida preferida? 2. Qual a comida você recomendaria para alguém que viesse para Muzambinho/ Cabo Verde? Por quê? 3. Quais comidas lembram sua infância? Você costumava comer com toda a família junta? Se sim, ainda possui esse hábito?

Aspirações

1. Se você ganhasse sozinho na loteria, o que você faria com o dinheiro? 2. Você acha que o dinheiro traz felicidade? Quais sonhos você tem? 3. O que espera que aconteça em Muzambinho/Cabo Verde, que possa melhorar a cidade (política, policiamento, indústrias etc)?

Perigo de vida

1. Você já esteve em alguma situação em que pensou que ia morrer? Como foi? 2. Você já presenciou algum acidente sério? Como foi?

Religião

1. Qual é a importância da religião na sua vida? Sua família é religiosa? 2. Você acredita em milagres? Conhece caso de algum? 3. Você acredita em vida após a morte? Na sua opinião, qual é o nosso destino depois que morremos? 4. Você acha que em Muzambinho/Cabo Verde as pessoas são religiosas? Por quê? 5. Quais são as festas religiosas presentes em sua cidade? Você as frequenta?

Sobrenatural

1. Em alguma ocasião você já sentiu a presença do sobrenatural? Como foi? 2. Já aconteceu de alguma vez você (ou pessoa que você conhece) dizer ou sonhar com algo e depois isso vir a acontecer realmente? Como foi? 3. Você acha possível alguém prever o futuro? 4. Conhece alguém que passou por isso?

MOMENTO GERAL

1. O que você acha do modo de falar das pessoas de Muzambinho/ Cabo Verde? Por quê?

MOMENTO 1

AUDIO 1	Nói
AUDIO 2	A gente
AUDIO 3	Nóis

- a. Pelo modo de falar dessa pessoa, você acha que ela é de Muzambinho ou de Cabo Verde? Por quê?

- b. Tem algo em específico que chamou a sua atenção nesse áudio?
- c. Se você precisasse descrever essa pessoa a alguém, como você descreveria?

MOMENTO 2

AUDIO 1	Nói
AUDIO 2	A gente
AUDIO 3	Nóis

- d. Nesse áudio, a pessoa utilizou o nói/ a gente/nóis para se referir a ela e mais um grupo de pessoas. Você usa essa forma? Em quais situações?
- e. Você acha que o pessoal de Cabo Verde/ Muzambinho utiliza essa forma?